



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO
COMPORTAMENTO
CURSO DE DOUTORADO

JANE PALMEIRA NÓBREGA CAVALCANTI

PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE E CIÚME ROMÂNTICO: correlatos e as
diferenças entre os sexos

Recife
2019

JANE PALMEIRA NÓBREGA CAVALCANTI

**PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE E CIÚME ROMÂNTICO: correlatos e as
diferenças entre os sexos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento.

Área de concentração: Neuropsicopatologia

Orientador: Prof. Dr. Everton Botelho Sougey

Recife
2019

Catálogo na Fonte
Bibliotecária: Mônica Uchôa, CRB4-1010

C376p Cavalcanti, Jane Palmeira Nóbrega.
Percepções da infidelidade e ciúme romântico: correlatos e as diferenças entre os sexos / Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti. – 2019.
160 f.: il.; tab.; quad.

Orientador: Everton Botelho Sougey.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CCS.
Programa de Pós-Graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento. Recife, 2019.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Estudos de validação. 2. Psicometria. 3. Sexo. 4. Ciúme. 5. Infidelidade. I. Sougey, Everton Botelho (Orientador). II. Título.

616.8 CDD (20.ed.)

UFPE (CCS2019-222)

JANE PALMEIRA NÓBREGA CAVALCANTI

**PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE E CIÚME ROMÂNTICO: correlatos e as
diferenças entre os sexos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento.

Aprovada em: 26/07/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Everton Botelho Sougey (Orientador/Presidente da Banca)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Sandra Lopes de Souza (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Iracema da Silva Frazão (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. José Waldo Saraiva Câmara Filho (Examinador Externo)
Universidade Católica de Pernambuco

Prof^a Dr^a Selene Cordeiro Vasconcelos (Examinadora Externa)
Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho ao meu amado pai, Januir Machado Nóbrega, que no decorrer deste doutorado nos deixou fisicamente, mas permanecerá para sempre em nossos corações e lembranças.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Everton Botelho Sougey, pela valiosa oportunidade que me foi concedida em ingressar neste doutorado, pelos ensinamentos acadêmicos e de vida, pelo apoio, compreensão e incentivo.

A todos os professores do Programa de Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento da UFPE por favorecerem o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

À coordenação, aos servidores administrativos e aos estagiários deste programa de doutorado, pela atenção em todos os momentos de dificuldades.

Aos meus colegas de turma, pelo conhecimento compartilhado.

A todos que fazem parte do Núcleo de Pesquisa e Avaliação Comportamental em Grupos de Risco (Nupac-GR), pelas conquistas, parcerias e contribuições.

Aos autores da *Perceptions of Dating Infidelity Scale*, que autorizaram, por meio desta tese, os procedimentos de adaptação e validação do instrumento no Brasil.

Um agradecimento especial a todos os participantes voluntários desta pesquisa (tradutores, juízes e estudantes) que permitiram que chegássemos aos resultados e objetivos que foram alcançados.

Ao Centro de Ciências da Saúde da UFPE e ao Centro Universitário UniFBV/Wyden (Faculdade Boa Viagem), por propiciarem a coleta de dados.

Ao tradutor Mark Burr, pela eficiência e presteza.

Aos examinadores da qualificação e da defesa, Profa. Dra. Sandra Lopes, Prof. Dr. Leonardo Machado, Profa. Dra. Iracema Frazão, Profa. Dra. Selene Vasconcelos, Profa. Dra. Tatiana de Paula, Profa. Dra. Ana Elisa Toscano, Prof. Dr. José Waldo Saraiva, Profa. Dra. Marília Pereira, por acrescentarem novas reflexões e aprimoramentos à tese.

A Tatiana e Selene minha sincera amizade e gratidão por todo carinho, estímulo e suporte que recebi diante das adversidades.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), pelo auxílio e valorização à minha carreira profissional enquanto docente da instituição. Agradeço, sobretudo, ao diretor geral do Campus Ipojuca, Prof. Dr. Enio Camilo de Lima, que além da amizade e parceria, viabilizou as minhas atividades neste doutorado.

Aos queridos servidores do IFPE/Campus Ipojuca pela força e companheirismo.

Às minhas queridas amigas Pollyane Diniz, Vanessa dos Santos, Fernanda Menezes, Kátia Santiago e Isabelle Meira, por fazerem parte da minha vida e por terem me acolhido em momentos fundamentais.

Ao meu oncologista, Dr. Marcelo Salgado, e a minha mastologista, Dra. Denise Sobral, pela resignificação de um tratamento tão árduo e por terem me motivado, intensivamente, a concluir este doutorado.

Aos meus familiares, especialmente a minha mãe, Maria do Céu, pela proteção e por ter conduzido meus passos pela vida. Ao meu irmão Jarley, que me estimulou e esteve presente nas fases em que precisei ser amparada, bem como às minhas cunhadas Ana Carolina e Ana Cláudia, que no mais puro afeto e solidariedade, amenizaram dores e aflições. Aos meus sobrinhos Guilherme e Gabriela, por tornarem a minha vida mais iluminada. Aos meus sogros José Roberto e Rejane por tudo que fazem por nossas vidas.

Ao meu marido Alexandre, aos meus filhos Itamar e Gabriel, pelo amor, compreensão e por darem ainda mais sentido a minha existência.

A Deus, pela minha continuidade nesta vida, com esperança e coragem.

RESUMO

O objetivo geral desta tese foi avaliar as relações entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico e as diferenças entre os sexos. Utilizaram-se duas medidas: (1) a *Perceptions of Dating Infidelity Scale* (PDIS), sem precedentes de adaptação transcultural e validação no Brasil, composta por três fatores (comportamentos ambíguos, comportamentos enganosos e comportamentos explícitos) e (2) o Inventário de Ciúme Romântico – Revisado (ICR-R) com seis fatores (não contato com o parceiro, contato parceiro-rival, agressão ao parceiro, agressão ao rival, autoestima e investigação). Na Etapa 1, as traduções, adaptação transcultural e validação de conteúdo da PDIS, contou com tradutores, juízes e participantes do pré-teste; A Etapa 2 reuniu evidências de validade de construto, consistência interna e teste do modelo da Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento Amoroso (EPIRA/adaptação em português da PDIS); validade de critério nas correlações com o ciúme romântico e análise das diferenças entre os sexos. Contou-se com uma amostra de 252 estudantes de graduação e pós-graduação que responderam a EPIRA, o ICR-R e questões sobre o relacionamento amoroso, vivências de infidelidade e sociodemográficas. Os resultados da Etapa 1 indicaram a adequação da EPIRA com equivalências conceitual e idiomática para cultura brasileira e médias satisfatórias dos coeficientes de validade de conteúdo e dimensão teórica. Na Etapa 2, a análise fatorial exploratória da EPIRA evidenciou três fatores, semelhante a escala original. Índices adequados de qualidade de ajuste do modelo foram constatados na análise fatorial confirmatória, bem como níveis aceitáveis de confiabilidade. Nos correlatos, observaram-se correlações positivas dos comportamentos ambíguos e enganosos das percepções da infidelidade com cinco fatores do ciúme – não contato com o parceiro, contato parceiro-rival, agressão ao parceiro, agressão ao rival e investigação – e dos comportamentos explícitos das percepções da infidelidade com o fator contato parceiro-rival do ciúme. Uma regressão linear hierárquica revelou os comportamentos ambíguos como os principais preditores do ciúme. Testes de qui-quadrado apresentaram associações significativas entre as vivências de infidelidade e o sexo do participante. Em relacionamentos anteriores as mulheres obtiveram maiores percentuais em “ter sido traída” e os homens em “ter traído”. Na relação atual, homens, mais que as mulheres, relataram que “poderiam trair”, “já tinham traído” e “estavam traído”. A análise multivariada de variância (MANOVA) confirmou as diferenças entre os sexos, sendo as mulheres mais propensas do que os homens em indicar os comportamentos ambíguos como infidelidade e atribuir mais ciúme ao contato parceiro-rival e à agressão ao parceiro. Adicionando as variáveis “grau de importância” e “tipo de relacionamento”,

verificou-se que as mulheres que declararam o relacionamento como “importante” ou “totalmente importante” e vivenciavam uma relação do tipo “fechada”, foram mais tendentes do que os homens em indicar os comportamentos explícitos como traição. Os homens apresentaram maior inclinação à autoestima do ciúme (baixa autoestima) do que as mulheres, característica igualmente encontrada quando vivenciavam uma relação do tipo “fechada”. Concluiu-se que as mensurações das percepções da infidelidade e do ciúme romântico sugerem reações emocionais, cognitivas e comportamentais distintas entre homens e mulheres. Espera-se que estes resultados possam ser aplicados em pesquisas futuras.

Palavras-chave: Estudos de validação. Psicometria. Sexo. Ciúme. Infidelidade.

ABSTRACT

The general objective of this thesis was to evaluate the relationships between the perceptions of infidelity and romantic jealousy, as well as the differences between the sexes. Two measuring methods were used: (1) The Perceptions of Dating Infidelity Scale (PDIS), unprecedented in cross-cultural adaptation and validation in Brazil, composed of three factors (ambiguous behaviors, misleading behaviors and explicit behaviors); and (2) The Inventory of Romantic Jealousy - Revised (ICR-R) with six factors (no contact with partner, contact with rival-partner, partner aggression, rival aggression, self-esteem and investigation). In Step 1, the translations, cross-cultural adaptation and content validation of the PDIS, included translators, judges and pretest participants. Step 2 gathered evidence of construct validity, internal consistency and test of the model of the Perceptions of Infidelity Scale in Amorous Relationships (EPIRA/PDIS Portuguese adaptation); validity of criteria in the correlations with romantic jealousy; and an analysis of differences between the sexes. The research included a sample of 252 undergraduate and graduate students who answered the EPIRA, the ICR-R and questions about their loving relationship, and infidelity and sociodemographic experiences. The results of Step 1 indicated the adequacy of the EPIRA with conceptual and idiomatic equivalences for Brazilian culture and satisfactory averages of the coefficients of content validity and the theoretical dimension. In Step 2, the exploratory factorial analysis of the EPIRA revealed three factors, similar to the original scale. Adequate indexes of adjustment quality of the model were found in the confirmatory factorial analysis, as well as acceptable levels of reliability. In the reporting, the study observed positive correlations of ambiguous and deceptive behaviors of infidelity perceptions with five jealous factors – no contact with the partner, rival-partner contact, partner aggression, rival aggression, and investigation – and explicit behaviors of infidelity perception with the rival-partner contact factor. A hierarchical linear regression revealed the ambiguous behaviors as the main predictors of jealousy. Chi-square tests showed significant associations between the infidelity experiences and the participant's sex. Regarding previous relationships, women reported higher percentages in “having been betrayed” and men in “betraying”. In current relationships, men more than women reported that they “could betray”, “had betrayed” or that they “were betraying”. The multivariate analysis of variance (MANOVA) confirmed the differences between the sexes, with women more likely than men to indicate ambiguous behaviors such as infidelity and to attribute more jealousy to partner-rival contact and partner aggression. When adding the variables “degree of importance” and “type of relationship”, the

study found that women who declared the relationship “important” or “totally important” and experienced a “closed” relationship, were more inclined than men to indicate the explicit behaviors as betrayal. Men were more inclined to jealousy self-esteem (low self-esteem) than women, a characteristic also found when they reported having a “closed” relationship. The study concluded that the measurements of perceptions of infidelity and romantic jealousy suggest different emotional, cognitive and behavioral reactions between men and women. These results are expected to be useful in future research.

Keywords: Validation studies. Psychometry. Jealousy. Infidelity. Sex.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema metodológico aplicado na tese.....	35
Quadro 1 – Perfil dos tradutores.....	38
Quadro 2 – Perfil dos membros do comitê de juízes da síntese das traduções.....	39
Quadro 3 – Perfil dos membros do comitê de <i>experts</i>	39
Quadro 4 – Perfil dos tradutores da <i>back-translation</i>	41
Quadro 5 – Materiais e instrumentos utilizados na Etapa 1.....	43
Quadro 6 – Resultados das traduções.....	46
Quadro 7 – Resultados do consenso entre os juízes avaliadores da síntese das traduções.....	49
Quadro 8 – Resultados do pré-teste.....	57
Quadro 9 – Versões retrotraduzidas da EPIRA (<i>back-translation</i>).....	60
Figura 2 – Distribuição gráfica (<i>scree plot</i>) dos valores próprios da EPIRA.....	73
Figura 3 – Plotagem dos fatores rodados no espaço fatorial.....	75
Figura 4 – Diagrama do modelo trifatorial da EPIRA.....	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Diretrizes para interpretação do CVC.....	52
Tabela 2 – Diretrizes para interpretação do coeficiente Kappa.....	52
Tabela 3 – Escores dos coeficientes de validade de conteúdo (CVC) e dimensão teórica.....	54
Tabela 4 – Distribuição de frequência dos dados sociodemográficos, a sexualidade em geral e questões sobre o relacionamento dos participantes da Etapa 2 (n = 252).....	65
Tabela 5 – Estrutura fatorial da EPIRA.....	74
Tabela 6 – Matriz de correlação inter-itens.....	77
Tabela 7 – Consistência interna em outros grupos ou culturas.....	78
Tabela 8 – Médias dos escores, desvio padrão para cada item, correlação item-total corrigida e consistência interna (alfa de Cronbach) se o item for excluído.....	79
Tabela 9 – Covariâncias entre pares de parâmetros de erros da EPIRA.....	82
Tabela 10 – Matriz de correlação das percepções da infidelidade e o ciúme romântico.....	85
Tabela 11 – Modelos explicativos do ciúme medidos pelas percepções da infidelidade.....	87
Tabela 12 – Frequência das respostas das vivências de infidelidade.....	89
Tabela 13 – Resultados de qui-quadrado para associação entre as vivências de infidelidade e o sexo do participante.....	90
Tabela 14 – Resultados dos testes multivariados das comparações entre os sexos enquanto respostas às percepções da infidelidade e ao ciúme romântico.....	91

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1	A INFIDELIDADE.....	19
2.1.1	Perspectiva evolucionista da infidelidade: razões, reações e as diferenças entre os sexos.....	19
2.1.2	Percepções da infidelidade.....	23
2.2	O CIÚME ROMÂNTICO.....	24
2.2.1	O ciúme patológico nas relações amorosas.....	28
3	HIPÓTESE.....	32
4	OBJETIVOS.....	33
4.1	OBJETIVO GERAL.....	33
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	33
5	MÉTODO.....	34
5.1	DELIANEAMENTO.....	34
5.2	LOCAL DO ESTUDO E ASPECTOS ÉTICOS.....	36
5.3	ETAPA 1 – TRADUÇÕES, ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL E VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO DA <i>PERCEPTIONS OF DATING INFIDELITY SCALE</i> (PDIS).....	36
5.3.1	Participantes dos processos das traduções, adaptação transcultural, validação de conteúdo.....	36
5.3.1.1	Tradução.....	37
5.3.1.2	Síntese das traduções (versão preliminar).....	38
5.3.1.3	Validação de conteúdo (comitê de <i>experts</i>).....	39
5.3.1.4	Pré-teste.....	40
5.3.1.5	Tradução reversa (<i>back-translation</i>).....	41
5.3.2	Materiais e instrumento.....	41
5.3.3	Procedimento.....	44
5.3.4	Tabulação e análise dos dados.....	46
5.3.5	Resultados.....	46
5.3.5.1	Tradução.....	46
5.3.5.2	Síntese das traduções (versão preliminar).....	47
5.3.5.3	Validação de conteúdo (comitê de <i>experts</i>).....	50
5.3.5.4	Pré-teste.....	56
5.3.5.5	Tradução reversa (<i>back-translation</i>).....	59

5.3.6	Discussão.....	61
5.4	ETAPA 2 – PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO AMOROSO (EPIRA), CORRELAÇÃO COM O CIÚME ROMÂNTICO E AS DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS.....	62
5.4.1	Participantes.....	63
5.4.2	Instrumentos.....	66
5.4.3	Procedimento.....	71
5.4.4	Tabulação e análise dos dados.....	71
5.4.5	Resultados	72
5.4.5.1	Testes das propriedades psicométricas.....	72
5.4.5.1.1	<i>Análise fatorial exploratória e confiabilidade da EPIRA.....</i>	<i>72</i>
5.4.5.1.2	<i>Análise fatorial confirmatória da EPIRA.....</i>	<i>80</i>
5.4.5.2	Correlatos entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico.....	84
5.4.5.3	Diferenças entre os sexos.....	88
5.4.5.3.1	<i>Vivências de infidelidade.....</i>	<i>88</i>
5.4.5.3.2	<i>Comparações entre os sexos enquanto respostas às percepções da infidelidade e ao ciúme romântico.....</i>	<i>90</i>
5.4.6	Discussão.....	93
5.4.6.1	Quanto aos parâmetros psicométricos da Escala de Percepções da Infidelidade nos Relacionamentos Amorosos – EPIRA.....	93
5.4.6.2	Quanto às correlações entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico.....	95
5.4.6.3	Quanto às diferenças entre os sexos.....	98
5.4.6.4	Limitações, áreas beneficiadas e direções futuras.....	106
6	CONCLUSÃO.....	111
	REFERÊNCIAS.....	114
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE/VERSÃO TRADUTORES E JUÍZES DA ETAPA 1).....	128
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO [TCLE/VERSÃO DOS PARTICIPANTES DA ETAPA 1 (PRÉ-TESTE) E DA ETAPA 2].....	130
	APÊNDICE C – BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO E INSTRUÇÕES DO PROCESSO DE VALIDAÇÃO DA ESCALA DE PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO.....	132
	APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO COMITÊ DE EXPERTS.....	135
	APÊNDICE E – VERSÃO DA EPIRA PARA A TRADUÇÃO.....	138

REVERSA (BACK-TRANSLATION).....	
APÊNDICE F – CARTA CONVITE AO COMITÊ DE <i>EXPERTS</i>.....	141
APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO (ETAPA 2).....	143
ANEXO A – VERSÃO ORIGINAL DA <i>PERCEPTIONS OF DATING INFIDELITY SCALE (PDIS)</i>.....	150
ANEXO B – INVENTÁRIO DE CIÚME ROMÂNTICO – REVISADO (ICR-R).....	151
ANEXO C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS.....	154
ANEXO D – COMPROVAÇÃO DE SUBMISSÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO.....	159

1 INTRODUÇÃO

A infidelidade é concebida como uma das principais motivações para a dissolução de uma relação amorosa por quebrar os acordos de exclusividade entre um casal que não aceita o envolvimento afetivo ou sexual do(a) parceiro(a) como uma terceira pessoa (AFIFI; FALATO; WEINER, 2001). Ainda que seja vista como universal, sua prática é raramente aceitável socialmente (EGAN; ANGUS, 2004), sendo uma das razões mais citadas para o divórcio, frequentemente mencionada nos processos psicoterapêuticos, bem como um dos problemas mais difíceis de tratar e um dos mais prejudiciais e impactantes para o relacionamento amoroso, afirmam Wilson et. al. (2011).

Pesquisas sobre infidelidade, especialmente as que são baseadas na perspectiva evolucionista, têm abordado frequentemente a influência exercida pelas diferenças entre os sexos (BECKER et al., 2004; CONFER; CLOUD, 201; GOETZ et al., 2005; LOPES, 2017; SHACKELFORD; BUSS; BENNETT, 2002), as razões sexuais e afetivas (BUSS, 2018; FREDERICK; FALES, 2016; WALSH; MILLAR; WESTFALL, 2019) e o ciúme enquanto reação ao se descobrir uma traição (BENDIXEN; KENNAIR; BUSS, 2015; BUSS; ABRAMS, 2017; SAGARIN et al., 2003; SCHÜTZWOHL, 2004).

Traços de personalidade como o narcisismo (ALAVI; MEI; MEHRINEZHAD, 2018; BREWER et al., 2015) e os níveis de extroversão, socialização, conscienciosidade, neuroticismo e abertura para experiência relativos ao Modelo dos Cinco Grandes Fatores (*Big Five*) também são comumente estudados (ALTGELT et al., 2018; BUSS; PENKE, 2015; BARTA; KIENE 2005; MARK; JANSSEN; MILHAUSEN, 2011; SHACKELFORD; BESSER; GOETZ, 2008), do mesmo modo que a qualidade e a satisfação com o relacionamento por serem apontadas como preditores evidentes para se cometer um ato de infidelidade (BUSS; SHACKELFORD, 1997; ISANEJAD; BAGHERI, 2018; PREVITI; AMATO, 2004).

A constatação ou a dúvida de uma traição pode causar intenso sofrimento emocional, com sensações desagradáveis, incluindo frustração, problemas relacionados à autoestima e depressão (EGAN; ANGUS, 2004) e, em alguns casos, comportamentos agressivos (WILSON et al., 2011). O ciúme surge nesse contexto como uma reação emocional complexa e desagradável, que envolve raiva, ansiedade e tristeza, além de cognições e tendências comportamentais (BUENO; CARVALHO, 2012), podendo originar-se com o controle e as estratégias de manutenção das relações românticas, gerando conflitos e assumindo, em alguns casos, características patológicas, afirma Alferes (2002).

A diversidade de reações entre homens e mulheres diante do fenômeno da infidelidade está diretamente vinculada ao ciúme (CANTO ORTIZ; GARCÍA LEIVA; JACINTO, 2009; FUENTES CUIÑAS, 2013). Assim, pesquisar como as pessoas percebem a infidelidade, bem como as condições preditoras de ciúme, promove novas descobertas, ampliam espaços para pesquisadores e proporciona aos profissionais, especialmente nas áreas de psicologia e psiquiatria uma melhor compreensão sobre os relacionamentos amorosos. Também favorece a constituição de novas hipóteses e o estudo de outras variáveis associadas à infidelidade e ao ciúme como a autoestima, personalidade, impulsividade e condutas agressivas (RODRIGUES; LOPES, 2017).

Embora a díade infidelidade-ciúme tenha sido uma temática amplamente estudada nos últimos 40 anos (SCHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018; VIEGAS; MOREIRA, 2013), no Brasil ainda são escassas pesquisas sobre as reações emocionais, comportamentais e cognitivas que as compõe (CAVALCANTI, 2007; TOKUMARU et al., 2010). Nesse sentido, esta tese¹ de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento da Universidade Federal de Pernambuco, teve como objetivo avaliar as relações entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico e as diferenças entre os sexos. Logo, espera-se que este trabalho torne-se uma opção de referencial científico para os futuros estudos compostos por processos de validação de instrumentos e sobre a infidelidade e o ciúme, contribuindo para a expansão da avaliação psicológica e do conhecimento acerca dos relacionamentos amorosos no contexto brasileiro.

Por tratar-se de fenômenos com reconhecida complexidade, o estudo da infidelidade e do ciúme requer a utilização de medidas válidas e precisas. Diante da constatação da inexistência de instrumentos desenvolvidos para mensurar as percepções da infidelidade no contexto brasileiro, decidiu-se inicialmente por realizar procedimentos robustos e sistematizados para adaptar e validar a *Perceptions of Dating Infidelity Scale* (PDIS), escala norte-americana sem registros na literatura científica de validação cujo idioma e cultura de destino fossem o português do Brasil. Na sequência, procederam-se os testes da hipótese de pesquisa por meio de estudo correlacional entre as medidas das percepções da infidelidade e do ciúme romântico, além das comparações das diferenças entre os sexos.

¹ O produto ora apresentado foi formatado considerando as orientações da Divisão de Gestão de Dados e Tecnologia da Informação da Biblioteca Central da UFPE e diretrizes dos documentos disponibilizados na página eletrônica da instituição: Guia para a elaboração e apresentação dos elementos pré-textuais de teses e dissertações conforme as normas da ABNT (SANTIAGO, 2018) e templates dos elementos pré-textuais.

Portanto, procurou-se organizar a fundamentação teórica em duas partes principais: a primeira abordando a infidelidade, procurando contextualizá-la com base na perspectiva evolucionista, bem como se apresentam concepções acerca das percepções da infidelidade; e a segunda expondo a temática do ciúme romântico, também embasada nas teorias psicológicas evolutivas, encerrando com um breve levantamento sobre o ciúme patológico.

Após as partes eminentemente teóricas, expõe-se o desenvolvimento do método, dividido em duas etapas: Etapa 1, voltada às análises iniciais do processo de validação da PDIS, incluindo tradução, adaptação transcultural, validação de conteúdo, pré-teste e tradução reversa; e Etapa 2, caracterizada com as análises das validades de construto e critério, sendo realizados os testes psicométricos do instrumento a ser validado, além das avaliações correlacionais, comparativas e preditivas entre as percepções da infidelidade, o ciúme romântico e as diferenças entre os sexos.

Os resultados das duas etapas são apresentados enquanto descrição dos principais achados, avaliados por meio das variáveis de interesse, seguidos de suas respectivas discussões. Enquanto produto final, acrescentou-se na discussão da Etapa 2, eventuais limitações, últimas ponderações e as direções futuras com indicações dos prováveis temas que deverão merecer a atenção dos pesquisadores interessados em ampliar o conhecimento acerca dos fenômenos da infidelidade e do ciúme. Por fim, a conclusão encerra esta tese de doutorado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A INFIDELIDADE

A manutenção de um relacionamento amoroso pode ser algo complexo, gerando uma série de desafios e adaptações que muitas vezes conduzem a conflitos. A infidelidade assume uma das maiores adversidades dessa manutenção por ameaçar a estabilidade da união de um casal (SHACKELFORD et al., 2005). Embora seja caracterizada frequentemente de formas diversas e multifacetadas por pesquisadores e leigos (WEISER et al., 2014), a infidelidade é considerada como a maior “transgressão” e “violação” à exclusividade conjugal em um relacionamento considerado fixo, estável ou duradouro, por referir-se ao comportamento afetivo e/ou sexual com uma terceira pessoa (AFIFI; FALATO; WEINER, 2001). Sua definição é complexa e não há um conjunto específico de critérios que seja convencionado na literatura científica e clínica (BLOW; HARTNETT, 2005), já que muitos comportamentos podem ser apontados como inaceitáveis dependendo de fatores culturais ou sociais (SILVA et al., 2017).

Buss e Shackelford (1997) sugerem que o sofrimento das mulheres não é maior que o sofrimento dos homens e estimam que no curso de uma união cerca de 30 a 60% dos homens, e de 20 a 50% das mulheres cheguem a trair o(a) parceiro(a). Apesar das evidências de que nem todas as pessoas finalizam o relacionamento após descobrirem um caso de infidelidade do(a) parceiro(a), especialmente quando há estratégias para minimizar a ameaça à estabilidade do casal, como a revelação da traição e reparo dos prejuízos causados mediante pedido de perdão (AFIFI; FALATO; WEINER, 2001), a ocorrência da infidelidade pode gerar consequências negativas para os indivíduos que estão envolvidos de forma direta, bem como para os terceiros, por exemplo, os filhos (WILSON et al., 2011).

2.1.1 Perspectiva evolucionista da infidelidade: razões, reações e as diferenças entre os sexos

A perspectiva evolucionista foi difundida a partir da década de 1990 por psicólogos que passaram a aplicar as teorias de Darwin aos comportamentos dos seres humanos (HARRIS, 2004), cujas pesquisas foram e são conduzidas predominantemente em países europeus, norte-americanos e asiáticos (FERNANDEZ et al., 2006). Apesar de ser

considerada uma nova abordagem, trata-se também de uma das mais antigas, afirmam Atkinson et al. (2002):

A ideia central é que, assim como os mecanismos biológicos, os mecanismos psicológicos devem ter evoluído durante milhões de anos através de um processo de seleção natural, o que significa que eles têm uma base genética e, no passado mostraram-se úteis para a espécie humana na resolução de alguns problemas de sobrevivência ou no aumento das chances de reprodução (p. 655).

Como parte integrante da ciência cognitiva e comportamental, a perspectiva evolucionista compreende a mente humana como programada para pensar e agir de determinadas maneiras. Tal condição difere ao pressuposto da psicologia cognitiva que considera que os seres humanos necessitam de experiências para processar informações. Contudo, sabe-se que as duas concepções são complementares e que suas origens teóricas e científicas partem de conteúdos semelhantes (MORRIS; MAISTO, 2004).

Assim, sentir, perceber, tomar decisões, resolver problemas, julgar, imaginar, etc. representam processos mentais que envolvem a cognição e, apesar de não observáveis diretamente, podem sê-los por meio dos comportamentos que levam às suas inferências. Portanto, seguindo os princípios da ciência cognitiva pela busca de dados empíricos, mensurando ou quantificando resultados (NEUFELD; BRUST; STEIN, 2011), tem-se a psicologia evolucionista como uma direção adicional para as pesquisas sobre as emoções, cognições e comportamentos dos seres humanos, sendo atualmente a principal contribuinte aos estudos acerca da infidelidade e do ciúme; Tal perspectiva, também tem vislumbrado, mesmo que preliminarmente, explicações para os comportamentos tidos como excessivos e/ou patológicos (por exemplo, a agressão e o ciúme).

Para Viegas e Moreira (2015), em termos teóricos, a noção psicológica baseada na perspectiva evolutiva apresenta contributos relevantes para a explicação dos comportamentos envolvendo as relações amorosas contrastando com outras que não indicavam os potenciais preditores ou pouca importância assumiram na previsão dos comportamentos. Também impulsionou o teste de hipóteses, bem como ilustrou o valor heurístico desta perspectiva, guiando pesquisadores em descobrir elementos previamente desconhecidos (BUSS, 2018).

Nos estudos que buscam medir sistematicamente fenômenos inerentes às relações amorosas, como a infidelidade e o ciúme, o sexo dos indivíduos consta como uma variável inevitavelmente implicada. São pesquisas que apresentam, majoritariamente, a comparação entre homens e mulheres enquanto protagonistas das relações heterossexuais expressa, por

exemplo, em Almeida Rodrigues e Silva (2008), Arnocky, Pearson e Vaillancourt (2015), Attridge (2013), Buss e Shackelford (1997), Fernandez et al. (2006), Kruger et al. (2013), Shackelford, Buss e Bennett (2002), Schützwohl (2004), Schützwohl e Koch (2004), Takahashi et al. (2006), Tokumaru et al. (2010) e Zengel, Edlund e Sagarin (2013).

Apesar de serem em menor número, também são observadas investigações acerca da infidelidade e do ciúme envolvendo as relações homoafetivas como em Brewer (2014), Confer e Cloud (2011), Dijkstra et al. (2001) e Sagarin et al. (2003), ou mesmo as relações consideradas não convencionais, a exemplo do poliamor em Grunt-Mejer (2014) e Rubinsky (2018).

Uma variedade de teorias foi desenvolvida buscando explicações para a ocorrência da infidelidade ou sobre as reações de uma pessoa ao descobrir que está sendo traída (BUSS, 2018). Porém, a visão de que as respostas à infidelidade afetiva e sexual são diferentes entre homens e mulheres é consistente com os conceitos de traição na perspectiva evolucionista.

Segundo David Buss (2002, 2018), um dos precursores da psicologia a estudar a infidelidade seguindo preceitos evolucionistas, verificou-se através da história da evolução humana que os indivíduos ao longo dos tempos utilizaram a busca de um(a) companheiro(a) enquanto estratégia de adaptação e reprodução. Para essa relação tornar-se bem sucedida, eram necessárias algumas soluções que resolvessem problemas específicos, por exemplo, a procura por um(a) parceiro(a) com garantia de fertilidade e o devido afastamento de outros indivíduos que porventura pudessem atraí-lo(a) ou “rouba-lo(a)”.

Desta forma, entre os antepassados humanos, um único evento de infidelidade sexual cometido pela mulher colocaria em risco a certeza da paternidade masculina. Contrariamente, um único ato de infidelidade sexual cometido pelo homem não ocasionaria tal risco, pois a genética materna não era comprometida (SHACKELFORD; BUSS; BENNETT, 2002). Assim, se prediz que as diferenças nos mecanismos psicológicos ligados aos relacionamentos amorosos e à reprodução humana tenham surgido nos domínios em que os dois sexos enfrentaram, recorrentemente, problemas adaptativos ao longo da história evolutiva (BECKER et al., 2004; BUSS, 2018; GOLDENBERG et al., 2003; HARRIS, 2004; SHACKELFORD, 2001).

No mundo contemporâneo, as razões afetivas incluiriam insatisfação no relacionamento, falta de carinho, atenção ou negligência por parte do(a) parceiro(a). As razões sexuais estariam pautadas em querer uma variedade maior de parceiros(as), maior frequência de relações sexuais e ter um(a) parceiro(a) com diferentes interesses sexuais (WILSON et al., 2011). Além disso, de acordo com Weiser et al. (2018) os indivíduos podem se envolver em

um tipo combinado de infidelidade, caracterizado por envolvimento emocional e físico simultaneamente.

Considerando que as reações de homens e mulheres à traição diferem dependendo da natureza da infidelidade, ou seja, se afetiva ou sexual, Schützwohl (2004) e Schützwohl e Koch (2004) destacam que as mulheres seriam relativamente mais propensas em desenvolver reações intensas em resposta à infidelidade afetiva e os homens como resposta à infidelidade sexual. A propósito, Buss et al. (1992) em uma das pesquisas precursoras sobre a infidelidade, apresentaram evidências experimentais a tal hipótese quando analisaram homens e mulheres que foram instruídos a imaginar sobre um dos dois tipos de infidelidade. Este estudo demonstrou que as medidas da atividade cutânea e dos batimentos cardíacos comprovam as diferenças quanto aos impactos causados pela infidelidade, cujos efeitos foram acentuados nas mulheres ao imaginar a infidelidade afetiva e nos homens quando pensaram na infidelidade sexual (SAGARIN et al., 2003).

Nos resultados do estudo de Becker et al. (2004) sobre as diferenças sexuais e respostas emocionais da infidelidade, a raiva e a aversão são eliciadas em maior proporção nas reações à infidelidade do tipo sexual do que à infidelidade do tipo afetiva, tanto para homens quanto para mulheres. As mulheres, principalmente as que estão envolvidas em relacionamentos estáveis, relatam suas reações emocionais mais intensamente em comparação aos homens.

Perdão, vingança, agressão física e/ou verbal, separação, além dos relatos de sofrimento psíquico estão entre as reações mais comumente citadas ao se desvelar ou se supor uma traição. Fatores como insegurança (SHACKELFORD; BUSS; BENNETT, 2002), necessidade de compensar a solidão, reparar a ofensa, impulsividade, baixa tolerância (MAIRAL, 2004), além dos aspectos que correspondem à teoria evolutiva da emoção como as características de possessividade e o ciúme (BUSS; SHACKELFORD, 1997), dão origem a quadros de intensa ansiedade, podem influenciar fortemente na cognição e no comportamento dos indivíduos (ARNOCKY et al., 2015).

Logo, a compreensão do fenômeno da infidelidade possui grande relevância, uma vez que está ligado ao amor, à união em longo prazo e aos compromissos de fidelidade. Ao mesmo tempo, é complexo e com frequência está imbricado de componentes excessivos, como nos casos de ciúme, especialmente o patológico, agressão ao(a) parceiro(a) e crimes passionais (BUSS, 2018, 2000).

2.1.2 Percepções da infidelidade

Como citado anteriormente, a infidelidade passou a ser estudada mais extensivamente nas últimas quatro décadas. As discussões têm sido majoritariamente acerca da sua prevalência, incidência no ciclo de vida, fatores de predisposição e diferenças entre os sexos. Porém, ainda não está clara a sua definição, asseguram Scheeren, Apellániz e Wagner (2018). Assim, segundo Viegas e Moreira (2013), há uma tendência dos instrumentos de avaliação reduzir-se muitas vezes a uma única questão com respostas dicotômicas ou a classificações mais restritas levando a resultados incertos, insuficientes e até mesmo contraditórios.

Por isso, para além das discussões teóricas acerca do conceito, parece ser essencial analisar as percepções que as pessoas têm sobre comportamentos que seriam considerados como infidelidade e quais as características que os tornam mais ou menos graves em termos de violação das regras de uma relação de casal. Pouco se sabe sobre quais comportamentos as pessoas acreditam serem indicativos de infidelidade em relacionamentos amorosos, particularmente quando se trata de atitudes em relação à percepção de comportamentos não sexuais. Neste sentido, Wilson et al. (2011) desenvolveram a *Perceptions of Dating Infidelity Scale* (PDIS), instrumento que mede como comportamentos específicos podem ser percebidos como infidelidade e quais seriam suas intensidades. Os comportamentos foram divididos em três aspectos:

- 1) Ambíguos – comportamentos que não se apresentam claramente como traição ou se há uma intenção real, mas existe a possibilidade de que a traição possa estar ocorrendo;
- 2) Enganosos – comportamentos que poderiam ocorrer sem que o(a) parceiro(a) estivesse ciente e parece existir a intenção de enganá-lo(la); e
- 3) Explícitos – associados tipicamente à infidelidade por conter comportamentos relacionados ao envolvimento emocional ou sexual do(a) parceiro(a) com uma terceira pessoa.

Os autores realizaram dois estudos, sendo o primeiro com a finalidade de testar os itens elaborados e a escala de resposta e o segundo que buscou confirmar a estrutura fatorial, o modelo teórico e as correlações da PDIS com outros construtos que poderiam influenciar nas percepções da infidelidade. Quanto à aplicação da PDIS em outros grupos ou culturas, observam-se atualmente estudos realizados, por exemplo, na República Tcheca (ZEMÁNKOVÁ, 2014), em Portugal (RODRIGUES; LOPES; PEREIRA, 2017; SILVA et

al., 2017) e na Argentina (FUENTES CUIÑAS, 2013; FUENTES CUIÑAS; KOVAL, 2018). Além disso, outras pesquisas em contexto norte-americano também utilizaram a PDIS ao analisarem como atitudes de infidelidade poderiam ser preditoras de fidelidade (HACKATHORN et. al., 2011) e em estudo exploratório considerando indivíduos que estavam vivenciando relacionamentos não tradicionais (COHEN, 2016).

Algumas considerações foram mencionadas no estudo original da PDIS, tais como:

- a) Nos campos teórico e científico ainda é incerto um consenso sobre quais comportamentos constituem a infidelidade e quais são os mais ou menos aceitáveis;
- b) Supõe-se a existência de diferenças entre homens e mulheres em suas reações à infidelidade sexual e à infidelidade emocional;
- c) Nos achados preliminares, a infidelidade pode ser classificada em comportamentos que variam qualitativa e quantitativamente (ou seja, em intensidade), sendo os comportamentos ambíguos (por exemplo, comer ou beber, abraçar e dançar) vistos como menor indicativo de traição, os comportamentos enganosos (como mentir ou omitir informações) como moderadamente indicativos de traição e os comportamentos explícitos (por exemplo, relação sexual e sexo oral) como mais indicativos de traição.

Portanto, torna-se essencial a avaliação das percepções da infidelidade, tendo em vista a suposição de que a traição é composta por outros elementos e não apenas pelo descumprimento das regras estabelecidas de monogamia. Conforme Wilson et al. (2011), a prevalência da infidelidade é evidente, assim como o seu impacto na maior parte das relações amorosas. Sendo assim, na busca de outros fenômenos que possam contribuir ao entendimento das percepções da infidelidade, o estudo do ciúme apresenta-se como primordial à apreensão dos componentes emocionais, cognitivos e comportamentais implicados.

2.2 O CIÚME ROMÂNTICO

Tema constante em diversas matérias e reportagens na mídia em geral, além de conteúdo recorrente no mundo das artes, sendo fonte de inspiração para músicas, poesias, novelas, peças teatrais, pinturas e óperas, a manifestação do ciúme vem sendo retratada ao longo da história (BUENO; CARVALHO, 2012; SINGH; BHANDARI; SINGH, 2017), logo,

não parece ser “[...] uma experiência contemporânea. Ao contrário, é um sentimento antigo, atemporal, que atravessa diferentes épocas e contextos”, afirma Baroncelli (2011, p.163).

O termo ciúme em português vem do latim *zelumen* (*celumen*) e *zeluminis*, significando zelo, valorização e cuidado para com o objeto amado (MELLO, 2012), sendo sua origem na raiz grega – *zelos* – que significa fervor, calor, ardor ou intenso desejo (PORTO, 2010). Denominado nos relacionamentos amorosos como “ciúme romântico” (BUENO et al., 2012; BUENO; CARVALHO, 2012; CARVALHO; BUENO; KEBLERIS, 2008), no mundo atual este fenômeno está presente no cotidiano dos indivíduos, seja por experiências pessoais, seja nas obras de ficção. Também é frequentemente destacado pelos programas jornalísticos nos casos em que ocorrem, por exemplo, situações ou desfechos trágicos (agressões, homicídios e/ou suicídios etc.) durante o percurso do relacionamento amoroso ou após o rompimento deste.

Nessa conjuntura, o ciúme é definido como um estado emocional que é despertado por uma percepção de ameaça ao relacionamento amoroso e como motivação comportamental que visa combatê-la (BUSS et al., 1992; SUN et al., 2016). Apesar de serem várias as acepções a respeito do ciúme romântico, a maioria é perpassada pela ideia de três elementos comuns (BUENO; CARVALHO, 2012; BUENO, et al., 2012; RAMOS; YAZAWA; SALAZAR, 1994):

- 1) Uma reação emocional complexa e desagradável, que envolve sentimentos (especialmente os de raiva, ansiedade e tristeza), cognições e tendências comportamentais frente a uma ameaça percebida;
- 2) Que parte de um rival real ou imaginário; e
- 3) Que tem como objetivo eliminar os riscos da perda de um relacionamento considerado importante.

Como descrito por Buss e Abrams (2017), o ciúme romântico, assim como a infidelidade, constitui um dos principais motivadores para o fim dos relacionamentos amorosos (UTZ; BEUKEBOOM, 2011), que corrói os casamentos, impacta na autoestima, desencadeia agressões e é um componente presente na maior parte dos casos de assassinatos de parceiros(as) e ex-companheiros(as), além dos contextos envolvendo homicídio seguido de suicídio (SUN et al., 2016).

Emoção primordialmente humana e social, o ciúme está presente em diferentes culturas, como resultado da competição existente nas relações afetivas, decorrente da

percepção da presença de outra pessoa que ameaça o vínculo relacional de um casal (BUENO; CARVALHO, 2012; BUENO, et al., 2012). De acordo com Monclús (2005), trata-se de um fenômeno universal, que pode ocorrer em todas as idades, porém com características próprias. Na fase adulta, é mais comum o ciúme de cunho sexual e/ou afetivo. No entanto, estas explicações não abarcam todas as possibilidades. Ainda segundo o autor, algumas vezes o ciúme romântico é experimentado quando um indivíduo deseja ter para si uma pessoa que está envolvida com outra; outras vezes, é o amor próprio e o sentimento de possessão que o provoca. Do mesmo modo, para Harris (2004), algumas pessoas apresentam ciúme com maior intensidade e são mais frágeis a provocações e a situações específicas, sendo, portanto, este complexo de emoções frequentemente relacionado às características de personalidade, tais como insegurança e baixa autoestima.

Enquanto respostas comportamentais dos indivíduos, as reações motivadas pelo ciúme visam proteger e manter a relação e vão desde um ato de comunicação (conversar e/ou refletir sobre o ciúme com o parceiro, amigo ou familiar; escrever por qualquer via ou demonstrar nas redes sociais o sentimento de ciúme) até atitudes violentas entre os parceiros ou direcionado ao rival percebido (WEISER, et al., 2018). Segundo Buss (1988), as táticas de manutenção do relacionamento diferem quanto à sua natureza:

- a) Intrasexual: impulsionadas pela percepção do interesse de um rival em seu parceiro e o desejo de dissuadir o concorrente, inclui sinais públicos de posse do parceiro (por exemplo, exhibições de carinho); e ameaças para o rival.
- b) Intersexual: impulsionado pela percepção do interesse do parceiro em um rival e o desejo de eliminar tal interesse, inclui enfatizar as demonstrações do amor e o cuidado das pessoas em outros relacionamentos; e melhorar a aparência física, desviando o interesse do parceiro no rival.

Avaliado como um dos mais importantes tópicos que envolvem a interação humana, ciências como a psicologia, psiquiatria, sociologia, neurociências, dentre outras, procuram explicar quais as razões para alguém ser ciumento, mas nenhuma delas ofereceu uma resposta definitiva (ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008). Como destaca Harris (2004), o ciúme chamou a atenção de pesquisadores que usaram uma variedade de teorias para sua compreensão científica, como interpretações fundamentadas nas teorias da personalidade, psicanálise, sociocultural e sociocognitivista.

Conforme citado em seção anterior, as concepções vinculadas à perspectiva evolucionista foram incorporadas às teorias e aos estudos científicos partir da década de 1990. Mais recentemente, Buss (2013, 2014), ao explicar sobre critérios evolutivos do ciúme, salienta que de acordo com a psicologia evolutiva moderna, uma emoção poderia ser apontada como “básica”² se esta evoluiu para resolver um problema adaptativo. Assim, haveria uma boa evidência de que a emoção complexa do ciúme evoluiu principalmente por ter resolvido diversos problemas de adaptação da reprodução humana. Neste caso, o ciúme poderia ser visto com uma emoção básica, mesmo que não tenha uma expressão facial nítida ou outro sinal universalmente reconhecido, mesmo que suas funções na resolução de problemas de adaptação sejam tipicamente não ligadas à sobrevivência e se está ou não presente em outras espécies.

A propósito, Buss e Haselton (2005) ressaltam que psicólogos de áreas mais convencionais explicaram o ciúme como patologia, construção social ou subproduto da sociedade capitalista, manifestada de forma idêntica em homens e mulheres. Psicólogos evolucionistas, em contraste, lançaram a hipótese de que o ciúme é uma adaptação evoluída, ativada por ameaças a um relacionamento valioso, funcionando para protegê-lo de perda parcial ou total, bem como que as consequências da infidelidade e da perda de parceiros geram diferenças nas reações de homens e mulheres. Um exemplo de tais diferenças foram os estudos realizados por Schützwohl (2004) e Schützwohl e Koch (2004), apresentando os mecanismos de ciúme em que mulheres respondem com emoções negativas mais fortes à infidelidade emocional e homens respondem mais negativamente à infidelidade sexual.

Percebe-se, portanto, que as distinções entre homens e mulheres podem interferir na interpretação acerca da exclusividade entre parceiros amorosos. O ciúme pode manifestar-se dentro da normalidade, por exemplo, quando aparece em resposta a evidências concretas de interação parceiro(a)/rival, sendo mais flexíveis as crenças e as reações em relação a uma possível traição (TORRES; RAMOS-CERQUEIRA; DIAS, 1999). Por outro lado, pode ocorrer sua manifestação patológica quando crenças ou delírios de infidelidade são mais frequentes, intensos, rígidos, muitas vezes baseados em evidências infundadas (SINGH; BHANDARI; SINGH, 2017), levando os indivíduos a reações mais extremas, como

² Buss (2014) destaca que o ciúme não faz parte da lista de emoções básicas (raiva, desgosto, medo, felicidade, tristeza, surpresa e desprezo) proposta por Paul Ekman (EKMAN, 1999; EKMAN; CORDARO, 2011), psicólogo americano especializado no estudo das emoções e expressões faciais, cuja teoria foi uma análise à originalmente apresentada por Darwin ao supor o reconhecimento universal de emoções e que por vez garantiu ao homem primitivo maiores chances de sobrevivência.

agressividade, comportamentos de investigação, entre outros (BUENO et al., 2012; EASTON; SHACKELFORD, 2009).

2.2.1 O ciúme patológico nas relações amorosas

Segundo Buss e Abrams (2017) o ciúme extremo recebeu muitos nomes nas áreas clínicas e na literatura: síndrome de Otelo, ciúme mórbido, ciúme psicótico, paranoia conjugal e o mais comum, ciúme patológico. Ainda de acordo com os autores, em um número total de homicídios, aproximadamente 13% ocorrem nos relacionamentos amorosos, sendo as mulheres as vítimas majoritárias e o ciúme a principal causa. Estes dados tem como base o estudo de Buss (2005) no qual foram analisados casos específicos de assassinatos, incluindo um arquivo do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) contendo mais de 400.000 ações homicidas, além de outros 400 casos avaliados em colaboração com um psiquiatra forense. Os resultados também demonstraram que quando uma mulher adulta é assassinada, as chances são entre 50 e 70% que o perpetrador seja o marido, namorado, ex-marido ou ex-namorado, abarcados pelo sentimento comum de “se não posso tê-la, ninguém pode”.

O ciúme também está vinculado a psicoses, ao abuso de substâncias e aos transtornos afetivos (SUN et al., 2016) e podem apresentar-se como obsessão, ideia supervalorizada ou delírio em diferentes distúrbios psiquiátricos (SINGH; BHANDARI; SINGH, 2017). Nesta linha, o ciúme está longe de ser uma emoção trivial, considerando as consequências que ela produz, muitas das quais são conhecidas por serem destrutivas, por exemplo, controle das relações interpessoais do(a) parceiro(a), incluindo amigos e familiares, gerando baixa autoestima, isolamento, ansiedade e medo da agressão (BUSS, 2000, 2013). É a causa principal de violência nas relações íntimas, podendo chegar a espancamentos brutais como nos casos em que um homem suspeita que a parceira esteja grávida de uma criança que não é dele e direciona golpes no abdômen, o que em alguns casos leva à morte do feto que ela está carregando (BUSS, 2013; BUSS; DUNTLEY, 2011).

Para Buss (2013) dois gatilhos parecem incitar os homens a um ato homicida - quando o homem suspeita ou sabe que seu parceiro foi sexualmente infiel e quando ela deixa o relacionamento e o homem acredita que a partida é irrevogável ou permanente. O ciúme das mulheres também pode levar ao assassinato de parceiros, mas com taxas menos frequentes. Quando as mulheres matam seus parceiros, dois preditores geralmente são observados: (1) por defesa contra as reações furiosas de um homem ciumento, e (2) após um período prolongado

de repetidos episódios de abuso físico, não havendo outra maneira de escapar do comportamento agressivo.

Na área da neurociência, com o embasamento das teorias evolucionistas, Takahashi et al. (2006) averiguaram que o comportamento agressivo causado pelo ciúme patológico é mais comum nos homens. Esta constatação surgiu como resultado de uma pesquisa, por meio de imagens em ressonância magnética, acerca das respostas à infidelidade sexual e afetiva. Ainda que não tenha sido encontradas diferenças entre os sexos na autoavaliação do ciúme como reação aos dois tipos de traição, homens e mulheres apresentaram padrões diferentes de atividade cerebral. As análises ocorreram por intermédio de imagens via computador, contendo fotografias com representações neutras e outras com infidelidade sexual e afetiva. Solicitou-se aos participantes que imaginassem seu parceiro vivenciando tal situação. Nesta condição reproduzindo o ciúme, a atividade cerebral nas regiões que envolvem o comportamento sexual e agressivo, como a amígdala e o hipotálamo, foi mais intensa nos indivíduos do sexo masculino. Já no sexo feminino, observou-se uma maior atividade no lobo temporal (sulco temporal superior).

O ciúme também pode exercer efeitos corrosivos sobre o indivíduo que o experimenta, por vincular-se a uma série de sentimentos negativos, como tristeza, depressão, raiva, constrangimento, medo e humilhação (BUSS, 2000; MONCLÚS, 2005; UTZ; BEUKEBOOM, 2011). Isso pode levá-lo a um comportamento aparentemente autodestrutivo, incluindo abuso de álcool e drogas, ideação e tentativas suicidas (SINGH; BHANDARI; SINGH, 2017), bem como a atos de suspeita e acusação, perseguição e outras formas de violência que minam o próprio relacionamento que um homem ou uma mulher está tentando preservar (BUSS; DUNTLEY, 2011; DUNTLEY; BUSS, 2012).

Singh, Bhandari e Singh (2017) salientam que do ponto de vista psiquiátrico, uma pessoa considerada dentro da normalidade pode mostrar ciúmes no relacionamento romântico em resposta a algumas evidências de traição, mas tende a modificar tal crença ao incluir indícios que neguem a infidelidade, bem como costuma perceber um único rival. Contudo, no ciúme patológico, o indivíduo se recusa a qualquer prova contraditória e pode perceber mais de um rival. Diante das formas comumente reconhecidas na psicopatologia, os autores destacam que no ciúme obsessivo o sujeito sofre por ter medo de perder o(a) parceiro(a) e teme ser traído, mesmo sabendo que não há provas, esse pensamento é recorrente, intrusivo e é seguido por verificações compulsivas. No ciúme delirante, o ciumento acusa o(a) parceiro(a) de infidelidade e continuamente tenta confirmar as suspeitas, por exemplo, fazendo perguntas insistentes a fim de extrair uma suposta confissão. Desconfia dos amigos,

familiares e pode verificar regularmente a roupa íntima e lençóis de cama buscando manchas de fluidos corporais, entre outros indícios.

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (APA, 2014), o ciúme aparece nos critérios diagnósticos de três transtornos mentais:

- a) Transtorno delirante, tipo ciumento: delírio que o(a) parceiro(a) é infiel, com crença injustificada e baseada em inferências incorretas apoiadas por poucas evidências. A pessoa costuma confrontar (a)o parceiro(a), tenta intervir na infidelidade imaginada, podendo ocorrer raiva e comportamento violento;
- b) Outro transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno relacionado especificado:

Ciúme obsessivo: Caracterizado pela preocupação não delirante com a infidelidade percebida do parceiro. As preocupações podem levar a comportamentos ou atos mentais repetitivos em resposta às preocupações com a infidelidade; elas causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo e não são mais bem explicadas por outro transtorno mental, como transtorno delirante, tipo ciumento, ou transtorno da personalidade paranoide (p. 264).

- c) Transtorno da Personalidade Paranoide:

Indivíduos com esse transtorno podem ser patologicamente ciumentos, muitas vezes suspeitando de que o cônjuge ou parceiro sexual é infiel sem qualquer justificativa adequada (...). Podem reunir “evidências” triviais e circunstanciais que apoiem suas crenças de ciúme. Desejam manter controle total das relações íntimas para evitar serem traídos e podem constantemente questionar e desafiar o parceiro, as ações, as intenções e a fidelidade do cônjuge ou parceiro (p. 650).

Para Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (1999) na prática clínica, psicológica ou psiquiátrica, um dos principais pontos para se avaliar um indivíduo com preocupações de ciúme seria a racionalidade ou não dessas apreensões, assim como o grau de limitação ou prejuízo que acarretam. Portanto, buscar conhecer se o ciúme é ou não patológico é essencial, tendo em vista que as preocupações com fidelidade não são raras nem necessariamente bizarras (MONCLÚS, 2005).

Porém, Singh, Bhandari e Singh (2017) ressaltam que a prevalência e a incidência de ciúme patológico ainda são incertas, provavelmente ocasionadas pelo número reduzido de pesquisas nas áreas clínicas, pela falta de uma definição científica uniforme e referencial

teórico padronizado, além da subnotificação dos casos, motivada possivelmente pelo não reconhecimento dos sintomas como doença, vergonha e culpa associadas à relutância das pessoas envolvidas em procurar tratamento psiquiátrico e/ou psicológico. Apesar de ser uma condição mental reconhecida como disruptiva e claramente patológica, o ciúme permanece como uma área em grande parte inexplorada diante da conjuntura psicopatológica, afirmam os autores.

3 HIPÓTESE

Hipótese de pesquisa (H_1): As percepções da infidelidade estão correlacionadas positivamente com o ciúme romântico, existem diferenças entre os sexos nas respostas aos dois construtos e suas mensurações são sugestivas para identificar reações emocionais, cognitivas e comportamentais dos indivíduos.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a relação entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico e as diferenças entre os sexos.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Traduzir e adaptar transculturalmente a *Perceptions of Dating Infidelity Scale* (PDIS) para o português brasileiro;
- 2) Realizar a validade de conteúdo da PDIS;
- 3) Efetuar a validade de construto da PDIS, reunindo evidências de suas propriedades psicométricas;
- 4) Analisar em que medida e direção as percepções da infidelidade e o ciúme romântico estão correlacionados (validade de critério);
- 5) Verificar as diferenças entre os sexos no tocante as percepções da infidelidade e ao ciúme romântico.

5 MÉTODO

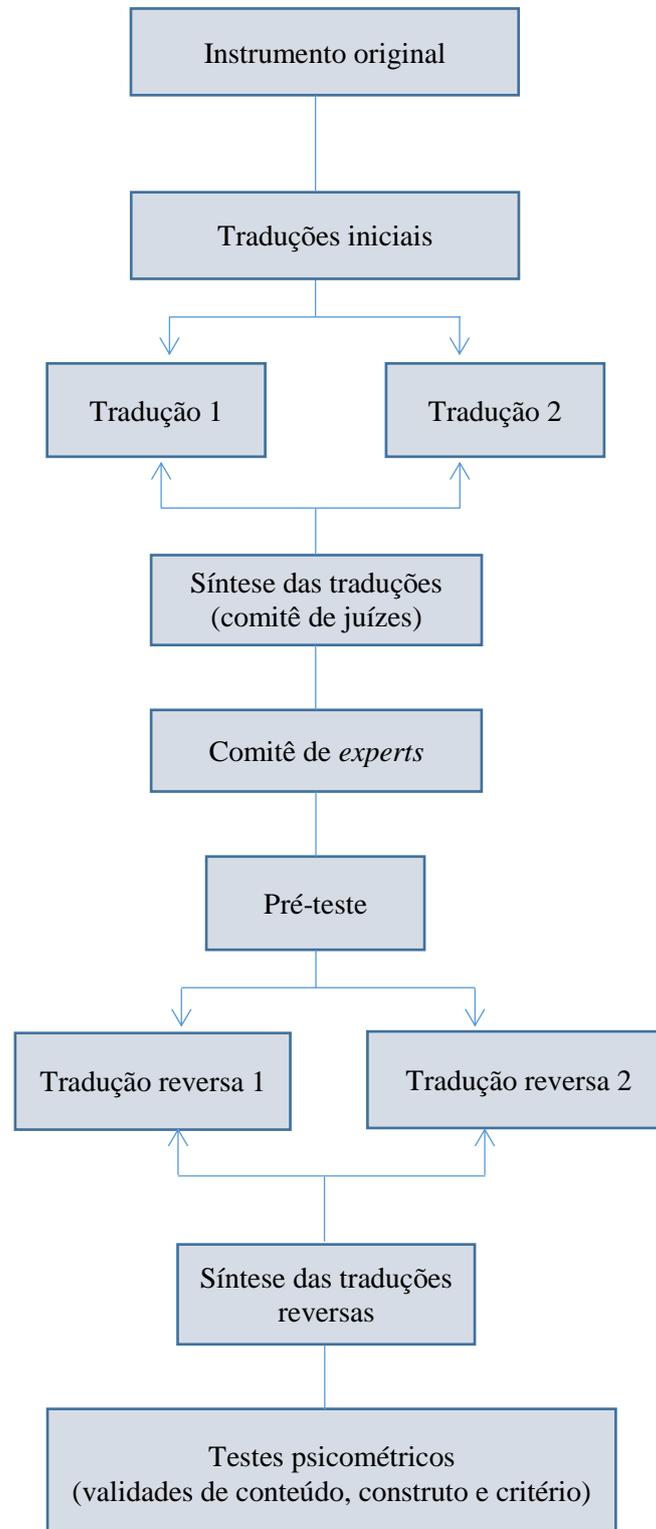
5.1 DELINEAMENTO

O presente estudo obedeceu à natureza da pesquisa básica, com abordagem quantitativa. Contudo, as percepções da infidelidade foram avaliadas na presente tese por uma medida sem registros de adaptação transcultural e validação no Brasil. Com o intuito em realizá-los, considerando notadamente a indispensabilidade em se cumprir procedimentos criteriosos indicados pela literatura especializada em adaptação e validações de instrumentos, além das diferentes composições dos participantes e das fases a serem efetuadas, este estudo foi decomposto em duas etapas, considerando a tríade validação de conteúdo, construto e critério, a saber:

- a) **Etapa 1:** dirigida ao processo de tradução, adaptação transcultural e validação de conteúdo da *Perceptions of Dating Infidelity Scale (PDIS)*³, sendo este estágio focado, sobretudo, nas análises de sua equivalência semântica e os diferentes aspectos do seu objeto; e
- b) **Etapa 2:** inicialmente destinada aos testes de validade de construto, fase eminentemente psicométrica, tendo como escopo a análise dos parâmetros da PDIS. Na sequência, se conduziu as avaliações da validade de critério, constituída por um delineamento de estudo do tipo correlacional (*ex post facto*) entre as medidas de percepções da infidelidade (variável antecedente) e o ciúme romântico (variável consequente). A etapa foi finalizada com as comparações entre os sexos, alcançando assim o teste da hipótese aqui presumida.

Um esquema metodológico foi elaborado tendo por finalidade a realização sistemática dos procedimentos estabelecidos nas etapas, conforme apresentado na Figura 1.

³ A PDIS foi solicitada aos autores via *e-mail*, cuja resposta e envio do arquivo ocorreram durante o ano de 2013.

Figura 1 – Esquema metodológico aplicado na tese

Fonte: Elaboração própria adaptada de Beaton et al. (2000, 2007) e Borsa, Damásio e Bandeira (2012).

5.2 LOCAL DO ESTUDO E ASPECTOS ÉTICOS

As informações sobre os locais do estudo aplicam-se especificamente nas fases do pré-teste da Etapa 1 e nos teste psicométricos/estudo correlacional da Etapa 2. As fases das traduções (inicial e reversa), síntese das traduções e validação de conteúdo possuem características próprias e não se aplicam nessas configurações, podendo os procedimentos e seus resultados serem realizados por e-mail, telefone, *chats on-line* ou de acordo com a comodidade dos membros. Portanto, o pré-teste foi realizado no Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), *campus* Recife. A coleta de dados da Etapa 2 ocorreu no Centro Universitário UniFBV/Wyden (Faculdade Boa Viagem), unidade Recife.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE por meio do documento CAAE: 57861416.7.0000.5208, parecer nº 1.763.760 (Anexo C). Todos os responsáveis (diretor/coordenador acadêmico) das instituições participantes autorizaram a coleta de dados mediante da assinatura de Carta de Anuência. Os participantes – tradutores, juízes, participantes do pré-teste e testes psicométricos – receberam em todas as fases o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Apêndices A e B), em atendimento às Resoluções nº466/2012 e nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Informou-se a confidencialidade dos dados, a garantia de anonimato e de sigilo sobre a participação, os objetivos da pesquisa, riscos e benefícios (diretos e indiretos). Também foi assegurado o direito à desistência em participar do estudo em qualquer fase e de solicitar a exclusão do material da pesquisa. Igualmente, destacou-se que os dados coletados nesta pesquisa por intermédio de questionário impresso, seriam divulgados apenas em eventos científicos e publicações em artigos e que ficariam armazenados em pastas de arquivo, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço informado no TCLE pelo período de mínimo 5 anos.

5.3 ETAPA 1 – TRADUÇÕES, ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL E VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO DA *PERCEPTIONS OF DATING INFIDELITY SCALE* (PDIS)

5.3.1 Participantes dos processos das traduções, adaptação transcultural, validação de conteúdo

O perfil dos participantes da Etapa 1 foi estabelecido por meio da conjunção e/ou do ajustamento de importantes referências na literatura especializada em validação de

instrumentos de medida, a saber, Beaton et al. (2000, 2007), Borsa, Damásio e Bandeira (2012), Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010), Muñiz, Elosua e Hambleton (2013), Pasquali (1999), Rubio et al. (2003), Sireci et al. (2006), além de documentos orientadores da Comissão Internacional de Testes (*International Test Commission – ITC*) que tratam de diretrizes para tradução e adaptação de testes (2005; 2017) e sobre o uso de testes (2013). Para tanto, também foram ponderadas características fundamentais inerentes ao instrumento a ser traduzido:

- a) Os elementos psicológicos do construto estudado (neste caso, reações emocionais, cognitivas e comportamentais das percepções da infidelidade);
- b) Facilidade de compreensão e tradução do conteúdo dos itens (por exemplo, itens com estrutura linguística simples que facilitam o entendimento ou por ser um fenômeno comum e muito presente no cotidiano das pessoas);
- c) Por necessidade de adequação das propostas de diretrizes a serem seguidas, já que não há um consenso na literatura sobre os estágios do processo que seriam mais oportunos.

A seleção dos integrantes ocorreu por conhecimento prévio acerca da qualificação e experiência profissional dos participantes, além de levantamento no Diretório de Grupos de Pesquisa e Currículo Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Dentre os critérios exigidos ou aqueles indicados pelos estudiosos em validação de instrumentos citados acima, foram instituídos no processo, de acordo com as fases operacionais, um formato de escolha dos participantes, bem como as características estabelecidas, descritas nas próximas seções com os respectivos quadros explicativos. Destaca-se que não foram coletados dados sociodemográficos nas fases da tradução, síntese das traduções, avaliação do comitê de *experts* e tradução reversa, por tratar-se de participantes específicos do processo de adaptação transcultural.

5.3.1.1 Tradução

Composta por no mínimo dois tradutores bilíngues, sendo fluentes no idioma de origem e nativos no idioma-alvo, além de proficiência comprovada na língua inglesa e vivência com as culturas associadas à linguagem. Apenas um dos tradutores deveria conhecer o construto estudado (BEATON, 2000, 2007; BORSA; DAMÁSIO; BANDEIRA, 2012).

Quadro 1 – Perfil dos tradutores

FASE DO ESTUDO	PERFIL DO PARTICIPANTE	
Tradução	Tradutor 1	Tradutor 2
	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisadora da área de Psicologia • Possuía conhecimento prévio sobre o construto 	<ul style="list-style-type: none"> • Profissional da área de Relações Internacionais e Jornalismo • Não possuía conhecimento prévio sobre o construto

Fonte: Elaboração própria.

5.3.1.2 Síntese das traduções (versão preliminar)

Tendo por finalidade a unificação das traduções do instrumento em uma versão preliminar, Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010) destacam a importância em compor um comitê de juízes para avaliar pontos convergentes e divergentes no instrumento que esteja em processo de validação, ajudando a evitar possíveis vieses linguísticos, psicológicos, culturais e de compreensão. Os autores apontam que não existem regras fixas sobre a escolha dos membros do comitê, mas que se deve evitar que todos sejam pesquisadores da área ou do construto estudado.

Sendo assim, apesar da indicação de Beaton et al. (2000, 2007) para que esta fase fosse composta por um juiz/mediador e pelos dois tradutores da fase anterior, decidiu-se aqui pelo método e montagem do comitê de juízes constituído por profissionais com formação e/ou experiência na área de linguística, sendo aplicada a técnica do consenso (ALMEIDA; SPÍNOLA; LANCMAN, 2009; BUSSOTTI; GUINSBURG; PEDREIRA, 2015; PERNAMBUCO et al., 2017) com princípios de grupo nominal (CAMPOS et al., 2010; DESLANDES et al., 2010). Tal decisão tem como base as considerações de Borsa, Damásio e Bandeira (2012) acerca da definição do que seria uma síntese das traduções, ou seja, comparar as diferentes traduções e avaliar as suas discrepâncias semânticas, idiomáticas, conceituais, linguísticas e contextuais.

Salienta-se que não foram encontradas na literatura especializada em validação de instrumentos indicações de um número mínimo ou máximo de participantes para a composição do comitê de juízes da síntese das traduções. Portanto, para esta fase foram selecionados quatro participantes capazes de analisar a parte linguística das traduções. Todos deveriam ter proficiência comprovada na língua inglesa e vivência com as culturas associadas à linguagem, como explicitado no Quadro 2.

Quadro 2 – Perfil dos membros do comitê de juízes da síntese das traduções

FASE DO ESTUDO	PERFIL DO PARTICIPANTE			
Síntese das traduções – versão preliminar	Juiz 1	Juiz 2	Juiz 3	Juiz 4
	<ul style="list-style-type: none"> • Professor de Informática 	<ul style="list-style-type: none"> • Professora de Línguas 	<ul style="list-style-type: none"> • Professora de Línguas 	<ul style="list-style-type: none"> • Professora de Línguas
	<ul style="list-style-type: none"> • Membro do Centro de Libras e Línguas Estrangeiras (Rede Federal) 	<ul style="list-style-type: none"> • Membro do Centro de Libras e Línguas Estrangeiras (Rede Federal) 	<ul style="list-style-type: none"> • Membro do Centro de Libras e Línguas Estrangeiras (Rede Federal) 	<ul style="list-style-type: none"> • Membro do Centro de Libras e Línguas Estrangeiras (Rede Federal)
<ul style="list-style-type: none"> • Doutorado em Engenharia da Produção 	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Educação 	<ul style="list-style-type: none"> • Especialização em Língua Inglesa: Metodologia da Tradução 	<ul style="list-style-type: none"> • Mestrado em Ciências da Linguagem 	

Fonte: Elaboração própria.

5.3.1.3 Validação de conteúdo (comitê de *experts*)

Como parte da adaptação transcultural, o comitê de *experts* na validação de conteúdo tem como desígnio o julgamento da clareza de linguagem, pertinência prática, relevância e dimensão teórica dos itens de um instrumento (VASCONCELOS, 2015). De acordo com Alexandre e Coluci (2011) há controvérsias na literatura quanto ao número e qualificação dos juízes desta fase. Não obstante, ainda que se reconheça tal objeção para a constituição do comitê de *experts*, Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010) recomendam no mínimo três e no máximo cinco juízes especialistas na temática pesquisada e/ou em avaliação psicológica e que não tenham participado do estudo nas fases anteriores. Consequentemente, seguindo essas orientações, foram contatados inicialmente cinco profissionais, sendo três selecionados por conhecimento prévio, considerando a qualificação e experiência profissional dos participantes na área e dois em levantamento no Diretório de Grupos de Pesquisa e Currículo Lattes do CNPq. Porém, do total de contatados, três confirmaram a participação, cujos detalhes do perfil constam no quadro a seguir.

Quadro 3 – Perfil dos membros do comitê de *experts*

FASE DO ESTUDO	PERFIL DO PARTICIPANTE		
Validação de conteúdo - comitê de <i>experts</i>	Juiz 1	Juiz 2	Juiz 3
	<ul style="list-style-type: none"> • Professora de Psicologia (Rede Federal) 	<ul style="list-style-type: none"> • Psicóloga da Rede Federal de educação e em clínica particular 	<ul style="list-style-type: none"> • Professor colaborador de Psicologia (Rede Federal)

Continua

Conclusão

FASE DO ESTUDO	PERFIL DO PARTICIPANTE		
Validação de conteúdo - comitê de <i>experts</i>	<ul style="list-style-type: none"> Doutorado em Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento) 	<ul style="list-style-type: none"> Mestrado em Psicologia e Doutoranda em Psicologia 	<ul style="list-style-type: none"> Doutorado em Psicologia
	<ul style="list-style-type: none"> Pesquisadora do ciúme e infidelidade; autora de livros sobre o comportamento humano 	<ul style="list-style-type: none"> Experiência no atendimento clínico e avaliação psicológica acerca das relações afetivas. 	<ul style="list-style-type: none"> Pesquisador na área das relações interpessoais; experiência em psicometria, construção e validação de instrumentos.

Fonte: Elaboração própria.

5.3.1.4 Pré-teste

O pré-teste tem o objetivo de verificar se os itens, as instruções e a escala de resposta são compreensíveis para o público-alvo, sendo considerado como uma das possíveis técnicas de avaliação semântica de um instrumento e, portanto, constituinte da adaptação transcultural como sequência à validação de conteúdo (BEATON, 2000, 2007). Utilizou-se o processo de técnica pré-campo realizada com grupos focais (SINGH, 2007; VOGT; KING; KING, 2004). Assim, a seleção dos participantes desta fase ocorreu com base em características semelhantes à população a ser avaliada na Etapa 2 (testes psicométricos da PDIS).

Gil (2008) recomenda que o pré-teste seja realizado mediante a aplicação em 10 a 20 indivíduos. Para Marconi e Lakatos (2017), dependendo do número absoluto, em geral é suficiente realizar a mensuração em 5 ou 10% do tamanho da amostra. Consequentemente, tendo em vista a pretensão em se coletar dados nos testes psicométricos utilizando uma amostra de conveniência com no mínimo 200 participantes (PASQUALI, 2010), esta fase contou com 26 estudantes, sendo 22 do sexo feminino e 4 do sexo masculino. A amplitude de idade foi de 22 a 57 anos. Com este total, o pré-teste foi subdividido em três grupos focais, sendo o primeiro com 5 estudantes de graduação, o segundo com 12 pós-graduandos em residência (*Lato Sensu*) e o terceiro com 9 estudantes de mestrado ou doutorado. Para os critérios de inclusão e exclusão, foram estabelecidas as condições a seguir.

a) Critérios de inclusão:

- Maiores de 18 anos;
- Participantes dos sexos feminino e masculino, bem como os que atribuíssem outra identidade de gênero.

b) Critérios de exclusão:

- Participantes que não estivessem devidamente matriculados na instituição acadêmica;
- Participantes que recusassem a responder ao questionário no mesmo momento que os demais estudantes da turma e em sala de aula;
- Participantes que apresentassem dificuldades cognitivas ou emocionais no momento da aplicação do questionário;

5.3.1.5 Tradução reversa (*back-translation*)

A tradução reversa deveria contar com dois tradutores bilíngues que não tivessem participado das fases anteriores e não conhecessem previamente a teoria e o instrumento a ser retraduzido (condição às cegas). Seguindo as orientações de Beaton et al. (2000, 2007), um tradutor deveria possuir proficiência comprovada na língua inglesa e o outro deveria ter o idioma inglês como sua língua materna, conforme descrito no quadro abaixo.

Quadro 4 – Perfil dos tradutores da *back-translation*

FASE DO ESTUDO	PERFIL DO PARTICIPANTE	
Tradução reversa <i>back-translation</i>	<p style="text-align: center;">Tradutor 1</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nativo na língua portuguesa 	<p style="text-align: center;">Tradutor 2</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nativo na língua de inglesa

Fonte: Elaboração própria.

5.3.2 Materiais e instrumento

Perceptions of Dating Infidelity Scale (PDIS – Anexo A).

Desenvolvida originalmente nos Estados Unidos por Wilson et. al. (2011), a escala mede os comportamentos que podem ser indicativos de infidelidade e avalia suas intensidades. Foram realizados dois estudos com dados coletados em amostras de estudantes universitários. No primeiro, o instrumento continha 15 itens classificados em uma escala Likert com os pontos: 1 = nível extremamente baixo de traição (*extremely low level of cheating*) e 5 = nível extremamente alto de traição (*extremely high level of cheating*). Apenas

os pontos dos extremos foram rotulados. Os participantes também responderam questões envolvendo o relacionamento amoroso e questões sociodemográficas.

Os resultados do primeiro estudo apontaram três fatores de medida das percepções da infidelidade: comportamentos ambíguos (*ambiguous behaviors*; $\alpha = 0,81$), por exemplo, comer, beber, dançar com alguém que não seja seu(sua) parceiro(a); comportamentos enganosos (*deceptive behaviors*; $\alpha = 0,72$), como mentir para o(a) parceiro(a); e comportamentos explícitos (*explicit behaviors*; $\alpha = 0,83$), por exemplo, ter relação sexual ou encontros amorosos com alguém que não seja o(a) parceiro(a).

O segundo estudo teve por finalidade confirmar a estrutura fatorial e modelo teórico, além da correlação da PDIS com outros construtos que poderiam influenciar nas percepções da infidelidade: orientação sociosexual (envolver-se em relações sem compromisso), situações sexuais indesejadas (comportamentos de atuação ou evitação) e sentimentos de culpa. Na oportunidade, alterou-se o número de pontos da escala Likert de 5 para 7 com o intuito de aumentar a variabilidade das respostas, bem como seus rótulos como forma de melhorar as suposições do que seria infidelidade. Portanto os extremos foram compostos como 0 = nunca é traição (*never cheating*) e 6 = sempre é traição (*always cheating*). Também nessa fase, foram eliminados três itens, sendo dois por terem saturado na análise fatorial exploratória com cargas mais baixas no fator dos comportamentos enganosos [flertar/paquerar e fantasiar com outra pessoa que não o(a) parceiro(a)] e um, pertencente aos comportamentos explícitos [beijar outra pessoa que não o(a) parceiro(a)], por ter proporcionado o melhor ajuste do modelo após a sua retirada na análise fatorial confirmatória.

Com isso, chegou-se a versão final composta por 12 itens. Assim como no primeiro estudo, os três fatores foram confirmados e os níveis de confiabilidade mantiveram-se satisfatórios: os comportamentos ambíguos com $\alpha = 0,72$, os comportamentos enganosos com $\alpha = 0,85$ e os comportamentos explícitos com $\alpha = 0,73$.

Afora a PDIS, cada fase do processo da Etapa 1 continha um conjunto específico de materiais, incluindo os documentos resultantes, como descritos no Quadro 5.

Quadro 5 – Materiais e instrumentos utilizados na Etapa 1

FASES	MATERIAIS / INSTRUMENTOS	MATERIAL RESULTANTE
Tradução	<ul style="list-style-type: none"> • PDIS no idioma de origem (inglês). 	<ul style="list-style-type: none"> • Versões 1 e 2 traduzidas em português.
Síntese das traduções	<ul style="list-style-type: none"> • PDIS no idioma de origem (inglês); • Versões 1 e 2 da PDIS traduzida para o português. 	<ul style="list-style-type: none"> • Versão sintetizada em português: Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento (EPIR).
Comitê de <i>experts</i> (validação de conteúdo)	<ul style="list-style-type: none"> • PDIS no idioma de origem (inglês); • Versão sintetizada em português; • Breve contextualização do tema e instruções do processo de validação de conteúdo (Apêndice C); • Instrumento de avaliação (Apêndice D) para julgamento da clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica dos itens por meio de escala Likert de cinco pontos considerando a representatividade e concordância aos critérios, sendo os extremos 1 = Pouquíssima e 5 = Muitíssima. A dimensão teórica foi apreciada julgando-se a qual fator do instrumento o item pertencia, sendo: Fator A = comportamentos ambíguos, o Fator B = comportamentos explícitos e o Fator C = comportamento enganosos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Instrumento avaliado pelos três membros do comitê de <i>experts</i>; • Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento (EPIR).
Pré-teste	<ul style="list-style-type: none"> • Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento (EPIR) classificada em uma escala Likert de sete pontos com os extremos: 0 = nunca é traição e 6 = sempre é traição. Também foi acrescentada uma coluna em branco para as descrições das observações dos participantes; • Questões (1) sobre o tempo do relacionamento atual; (2) experiências de infidelidade de outras pessoas e/ou próprias com as respostas dicotômicas (sim ou não), por exemplo: “<i>Você tem algum familiar ou amigo que trai atualmente?</i>”, “<i>Você pensa que poderia vir a trair seu (sua) parceiro (a)?</i>”, “<i>Você está traindo atualmente o(a) seu (sua) parceiro(a)?</i>”, “<i>Você acha que está sendo traído(a) atualmente?</i>”; (3) sobre a sexualidade em geral (entre muito conservador e muito liberal); e (4) sociodemográficas como sexo, identidade de gênero, orientação sexual, idade, estado civil e religião. 	<ul style="list-style-type: none"> • Versão com as alterações e inclusões indicadas pelos participantes do pré-teste, incluindo o termo “amoroso” no título do instrumento: Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento Amoroso – EPIRA.
Tradução reversa (<i>back-translation</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento Amoroso (EPIRA), com formato adaptado para as traduções reversas (Apêndice E). 	<ul style="list-style-type: none"> • Versões 1 e 2 retrotraduzidas.

Fonte: Elaboração própria.

5.3.3 Procedimento

Cada fase da Etapa 1 foi estruturada com o procedimento que lhe era inerente. No entanto, destaca-se que semelhante aos processos de estabelecimento do perfil dos participantes, a organização das fases de modo esquematizado e a parte operacional foram embasadas nas indicações dos autores especializados na área de validação de instrumentos, descritos no decorrer dos tópicos anteriores, sobretudo, Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010), Borsa, Damásio e Bandeira (2012) e Beaton et al. (2000, 2007).

a) Tradução inicial e tradução reversa (*back-translation*)

Os tradutores receberam o convite via e-mail e, após a aceitação, foram enviados os materiais necessários para a tradução da PDIS e da retrotradução da EPIRA. Cada tradutor, de modo independente, deveria devolver uma versão do instrumento também por e-mail, bem como relatar possíveis dificuldades ou incertezas com relação aos itens, escala de respostas, conteúdo e questões linguísticas. O prazo de 30 dias lhes foi dado para conclusão das versões em português (tradução) e em inglês (tradução reversa). Cabe salientar que as versões geradas na tradução reversa foram encaminhadas ao comitê de juízes especialistas em linguística que participaram da síntese das traduções para escolha das opções de texto e itens que fossem mais adequados e que menos tivessem divergências quando comparada com a escala original.

b) Síntese das traduções (versão preliminar)

Os participantes que compuseram o comitê de juízes para a produção da síntese das traduções, foram convidados via e-mail institucional. Após a confirmação das participações, foram marcados os encontros presenciais. O processo das avaliações das duas versões traduzidas se deu em uma sala de reuniões de uma instituição acadêmica, por ser o local de trabalho de todos os membros do referido comitê. Utilizou-se um formato com a técnica de grupo nominal – com a sequência de análise individual, registro, exposição, discussão e tomada de decisão com votação – para se chegar a um consenso (ALMEIDA; SPÍNOLA; LANCMAN, 2009; BUSSOTTI; GUINSBURG; PEDREIRA, 2015; CAMPOS et al., 2010; DESLANDES et al., 2010; PERNAMBUCO et al., 2017). Na oportunidade foram entregues os devidos materiais e se contextualizou o procedimento. Por fornecer um cenário mais qualitativo de análise, foram necessários três encontros com duração mínima de 1h e 30

minutos cada, estando a pesquisadora principal presente em todas as ocasiões, tendo em vista o domínio sobre o construto que o instrumento avalia, além de esclarecer dúvidas teóricas sobre os itens.

c) Validação de conteúdo - comitê de *experts*

Os três membros que aceitaram participar do comitê de *experts* como juízes avaliadores da PDIS, receberam os documentos por e-mail, incluindo uma Carta Convite (Apêndice F). A pesquisadora se dispôs a dirimir possíveis dúvidas antes do início da avaliação e no decorrer do processo. Foi-lhes solicitada a devolução do material respondido em 30 dias. Nesta fase não ocorreram discussões sobre o construto ou sobre o instrumento entre os membros, já que as análises deveriam ocorrer individualmente.

d) Pré-teste

Esta fase foi composta por uma avaliação para o melhor ajustamento dos itens e da estrutura do instrumento (se os termos são claros, se estão de acordo com a realidade do público-alvo, se estão bem escritos, etc.). Os participantes foram convidados a participar da análise coletivamente, em sala de aula, com condições semelhantes as que seriam aplicadas à amostra dos estudantes da fase dos testes das propriedades psicométricas. Informou-se o objetivo geral da pesquisa destacando que os resultados não seriam tratados estatisticamente, bem como não seriam utilizados em publicações ou eventos científicos. Após os esclarecimentos e aceitação, os participantes preencheram o questionário e, simultaneamente, realizaram as observações e/ou propostas de modificações.

Na sequência, foi conduzida uma discussão com a explanação coletiva das observações e as possíveis alterações. Utilizou-se a técnica pré-campo realizada com grupos focais que ajudam também na identificação de variações da linguagem, interpretação, aparência e formato do questionário, conforme indicações de Singh (2007) e Vogt, King e King (2004). As avaliações transcorreram com três grupos em momentos diferentes, sendo um composto por estudantes de graduação, um por alunos de residência (*Lato Sensu*) e outro com mestrandos e doutorandos. Para as respostas, observações e discussão do questionário foram necessárias cerca de 1h e 30 minutos.

5.3.4 Tabulação e análise dos dados

Os dados obtidos nas traduções iniciais, na versão sintetizada, no pré-teste e na tradução reversa, foram organizados em documento *Microsoft Office Word* 2010. Na análise do comitê de *experts*, além do processador de texto para a composição dos materiais, as informações foram tratadas no aplicativo *Microsoft Office Excel* 2010, modo avançado, com o recurso *real statistics* (ZAIONTZ, 2017), considerando as estatísticas do coeficiente de validade de conteúdo (CVC) para avaliação da concordância entre os juízes e do Kappa de Fleiss para análise da dimensão teórica (variável categórica), neste último utilizando também o *software IBM SPSS Statistics* 21, com a extensão *Stats Fleiss Kappa* (IBMa, 2016).

5.3.5 Resultados

5.3.5.1 Tradução

Como previsto, o processo de adaptação transcultural foi principiado com as duas traduções iniciais, para na sequência seguir com a análise do comitê de juízes especialistas em linguística, gerando uma versão sintetizada do instrumento. Posto isto, na continuidade (Quadro 6), apresentam-se os resultados das traduções (1 e 2).

Quadro 6 – Resultados das traduções

SEÇÃO	VERSÃO ORIGINAL	TRADUÇÃO 1	TRADUÇÃO 2
Título	<i>Perceptions of dating infidelity scale</i>	Escala de percepções de infidelidade conjugal	Escala de percepções da infidelidade no relacionamento
Instruções	<i>Please rate the extent to which you consider these behaviors to be cheating</i>	Por favor, indique a medida que você considera estes comportamentos como infiéis	Por favor, marque em que medida você considera traição os seguintes comportamentos.
Escala de respostas	<i>Never cheating = 0</i> <i>Always cheating = 6</i>	Não é um comportamento infiel = 0 É um comportamento infiel = 6	Nunca é traição = 0 Sempre é traição = 6
Item 1	<i>Lying to your partner.</i>	Mentir para o seu companheiro.	Mentir para o parceiro(a) parceira.
Item 2	<i>Talking by telephone or internet with someone other than your partner.</i>	Falar no telefone ou na internet com outra pessoa além do seu companheiro.	Falar ao telefone ou por Internet com alguém que não o(a) parceiro(a).

Continua

Conclusão

SEÇÃO	VERSÃO ORIGINAL	TRADUÇÃO 1	TRADUÇÃO 2
Item 3	<i>Giving and/or receiving oral sex with someone other than your partner.</i>	Dar e/ou receber sexo oral de outra pessoa além do seu companheiro.	Fazer sexo oral com e/ou receber sexo oral de alguém que não o(a) parceiro(a).
Item 4	<i>Eating or drinking with someone other than your partner.</i>	Comer e beber com alguma outra pessoa além do seu companheiro.	Comer ou beber com alguém que não o(a) parceiro(a).
Item 5	<i>Dancing with someone other than your partner.</i>	Dançar com alguma outra pessoa além do seu companheiro.	Dançar com alguém que não o(a) parceiro(a).
Item 6	<i>Hugging someone other than your partner.</i>	Abraçar alguma outra pessoa além do seu companheiro.	Abraçar alguém que não o(a) parceiro(a).
Item 7	<i>Buying or accepting personal gifts for/from someone other than your partner.</i>	Comprar ou aceitar presentes pessoais vindos de outra pessoa além do seu companheiro.	Comprar presentes para ou aceitar presentes de alguém que não o(a) parceiro(a).
Item 8	<i>Dating someone other than your partner.</i>	Sair pra encontros românticos com outra pessoa além do seu companheiro.	Ter encontros pessoais com alguém que não o(a) parceiro(a).
Item 9	<i>Going somewhere with someone other than your partner.</i>	Ir a lugares com alguma outra pessoa além do seu companheiro.	Sair com alguém que não o(a) parceiro(a).
Item 10	<i>Heavy petting/caressing/fondling with someone other than your partner.</i>	Acariciar intimamente alguma outra pessoa além do seu companheiro.	Masturbar, acariciar ou tocar alguém que não o(a) parceiro(a).
Item 11	<i>Sexual intercourse/sex/sleeping with someone other than your partner.</i>	Manter relações sexuais/dormir com alguma outra pessoa além do seu companheiro.	Ter relação sexual/fazer sexo/dormir com alguém que não o(a) parceiro(a).
Item 12	<i>Withholding information from your partner.</i>	Guardar/esconder informações do seu companheiro.	Omitir informações do(a) parceiro(a).

Fonte: Elaboração própria.

5.3.5.2 Síntese das traduções (versão preliminar)

Após as traduções, foi realizada a fase da síntese das traduções com a formação de um comitê de juízes especialistas em linguística. Para tanto, foram consideradas quatro diferentes áreas, conforme indicadas por Borsa, Damásio e Bandeira (2012, p. 425):

- (1) equivalência semântica – objetiva avaliar se as palavras apresentam o mesmo significado, se o item apresenta mais de um significado e se existem erros gramaticais na tradução;
- (2) equivalência idiomática – refere-se a avaliar se os itens de difícil tradução do instrumento original foram adaptados por uma expressão equivalente que não tenha mudado o

significado cultural do item; (3) equivalência experiencial – refere-se a observar se determinado item de um instrumento é aplicável na nova cultura e, em caso negativo, substituir por algum item equivalente; (4) equivalência conceitual – busca avaliar se determinado termo ou expressão, mesmo que traduzido adequadamente, avalia o mesmo aspecto em diferentes culturas.

Com o intuito de gerar uma versão preliminar da escala a ser validada, obteve-se o primeiro conjunto consolidado das traduções com base na técnica de consenso (princípios da técnica de grupo nominal) utilizando um seguimento de ações constituído, ordenadamente, em análise individual, registro, exposição, discussão e tomada de decisão com votação. Foi necessário estabelecer previamente um nível numérico para o consenso, em porcentagem. Segundo Williams e Webb (1994) tal medida é flexível e arbitrária, todavia observaram o nível de 70% de concordância (ALMEIDA; SPÍNOLA; LANCMAN, 2009; DESLANDES et al., 2010) em pesquisas que desenvolveram a técnica Delphi. Porém, entre as características da técnica de consenso Delphi, estão a avaliação individual e o anonimato (BUSSOTTI; GUINSBURG; PEDREIRA, 2015) dos membros comitê, o que justificou a opção pelo formato do grupo nominal, considerando que os juízes analisaram coletivamente a PDIS, sobretudo, com discussão presencial (CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2010).

Como alternativa, Salmond (1994) sugere níveis de consenso variando de 50% a 80%. Logo, tendo em vista que a conformidade de 100% seria a condição ideal, decidiu-se pelo nível favorável de concordância de no mínimo 75% para aprovação dos julgamentos, ou seja, nível próximo aos sugeridos nas referências citadas, enfatizado também em Fernandes, Lacerda e Hallage (2006). Além disso, o percentual promoveu a melhor adequação ao quantitativo de quatro membros presentes na ocasião, sendo 25% por juiz.

As avaliações abaixo de 75% de concordância foram direcionadas para a não conformidade, com possibilidade de ajustes do título, instrução, escala de respostas e/ou itens do instrumento. Sendo assim, de acordo com os resultados, foram julgadas e deliberadas as composições sistematizadas no Quadro 7. Como foi possível constatar, o comitê chegou a um consenso considerado como favorável, haja vista que os julgamentos obtiveram percentuais de 75% ou 100%. Entretanto, vale salientar pontos importantes:

- a) Atendeu-se a proposta dos juízes para que o título fosse reavaliado na fase do pré-teste, como forma de deliberação quanto à inclusão ou não de um dos termos entre “conjugal, amoroso ou afetivo”;

Quadro 7 – Resultados do consenso entre os juízes avaliadores da síntese das traduções

SEÇÃO	OBSERVAÇÕES	JULGAMENTOS (%)	DELIBERAÇÃO	TEXTO FINAL DA VERSÃO SINTETIZADA
Título	<ul style="list-style-type: none"> Um juiz ressaltou a importância em trocar o termo “conjugal”, indicado na Tradução 1, por “amoroso”; Três juízes consideraram que em português os termos “conjugal, amoroso ou afetivo” poderiam restringir a noção das percepções da infidelidade a um tipo de relacionamento específico, por exemplo, as relações estáveis, excluindo os relacionamentos eventuais. Para tanto, foi proposta a reavaliação deste ponto no pré-teste. 	75% inicialmente e 100% após debate.	Aprovado	Escala de percepções da infidelidade no relacionamento (EPIR).
Instrução	<ul style="list-style-type: none"> Três juízes recomendaram usar “indique” ao invés de “marque” e seguir com a continuação da Tradução 2; Um juiz sugeriu manter o termo “marque”. 	75%	Aprovada	Por favor, indique em que medida você considera traição os seguintes comportamentos.
Escala de respostas	<ul style="list-style-type: none"> Três juízes concordaram com a Tradução 2; Um juiz sugeriu a Tradução 1. 	75%	Aprovada	Nunca é traição = 0 Sempre é traição = 6
Item 1	<ul style="list-style-type: none"> Concordância com a Tradução 1, mas retirando o pronome “seu”. 	100%	Aprovado	Mentir para o(a) companheiro(a).
Item 2	<ul style="list-style-type: none"> Três juízes escolheram a Tradução 2, mas trocando “alguém” pelo trecho “outra pessoa” atribuído na Tradução 1; Um juiz manteve o pronome “alguém”. 	75%	Aprovado	Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a).
Item 3	<ul style="list-style-type: none"> Todos os membros decidiram trocar os verbos “dar”, “fazer” ou “receber” por “praticar”, resumindo as três palavras em uma única, mas mantendo o sentido do item. 	100%	Aprovado	Praticar sexo oral com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 4	<ul style="list-style-type: none"> Opção pela Tradução 2. 	100%	Aprovado	Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 5	<ul style="list-style-type: none"> Opção pela Tradução 2. 	100%	Aprovado	Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 6	<ul style="list-style-type: none"> Opção pela Tradução 2. 	100%	Aprovado	Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 7	<ul style="list-style-type: none"> Colocar “aceitar presentes” junto a “comprar” conforme Tradução 1, continuando com “de alguém...” da Tradução 2, deixando a frase mais harmoniosa. 	100%	Aprovado	Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 8	<ul style="list-style-type: none"> Opção pela Tradução 2, trocando “pessoais” por “amorosos” 	100%	Aprovado	Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 9	<ul style="list-style-type: none"> Opção pela Tradução 2 	100%	Aprovado	Sair com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 10	<ul style="list-style-type: none"> Opção pela Tradução 2, retirando “tocar” e acrescentando “intimamente” como sugerido na Tradução 1; Dois juízes sugeriram retirar “masturbar”. 	50% inicialmente e 75% após debate.	Aprovado	Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 11	<ul style="list-style-type: none"> Opção pela Tradução 2, retirando “fazer sexo/dormir”. 	100%	Aprovado	Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 12	<ul style="list-style-type: none"> Opção pela Tradução 2, trocando “do(a)” por “para o(a)”, considerando a regência verbal. 	100%	Aprovado	Omitir informações para o(a) companheiro(a)

Fonte: Elaboração própria.

- b) A partir do Item 1, foi deliberado em comum acordo entre o comitê e a doutoranda, que seriam utilizados os termos “companheiro” ou “companheira” conforme a Tradução 1 e não “parceiro” ou “parceira” como indicado pela Tradução 2, considerando que os substantivos da primeira tradução são mais comuns em português ao designar a pessoa com quem se mantém um relacionamento amoroso, independente do tipo (fixo, eventual, entre pessoas do mesmo sexo, etc.). Do mesmo modo, ficou determinada a flexão de gênero em todos os itens, apresentada na Tradução 2, por ser mais adaptável à gramática do português brasileiro com relação aos substantivos masculinos e femininos;
- c) O item 10 demandou o debate mais complexo no decorrer do processo, pois o termo em inglês “*heavy petting*” é uma expressão mais difícil de traduzir para o português, já que tanto pode indicar carícias mais intensas e íntimas como pode ser traduzida como masturbação. Tal fato, levou dois juízes a considerar que a palavra “masturbar”, indicada na Tradução 2, deveria ser retirada. Além disso, “*caressing*” e “*fondling*” são sinônimos e poderiam ser traduzidas em uma só palavra, como “acariciar”. Após discussões, chegou-se a decisão para a manutenção dos termos “masturbar” e “acariciar”.

5.3.5.3 Validação de conteúdo – comitê de *experts*

Nesta fase foram utilizadas técnicas específicas para a validação de conteúdo com o comitê de *experts*. Assim, aplicou-se o coeficiente de validade de conteúdo (CVC) para avaliação da concordância entre os juízes sobre a clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica e o Kappa de Fleiss para análise da dimensão teórica (variável categórica). Segundo Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010), realizar unicamente a tradução do instrumento não garante sua aplicabilidade devido às possibilidades, por exemplo, de erros. Os autores reforçam que por esta razão “[...] são recomendados, antes da aplicação, estudos que investiguem a clareza, a representatividade e a relevância dos itens, ou seja, a sua validação de conteúdo” (p. 511).

Para os cálculos do CVC foram empregadas as fórmulas indicadas por Hernández-Nieto (2002), recomendadas também por Balbinotti, Benetti e Terra (2006), Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010) e Leão (2015). A primeira fórmula calculou a média das notas de cada item (M_x) com base nas notas dos juízes atribuídas em escala Likert de cinco pontos (1 =

representa pouquíssima e 5 = representa muitíssima). Assim, $\sum_{i=1}^j 1^{x_i}$ refere-se à soma das notas dos juízes e J representa o número de juízes:

$$M_x = \frac{\sum_{i=1}^j 1^{x_i}}{J}$$

Na sequência, a partir da média, empregou-se o cálculo do CVC para cada item (CVC_i), onde $V_{máx}$ concebe o valor máximo que a avaliação do item poderia receber, no caso 5:

$$CVC_i = \frac{M_x}{V_{máx}}$$

Também foi realizado o cálculo do erro dos itens (Pe_i), seguindo as recomendações dos autores, com a finalidade de diminuir possíveis vieses dos membros do comitê de *experts*:

$$Pe_i = \left(\frac{1}{J}\right)^j$$

Na continuação, obteve-se o CVC final de cada item (CVC_c):

$$CVC_c = CVC_i - Pe_i$$

O cálculo do CVC total do questionário (CVC_t) com as características avaliadas (clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica) considerou M_{cvc_i} como representante da média dos coeficientes de validade de conteúdo dos itens da escala e M_{pe_i} a média dos erros dos itens (Pe_i):

$$CVC_t = M_{cvc_i} - M_{pe_i}$$

Sendo efetuadas todas as equações, Hernández-Nieto (2002) recomenda que sejam consideradas satisfatórias questões que obtiveram $CVC_c > 0,8$. No entanto, Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010) sugerem que o ponto de corte seja relativizado, pelo fato de que os juízes podem possuir formação acadêmica ou profissional diferentes, levando-os a emitir opiniões distintas, afora que o processo de validação de conteúdo supõe um caráter subjetivo

(pessoal e opinativo) das análises. Com isso, neste processo de validação de conteúdo, foram considerados aceitáveis os valores do CVC_c entre 0,7 e 0,8, todavia limítrofes, como enfatizam Balbinott, Benetti e Terra (2006) e ratificados na Tabela 1.

Tabela 1 – Diretrizes para interpretação do CVC

Valor do CVC	Nível de concordância
0 – 0,60	Inaceitável
> 0,60 e \leq 0,70	Deficiente
> 0,70 e \leq 0,80	Aceitável
> 0,80 e \leq 0,90	Bom
> 0,90	Excelente

Fonte: Hernández-Nieto (2002).

No tocante à dimensão teórica (variável categórica), buscou-se analisar a concordância entre os membros do comitê de *experts* por meio do coeficiente Kappa. A estatística Kappa de Cohen tem sido usada para quantificar o nível de concordância entre dois avaliadores (CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2010). Entretanto, para três ou mais juízes, Balbinott, Benetti e Terra (2006), King (2004), Matos (2014) e Zaiontz (2013) recomendam o coeficiente Kappa de Fleiss, configurando-se, do mesmo modo, como uma ferramenta robusta para prever e compreender as análises fatoriais subsequentes. Enquanto parâmetro de interpretação, pesquisadores têm utilizado os critérios instruídos por Landis e Koch (1977), descrito também em Altman (1991) e Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010), conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Diretrizes para interpretação do coeficiente Kappa

Valor do Kappa	Nível de concordância
< 0	Discordância
0 – 0,20	Quase nenhum
0,20 – 0,40	Pequeno
0,40 – 0,60	Moderado
0,60 – 0,80	Substancial
0,80 – 1,00	Quase perfeito

Fonte: Altman (1991), Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro, (2010), Landis e Koch (1977).

Prontamente, a Tabela 3 mostra os escores de CVC para cada item da PDIS com relação às três características avaliadas (clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica), bem como apresenta em qual dimensão teórica o item foi classificado pelos três juízes, comparando-a com a dimensão sugerida pelos autores da escala original.

A maior parte dos itens apresentaram coeficientes de validade de conteúdo satisfatórios ($> 0,70$), inclusive muitos com valores superiores a 0,80. Entretanto, para os itens 2, 4, 5, 6 e 7, no tocante à pertinência prática e relevância teórica, foram necessárias reavaliações, já que inicialmente os coeficientes obtiveram valores abaixo de 0,70, considerados como deficientes ou inaceitáveis.

Os valores de CVC abaixo do nível almejado foram estipulados por dois juízes do comitê de *experts* ao ressaltarem a importância de que as frases compostas por comportamentos que a princípio eram considerados neutros como “falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a)”, “comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a)”, “dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)” e “abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)” fossem contextualizadas, por exemplo, especificando o sexo da outra pessoa, a situação, o local, o horário, além da possível intencionalidade do comportamento, caso contrário poderiam ser subjugadas.

Na continuidade, explicaram-se aos dois membros pontos importantes destacados pelos autores da escala original, tais como:

- a) A escala tem como pretensão verificar quais comportamentos poderiam ser vistos por uma pessoa como sendo um ato de traição, inclusive levá-lo a evitação ou mesmo abster-se de tais comportamentos;
- b) Os comportamentos descritos nos itens da escala original foram descontextualizados intencionalmente, haja vista o objetivo de investigar de forma mais ampla quais comportamentos eram tidos como infidelidade;

Tabela 3 – Escores dos coeficientes de validade de conteúdo (CVC) e dimensão teórica

Nº	ITEM	CVC						DIMENSÃO TEÓRICA (POR NÚMERO DE JUÍZES AVALIADORES)			
		CL	CLPe	PP	PPPe	RT	RTPe	CA	CEx	CEn	W
1	Mentir para o(a) companheiro(a)	1,00	0,96	1,00	0,96	0,93	0,90			3	CEn
2	Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a)	0,80	0,76	0,53/0,73*	0,50/0,70*	0,60/0,80*	0,56/0,76*	3			CA
3	Praticar sexo oral com alguém que não o(a) companheiro(a)	0,80	0,76	0,93	0,90	0,93	0,90		3		CEx
4	Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a)	0,87	0,83	0,60/0,80*	0,56/0,76*	0,60/0,80*	0,56/0,76*	3			CA
5	Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)	0,87	0,83	0,60/0,80*	0,56/0,76*	0,40/0,73*	0,36/0,70*	3			CA
6	Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)	0,87	0,83	0,60/0,80*	0,56/0,76*	0,67/0,80*	0,63/0,76*	3			CA
7	Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a)	0,80	0,76	0,60/0,80*	0,56/0,76*	0,67/0,80*	0,63/0,76*	3			CA
8	Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a)	1,00	0,96	1,00	0,96	1,00	0,96		3		CEx
9	Sair com alguém que não o(a) companheiro(a)	0,87	0,83	0,80	0,76	0,80	0,76	3			CA
10	Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a) companheiro(a)	0,80	0,76	0,93	0,90	0,93	0,90		3		CEx
11	Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)	1,00	0,96	1,00	0,96	1,00	0,96		3		CEx
12	Omitir informações para o(a) companheiro(a)	1,00	0,96	0,87	0,83	0,87	0,83	1		2	CEn
	Média por característica	0,89	0,85	0,88	0,84	0,87	0,83				
	Média da escala total				0,88						
	Média da escala total com cálculo do erro				0,84						
	Média do coeficiente Kappa de Fleiss									0,91	

Fonte: Elaboração própria adaptada de Cassepp-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010).

Legenda: Nº: número do item; CVC: coeficiente de validade de conteúdo; CL: clareza de linguagem; CLPe: clareza de linguagem com cálculo do erro; PP: pertinência prática; PPe: pertinência prática com cálculo do erro; RT: relevância teórica; RTPe: relevância teórica com cálculo do erro; CA: comportamentos ambíguos; CEx: comportamentos explícitos; CEn: comportamentos enganosos; W: dimensão teórica proposta por Wilson et. al. (2011).

Nota: * Item reavaliado após discussão e aprovação entre membros do comitê de *experts* e a pesquisadora.

- c) Os autores reconhecem que os comportamentos são dependentes de um contexto, principalmente os ambíguos e enganosos. Neste caso, salientam que pesquisas futuras devem examinar outras variáveis, incluindo a comparação com construtos que poderiam estar associados, os preditores, as consequências, a intensidade e a gravidade dos comportamentos vinculados às percepções da infidelidade. Indagam também se seriam mais aceitáveis, por exemplo: sair com um amigo, colega de trabalho em comparação a sair com um(a) ex-namorado(a)? Almoçar em um lugar movimentado do que jantar em um restaurante tranquilo e mal iluminado? Ou ainda se a outra pessoa for fisicamente atraente?

À parte das colocações dos autores da PDIS, é fundamental enfatizar que a inclusão de termos que pudessem contextualizar o comportamento poderiam gerar vieses, como:

- a) Modificar o sentido da escala original e por em risco o objetivo da validação, ou seja, de verificar se o teste em questão mede o que de fato se propõe a medir;
- b) Induzir, equivocadamente, as respostas dos participantes da pesquisa, levando-os a perceber sempre comportamentos neutros como traição. Tal atribuição poderia acarretar na diminuição do número de fatores da escala na execução da análise fatorial exploratória (AFE) durante os testes psicométricos, já que possivelmente a maior parte dos itens saturaria em um único fator, neste caso nos comportamentos explícitos;
- c) Perder informações acerca dos sujeitos que presumivelmente tivessem características de ciúme patológico (construto também estudado nesta tese), bem como daqueles que tinham vivências com infidelidade (traindo, como traído ou experiências familiares envolvendo, por exemplo, os pais), pois hipoteticamente considerariam comportamentos neutros como traição ou comportamentos explícitos como aceitáveis.

Posto aos juízes todos os elementos descritos, foi feita uma proposta de modificação do enunciado da instrução da escala, ou seja, que ao invés de “*Por favor, indique em que medida você considera traição os seguintes comportamentos*”, fosse elaborado um novo texto explicando a não contextualização dos comportamentos. Esta condição impactaria menos nos possíveis desvios dos objetivos do instrumento original, além de deixar claro aos respondentes as reais intenções da PDIS. Ademais, a instrução e os itens originais da escala deveriam ser avaliados no pré-teste com a finalidade de verificar a opinião, dificuldades ou sugestões dos participantes. Consequentemente, com a proposta de modificação da instrução

debatida e aprovada, os dois juízes concordaram em alterar os valores dos itens 2, 4, 5, 6 e 7 (por exemplo, aumentando de 2 para 3 ou 4 e de 3 para 4 ou 5 as atribuições na escala Likert) com relação à pertinência prática e relevância teórica, o que permitiu que todos os coeficientes ficassem acima de 0,70, fato observado na Tabela 3.

Apesar dos resultados apresentarem em alguns itens CVC inicial e final entre 0,7 e 0,8, sendo o ponto de corte limite como previamente advertido, todos ficaram no nível aceitável, consoante com os parâmetros estabelecidos na Tabela 1. Também se destaca que todos os aspectos avaliados obtiveram médias acima de 0,80, mesmo após o cálculo do erro, cujos resultados finais foram de 0,85 na clareza de linguagem, 0,84 na pertinência prática e 0,83 na relevância teórica. O coeficiente de validade de conteúdo para toda a escala, considerando a média do CVC_t para os três aspectos julgados, foi de 0,84.

No tocante à análise da dimensão teórica, apenas no item 12 um dos três juízes discordou com a dimensão original proposta por Wilson et. al. (2011), julgando o comportamento como ambíguo ao invés de enganoso. Portanto, resultou-se um coeficiente Kappa de Fleiss de 0,91, considerado com nível de concordância quase perfeito, conforme critérios indicados na Tabela 2. Assim, os resultados sugeriram que as análises da PDIS poderiam seguir para a fase posterior da validação de conteúdo.

5.3.5.4 Pré-teste

A fase do pré-teste é considerada de grande relevância, sendo uma prova preliminar que evidencia possíveis falhas como a complexidade e imprecisão das questões, constrangimentos ao participante do público-alvo, exaustão, etc. (GIL, 2008). Além do mais, Marconi e Lakatos (2017) sugerem que após verificar as inconsistências, “(...) deve-se reformular o questionário, conservando, modificando, ampliando ou eliminando itens; explicitando melhor alguns ou modificando a redação de outros” (p. 203).

Nesta fase, os participantes avaliaram o questionário (título, instruções, itens e escala de respostas), como apresentado no Quadro 8, além de indicarem modificações em trechos dos dados sociodemográficos e inclusão de novas perguntas.

Quadro 8 – Resultados do pré-teste

SEÇÃO	TEXTO FINAL DA VERSÃO SINTETIZADA	OBSERVAÇÕES DO PRÉ-TESTE	TEXTO FINAL APÓS ALTERAÇÕES DO PRÉ-TESTE
Título	Escala de percepções da infidelidade no relacionamento – EPIR.	Incluir “amoroso” no título para ficar mais claro o sentido do relacionamento romântico.	Escala de percepções da infidelidade no relacionamento amoroso – EPIRA.
SEÇÃO	TEXTO FINAL DA VERSÃO SINTETIZADA	OBSERVAÇÕES DO PRÉ-TESTE	TEXTO FINAL APÓS ALTERAÇÕES DO PRÉ-TESTE
Instrução	Por favor, indique em que medida você considera traição os seguintes comportamentos.	Acrescentar no texto o real objetivo do instrumento, proporcionando a melhoria da instrução, já que os itens levam a necessidade de contextualização dos comportamentos. Também deixar claro que deveria ser indicado um número para cada item na escala de respostas.	A escala abaixo avalia as percepções que uma pessoa possui acerca do que poderia ser um comportamento e/ou situações de infidelidade em um relacionamento amoroso. Circulando um número para cada item na escala de respostas, indique a sua opinião independente do contexto que tais comportamentos/situações possam ocorrer (por exemplo, local, horário, a outra pessoa envolvida, as intenções, etc.), bem como se você vivenciou ou vivencia um relacionamento amoroso. Trata-se, portanto, do seu julgamento sobre as atitudes e as circunstâncias que, de um modo geral, poderiam ser indicativas de traição.
Escala de respostas	Nunca é traição = 0 Sempre é traição = 6	Descrever todos os pontos da escala Likert e não apenas os extremos.	Nunca é traição = 0 Bastante improvável ser traição = 1 Improvável ser traição = 2 Nem provável, nem improvável ser traição = 3 Provável ser traição = 4 Bastante provável ser traição = 5 Sempre é traição = 6
Item 1	Mentir para o(a) companheiro(a).	Sem alteração	Mentir para o(a) companheiro(a).
Item 2	Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a).	Sem alteração	Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a).
Item 3	Praticar sexo oral com alguém que não o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Praticar sexo oral com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 4	Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 5	Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 6	Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 7	Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 8	Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 9	Sair com alguém que não o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Sair com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 10	Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 11	Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)
Item 12	Omitir informações para o(a) companheiro(a)	Sem alteração	Omitir informações para o(a) companheiro(a)

Fonte: Elaboração própria.

Diante do exposto, as alterações do instrumento sugeridas no pré-teste confirmaram a necessidade de acréscimo da palavra “amoroso” no título, condizente com as discussões realizadas pelo comitê de juízes ainda na fase da síntese das traduções. Assim, acatou-se a sugestão de um dos membros do referido comitê ao considerar que o termo “amoroso” não restringiria as percepções apenas aos relacionamentos estáveis (casamento, noivado ou namoro fixo). Os participantes do pré-teste ponderaram que a inclusão do termo conferia ao título a certeza de tratar-se de relacionamentos românticos ao invés de outra forma de afeto, como com familiares ou amigos. Deste modo, o título da PDIS no português brasileiro passa a ser “*Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento Amoroso – EPIRA*”.

Igualmente, tornou-se imprescindível a reestruturação da instrução, como se havia previsto na fase do comitê de *experts*. Os participantes do pré-teste ressaltaram a primordialidade na produção de um texto claro, com mais detalhes acerca dos objetivos do instrumento e do formato idealizado pelos autores da escala. Na oportunidade, foi frisado que a permanência da instrução como na versão original, levaria o público-alvo à necessidade de contextualização dos comportamentos, fato que poderia prejudicar o entendimento, as respostas e o processo da validação como um todo.

Segundo Gil (2008) o pré-teste deve assegurar que o questionário esteja bem elaborado, sendo sua introdução um dos itens fundamentais. Logo, elaborou-se um novo enunciado, com a colaboração dos participantes do pré-teste, contendo o objetivo do instrumento, formato das respostas (ressaltando que se deve circular um número para cada item na escala Likert e que as descrições dos rótulos estivessem em todos os pontos e não apenas nos extremos) e, sobretudo, informando que se tratava de opinião independente do contexto nos quais os comportamentos/situações poderiam ocorrer (por exemplo, local, horário, a outra pessoa envolvida, as intenções, etc.). Também deveria ser informado que as respostas não dependiam do indivíduo ter vivenciado ou se vivenciava um relacionamento amoroso. Assim, destacou-se que, de um modo geral, os participantes julgariam sobre quais atitudes e circunstâncias poderiam ser indicativas de traição. O texto final da instrução foi enviado aos dois membros do comitê de *experts* que indicaram valores de CVC abaixo do nível esperado e concordaram em retificá-los após o acordo para que a instrução e os itens fossem avaliados pelo pré-teste. De tal modo, o novo enunciado e as sugestões dos participantes do pré-teste foram admitidos para compor a versão da EPIRA a ser utilizada nos testes psicométricos.

Além das modificações citadas especificamente no instrumento, os participantes do pré-teste indicaram a inserção de novas perguntas sobre o relacionamento amoroso para

compor o questionário (Apêndice G) no momento da coleta de dados dos testes psicométricos, sendo:

- a) O grau de importância do relacionamento (com os extremos “nada importante = 1” e “totalmente importante = 5”);
- b) O tipo de relação vivenciada (por exemplo, fechada, aberta, amor livre ou poliamor).

Foi pontuada a importância do acréscimo dessas novas variáveis, inclusive como forma de compará-las com as respostas obtidas no instrumento das percepções da infidelidade, haja vista que vivenciar um relacionamento fechado poderia levar as pessoas a uma opinião diferente de quem vive um relacionamento, por exemplo, aberto. No tocante às modificações das questões previamente elaboradas sobre as vivências de infidelidade, foram indicadas alterações em algumas respostas, quando pertinentes, com a inclusão de mais uma opção, ou seja, ao invés de contar apenas com as respostas dicotômicas “sim” ou “não”, foi adicionada a alternativa “não sei”. Nas questões sociodemográficas, foi acrescentada a opção “não declarado” entre as respostas sobre o sexo do participante, atendendo aos indivíduos que não se identificassem com o sexo binário, bem como aqueles que, porventura, se considerassem com outra identidade de gênero ou fossem intersexo⁴.

5.3.5.5 Tradução reversa (*back-translation*)

Os dois tradutores desta fase, que deveriam ser diferentes dos que participaram das duas traduções iniciais (condição às cegas), compuseram as retrotraduções em um documento elaborado exclusivamente para este fim (Apêndice E). O tradutor nativo na língua portuguesa compôs a versão retrotraduzida 1 e o tradutor nativo na língua inglesa constituiu a versão retrotraduzida 2. As duas traduções reversas foram avaliadas pelo mesmo comitê de juízes especialistas em linguística da fase da síntese das traduções iniciais, sendo escolhidos textos e itens que fossem os mais adequados e que menos apresentassem discrepâncias quando comparados com a escala original. A reunião dessas opções gerou uma única versão (realçada em negrito no Quadro 9) que melhor atendeu aos critérios.

⁴ Do ponto de vista médico, o intersexo é considerado um distúrbio da diferenciação sexual que resulta em genitália ambígua na criança e constitui-se um desafio para várias áreas profissionais uma vez que existem controvérsias quanto à própria definição, manejo no tratamento e complexidades psicossociais, afirma Hemesath (2013).

Quadro 9 – Versões retrotraduzidas da EPIRA (back-translation)

SEÇÃO	TEXTO FINAL APÓS ALTERAÇÕES DO PRÉ-TESTE	VERSÃO RETROTRADUZIDA 1	VERSÃO RETROTRADUZIDA 2
Título	Escala de percepções da infidelidade no relacionamento amoroso – EPIRA	Perceptions' scale of infidelity in love relationship - PSILR	Perceptions of Infidelity Scale in Amorous Relationships – PISAR
Instrução	A escala abaixo avalia as percepções que uma pessoa possui acerca do que poderia ser um comportamento e/ou situações de infidelidade em um relacionamento amoroso. Circulando um número para cada item na escala de respostas, indique a sua opinião independente do contexto que tais comportamentos/situações possam ocorrer (por exemplo, local, horário, a outra pessoa envolvida, as intenções, etc.), bem como se você vivenciou ou vivencia um relacionamento amoroso. Trata-se, portanto, do seu julgamento sobre as atitudes e as circunstâncias que, de um modo geral, poderiam ser indicativas de traição.	The below scale evaluates the perceptions that a person owns about what could be a behavior and/or situations of infidelity in a love relationship. Circulating a number for each item in answers scale, indicate your opinion independent of the context such behaviors/situations to may occur (per example, place, time, the other person involved, the intentions, etc.) as well if you lived or live a love relationship. It is therefore from your judgment about the attitudes and circumstances which, in general, could be betrayal? indicathnives.	The scale below evaluates the perceptions that a person has about what could be a behavior and/or situations of infidelity in a loving relationship. Circulating a number for each item in the response scale, state your opinion regardless of the context in which such behaviors/situations may occur (for example, location, time, other person involved, intentions, etc.), as well as whether you have experienced or are currently experiencing a loving relationship. This is therefore about your judgment on attitudes and circumstances which, in general, could be indicative of betrayal.
Escala de respostas	Nunca é traição = 0 Bastante improvável ser traição = 1 Improvável ser traição = 2 Nem provável, nem improvável ser traição = 3 Provável ser traição = 4 Bastante provável ser traição = 5 Sempre é traição = 6	Never is betrayal = 0 Quite unlikely to be betrayal = 1 Unlikely to be betrayal = 2 Neither likely or unlikely be betrayal = 3 Likely to be betrayal = 4 Quite likely to be betrayal = 5 Always is betrayal = 6	Never betrayal = 0 Very improbably betrayal = 1 Improbably betrayal = 2 Neither probably, nor improbably betrayal = 3 Probably betrayal = 4 Very probably betrayal = 5 Always betrayal = 6
Item 1	Mentir para o(a) companheiro(a).	Lie to the partner.	Lying to the partner.
Item 2	Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a).	Speak on the phone or over internet with another person who isn't the partner.	Talk on the phone or on the internet with another person who is not the partner.
Item 3	Praticar sexo oral com alguém que não o(a) companheiro(a)	Practice oral sex with someone who isn't the partner.	Practice oral sex with someone who is not the partner.
Item 4	Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a)	Eat or drink with someone who is not your partner.	Eat or drink with someone who is not the partner.
Item 5	Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)	Dance with someone who is not your partner.	Dance with someone who is not the partner.
Item 6	Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)	Hug someone who is not your partner.	Hug someone who is not the partner.
Item 7	Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a)	Buy or accept gifts for/from someone other than your partner.	Buy or accept presents to/from someone who is not the partner.
Item 8	Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a)	Having love dates with someone who is not your partner.	Have loving encounters with someone who is not the partner.
Item 9	Sair com alguém que não o(a) companheiro(a)	Go out with someone who is not your partner.	Go out with someone who is not the partner.
Item 10	Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a) companheiro(a)	Masturbate or caress intimately someone who is not your partner.	Masturbate or caress someone who is not the partner.
Item 11	Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)	Having sexual relations with someone who is not your partner.	Have sexual relations with someone who is not the partner
Item 12	Omitir informações para o(a) companheiro(a)	Omit informations for your partner.	Omit information to the partner.

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Destaque em negrito dos textos/itens escolhidos para compor a versão retrotraduzida.

5.3.6 Discussão

Considerando todas as informações prestadas na Etapa 1, é possível concluir que os processos realizados e os resultados encontrados apresentaram evidências consistentes da adequação da PDIS com as equivalências conceitual e idiomática para o contexto brasileiro.

Contar com a avaliação de um comitê formado por profissionais na área de linguística na fase da síntese das traduções foi fundamental por ter fornecido um panorama qualitativo ao processo (BORSA; DAMÁSIO; BANDEIRA, 2012). Na fase da validação de conteúdo com o comitê de *experts*, os três aspectos considerados para o julgamento da qualidade da escala – clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica – obtiveram médias dos coeficientes de validade de conteúdo, incluindo o cálculo do erro, maiores que 0,8. Isso sugere que o instrumento é coerente e foi bem adaptado (HERNÁNDEZ-NIETO, 2002). No que diz respeito à dimensão teórica, apesar de ter ocorrido desacordo entre os juízes em um único item, o coeficiente Kappa de Fleiss apresentou nível de concordância considerado quase perfeito (0,91), mostrando também ser um bom previsor de fatores para a análise exploratória e de avaliação dos fatores indicados no estudo original.

Avaliar as opiniões do comitê de *experts* por meio do CVC e do coeficiente de Kappa de Fleiss, seguindo princípios matemáticos, refina ainda mais o instrumento e propõe uma estimativa sobre resultados futuros, uma vez que fornece evidências teóricas sobre a dimensionalidade da escala e a representatividade dos itens (RUBIO et al., 2003). A validade de conteúdo preconiza a subjetividade em suas avaliações, requer um número pequeno de juízes e não deve ser tomada como uma verdade absoluta (CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEODORO, 2010). Porém, mensurar os itens para identificar se de fato são adequados aos objetivos do instrumento, torna a validade de conteúdo um mecanismo essencial antes da coleta de dados e embora não seja comum nos procedimentos de validação (BILLARD, 2018; VALLEJO-MEDINA; PÉREZ-DURÁN; SAAVEDRA-ROA, 2018), evita falhas que só seriam perceptíveis posteriormente, além de permitir correções em tempo hábil. Também contribui para evidências de validade de construto por fornecer o grau em que os elementos da avaliação do instrumento são relevantes e representativos do construto alvo e por afetar a estrutura fatorial latente que demonstra magnitudes significativas de covariância (HAYNES; RICHARD; KUBANY, 1995).

A aplicação do pré-teste revelou-se, do mesmo modo, uma boa estratégia de análise da PDIS antes dos testes psicométricos, permitindo uma estimativa sobre o quão compreensível seria a medida na cultura a qual se destina, gerando maior segurança e precisão no processo

de validação. Para Haynes, Richard e Kubany (1995) e Vogt, King e King (2004) a utilização de entrevistas abertas com participantes da população-alvo pode aumentar a chance de que os conteúdos dos itens sejam válidos para a finalidade pretendida e também pode sugerir facetas adicionais e a necessidade de refinamento do instrumento. A versão ora indicada para o português do Brasil – EPIRA – foi aperfeiçoada no título com o acréscimo do termo “amoroso” e, nomeadamente, nas instruções, proporcionando a melhor compreensão do construto analisado, além de evitar prováveis vieses. Outro ponto importante foi a inclusão de novas variáveis no questionário referentes ao relacionamento, condição igualmente salientada por Wilson et al. (2011) para fins de comparação com as percepções da infidelidade.

Por último, a tradução reversa mostrou-se como uma boa ferramenta prática de contato entre pesquisadores que estão adaptando um instrumento e o(s) autor(es) da escala original. Com essa comunicação, é possível afirmar se os itens têm, em sua essência, a mesma ideia conceitual que os itens originais, afirmam Borsa, Damásio e Bandeira (2012). Vale destacar, que foi testada a inclusão da retrotradução na sucessão dos demais procedimentos, seguindo as sugestões dos autores citados, circunstância ora avaliada como justificável e coerente, já que conforme nessa fase o instrumento deverá estar “pronto” também para a aplicação dos testes psicométricos. A tradução reversa realizada durante os procedimentos iniciais (por exemplo, depois da síntese das traduções) como indica Beaton (2000, 2007), torna-se mais passível a erros, sobretudo, pelo fato do instrumento ainda não ter sido avaliado na fase de validação de conteúdo (comitê de *experts* e pré-teste).

5.4 ETAPA 2 – PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO AMOROSO (EPIRA), CORRELAÇÃO COM O CIÚME ROMÂNTICO E AS DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS

Concluídos os processos das traduções iniciais e reversa, adaptação transcultural e validação de conteúdo, foi principiada a Etapa 2 com o propósito de realização dos testes das propriedades psicométricas da EPIRA, considerando sua validade de construto e validade de critério. No primeiro momento se conduziu a análise fatorial exploratória (AFE) e averiguações da confiabilidade da medida, seguida dos testes de ajuste do modelo por meio de análise fatorial confirmatória (AFC). Na continuidade, realizou-se o estudo correlacional entre as medidas de percepções da infidelidade e o ciúme romântico. A etapa foi finalizada com as comparações entre os sexos. Para tanto, antes das explanações dos resultados, são

apresentadas informações sobre os participantes, instrumentos, procedimento, tabulação e análise dos dados da Etapa 2.

5.4.1 Participantes

Para esta fase foram consideradas as recomendações de Pasquali (2010). Segundo o autor são indicados 10 participantes para cada item da medida, especialmente quando há dúvidas do número de fatores que o instrumento mede. Porém, faz a ressalva sobre uma melhor adequação da análise fatorial, para a qual se recomenda no mínimo 200 participantes. Assim, tendo em vista que o instrumento a ser validado possui originalmente 12 itens subdivididos em 3 fatores e que seus parâmetros psicométricos foram avaliados com os procedimentos de AFE e AFC, semelhantes aos utilizados na versão norte-americana, optou-se aqui pela seleção do quantitativo mínimo indicado pelo autor.

De tal modo, com uma amostra do tipo não probabilística, por conveniência, participaram nesta fase 252 estudantes de graduação e pós-graduação de cursos presenciais de uma instituição acadêmica privada. Composta por ambos os sexos, incluindo-se aqueles que oportunamente considerassem relevante a atribuição a outro sexo e/ou identidade de gênero, a maioria foi do sexo feminino (63,5%), heterossexual (84,1%) e que se avaliaram quanto à sexualidade em geral como sendo uma pessoa “nem conservadora, nem liberal” (36,4%). A idade média foi de 26,5 anos (DP = 7,52; amplitude de 18 a 60 anos). A maior parte dos respondentes era solteira (68,3%), porém destes predominaram os que se encontravam namorando fixo (43,5%). No que diz respeito à religião, a maior parte disse ser católica (39,5%). Quanto à classe socioeconômica, estes se percebiam principalmente como pertencentes à classe média (53,4%).

Para os que estavam vivenciando uma relação afetiva, estável ou ocasional, no momento da coleta, também foram levantados dados acerca do tempo, grau de importância e tipo de relacionamento. Apesar do tempo de relacionamento ter apresentado frequências aproximadas em quatro intervalos, prevaleceram os que tinham entre 1 a 3 anos de relação (24,6%). O grau de importância foi, sobretudo, o “totalmente importante” (45,5%). Quanto ao tipo, 85,1% consideravam o relacionamento como “fechado”.

No tocante aos critérios de inclusão e exclusão, descritos abaixo, foram estabelecidas as mesmas especificações da fase do pré-teste. Não ocorreram restrições com relação às variáveis da área de conhecimento do curso, orientação sexual, identidade de gênero, classe

socioeconômica, religião e estado civil. Apenas a variável idade manteve-se restrita (mínimo de 18 anos, sem limite quanto à idade máxima).

a) Critérios de inclusão:

- Maiores de 18 anos;
- Participantes dos sexos feminino e masculino, bem como os que atribuíssem outra identidade de gênero.

b) Critérios de exclusão:

- Participantes que não estivessem devidamente matriculados na instituição acadêmica;
- Participantes que recusassem a responder ao questionário no mesmo momento que os demais estudantes da turma e em sala de aula;
- Participantes que apresentassem dificuldades cognitivas ou emocionais no momento da aplicação do questionário;

Na Tabela 4 são apresentadas as frequências das informações adicionais de cada variável dos dados sociodemográficos, da sexualidade em geral e das questões sobre o relacionamento. Cabe ressaltar que a variável “idade” foi coletada de forma contínua, porém foi elaborado um segundo formato em intervalos (uma categoria até 20 anos e as demais a cada cinco anos), tornando-a mais adequada para as análises estatísticas. Do mesmo modo, a variável “tempo de relacionamento” foi coletada nominalmente em meses e anos, tendo sido igualmente realizada a sua transformação para o formato em intervalos, considerando a mesma justificativa da variável “idade”. Os intervalos atribuídos às categorias, tanto para a idade como para o tempo de relacionamento, estão embasados nos dados informados pelo documento *Estatísticas de Registro Civil* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) tendo em vista a faixa etária e as fases mais comuns de ocorrência de casamentos e divórcios.

Tabela 4 – Distribuição de frequência dos dados sociodemográficos, a sexualidade em geral e questões sobre o relacionamento dos participantes da Etapa 2 (n = 252)

Variáveis	Categorias	Frequência	Percentual (%)
Sexo	Feminino	160	63,5
	Masculino	92	36,5
Idade (em intervalos)	Até 20	34	13,5
	21 a 25	115	45,8
	26 a 30	51	20,3
	31 a 35	19	7,6
	36 a 40	17	6,8
	41 a 45	7	2,8
	46 a 50	3	1,2
	51 a 55	3	1,2
56 a 60	2	0,8	
Identidade de gênero	Especificada pelo participante	0	0
Orientação sexual	Heterossexual	207	84,1
	Homossexual	19	7,7
	Bissexual	17	6,9
	Outra	3	1,2
Sexualidade em geral	Muito conservadora	13	5,2
	Conservadora	59	23,6
	Nem conservadora, nem liberal	91	36,4
	Liberal	67	26,8
	Muito liberal	20	8,0
Estado civil	Solteiro(a)	172	68,3
	Casado(a)/União estável	56	22,2
	Convivente	15	6,0
	Separado(a)/divorciado(a)	9	3,6
	Viúvo(a)	0	0
Se não era casado(a), estaria...	Sem relacionamento	50	26,2
	Com namorado(a) ocasional	43	22,5
	Namorando fixo	83	43,5
	Noivo(a)	15	7,9
Formação acadêmica	Graduação	191	76,4
	Pós-graduação	59	23,6
Nacionalidade	Brasileira	250	100
	Outra	0	0
Classe socioeconômica	Baixa	9	3,6
	Média Baixa	67	26,7
	Média	134	53,4

Continua

			Conclusão	
Variáveis	Categorias	Frequência	Percentual (%)	
Classe socioeconômica	Média Alta	39	15,5	
	Alta	2	0,8	
Religião	Católica	94	39,5	
	Evangélica	26	10,9	
	Cristã	28	11,8	
	Espírita	12	5,0	
	Outras	11	4,5	
	Não tem uma religião	67	28,2	
Quanto se considerava religioso	Nada	28	11,3	
	Pouco	43	17,3	
	Mais ou menos	97	39,1	
	Muito	58	23,4	
	Totalmente	22	8,9	
Tempo de relacionamento (em intervalos)*	Até 1 ano	40	20,5	
	De 1 ano e 1 mês a 3 anos	48	24,6	
	De 3 anos e 1 mês a 5 anos	41	21	
	De 5 anos e 1 mês a 10 anos	39	20	
	De 10 anos e 1 mês a 15 anos	12	6,2	
	Acima de 15 anos e 1 mês	15	7,7	
Grau de importância do relacionamento*	Nada Importante	2	1,0	
	Pouco Importante	11	5,4	
	Importante	33	16,3	
	Muito Importante	64	31,7	
	Totalmente Importante	92	45,5	
Tipo de relacionamento*	Fechado	171	85,1	
	Aberto	11	5,5	
	Amor livre	10	5,0	
	Poliamor	2	1,0	
	Outro	7	3,5	

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Destaques em negrito para as maiores frequências.

* Pergunta direcionada aos participantes que estavam vivenciando um relacionamento afetivo no momento da coleta de dados.

5.4.2 Instrumentos

O questionário (Apêndice G) elaborado para esta tese foi composto pelas medidas das percepções da infidelidade e do ciúme romântico, com a inclusão de questões sobre o relacionamento amoroso, vivências de infidelidade e perguntas sociodemográficas. Logo, foram utilizados:

a) Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento Amoroso (EPIRA)

Como resultado da Etapa 1, aplicou-se aqui a última versão elaborada após as alterações realizadas no pré-teste (Quadro 8 do subtópico 5.3.5.4). Considerando os três fatores da EPIRA (comportamentos ambíguos, enganosos e explícitos), os 12 itens foram classificados em uma escala Likert de sete pontos com os extremos: 0 = nunca é traição e 6 = sempre é traição. Demais informações sobre a escala original podem ser observadas no subtópico 5.3.2 da Etapa 1 referente aos materiais e instrumento utilizados.

b) Inventário de Ciúme Romântico – Revisado (ICR-R)

Proposto por Carvalho, Bueno e Kebleris (2008) para o contexto brasileiro, a primeira versão do Inventário de Ciúme Romântico (ICR) foi construída com 28 itens, objetivando a avaliação do ciúme romântico em suas manifestações patológica e não patológica. As análises resultaram em seis fatores: (1) *Ciúme romântico*: ocorrência de reações negativas frente ao contato do(a) parceiro(a) com possíveis rivais ou a impossibilidade de manter algum tipo de contato ou comunicação ($\alpha = 0,81$); (2) *Não ciúme*: situações em que a presença de um suposto rival não é considerada perigosa ao relacionamento ($\alpha = 0,87$); (3) *Não agressão*: manifestação de comportamentos não agressivos ($\alpha = 0,76$); (4) *Desconfiança*: sentimento de desconfiança quando é impossível se comunicar ou obter informações a respeito do(a) parceiro(a) ($\alpha = 0,72$); (5) *Investigação*: procura de sinais de infidelidade do(a) parceiro(a) ($\alpha = 0,62$); (6) *Insegurança*: incertezas quanto ao compromisso do(a) parceiro(a) com o relacionamento ($\alpha = 0,72$).

Contudo, Bueno e Carvalho (2012) consideraram pertinente uma revisão do ICR com vistas à melhoria da representação comportamental de fatores com baixo número de itens e a eliminação dos fatores não relacionados à ocorrência de ciúme romântico. Assim, chegou-se a versão final composta por 30 itens que descrevem a ocorrência de reações de ciúme romântico ($\alpha = 0,91$ para o fator geral), subdivididos também em 6 fatores, sendo:

- 1) *Não contato com o parceiro*: crenças ou pensamentos de infidelidade quando um contato com o(a) parceiro(a) não é conseguido ou diante da perda de controle da localização deste, como “penso em infidelidade quando meu parceiro(minha parceira) não atende o celular” ($\alpha = 0,90$);

- 2) *Contato parceiro-rival*: reações emocionais típicas de ciúme frente à percepção do parceiro estabelecendo um relacionamento com um possível rival, por exemplo, “o fato de meu parceiro(minha parceira) elogiar outra mulher(outro homem) me incomoda” ($\alpha = 0,83$);
- 3) *Agressão ao parceiro*: reações agressivas voltadas para o(a) parceiro(a), como “já tive vontade de agredir meu parceiro(minha parceira) por desconfiar de sua fidelidade no relacionamento” ($\alpha = 0,81$);
- 4) *Agressão ao rival*: reações agressivas voltadas para possíveis rivais ou reações impulsivas/histéricas quando o parceiro dá mais atenção a uma terceira pessoa, a exemplo “já briguei com pessoas por desconfiar da fidelidade do meu parceiro(da minha parceira)” ($\alpha = 0,66$);
- 5) *Autoestima*: reações nas quais o indivíduo atribui a si a culpa pela possibilidade de infidelidade do(a) parceiro(a), como “caso meu parceiro(minha parceira) seja infiel comigo, provavelmente eu serei a(o) responsável ($\alpha = 0,67$);
- 6) *Investigação*: comportamentos de investigação relacionados à fidelidade do(a) parceiro(a), por exemplo “eu contrataria um detetive particular para seguir meu parceiro(minha parceira)” ($\alpha = 0,55$).

Os autores reforçam que mesmo após a inclusão de mais itens, os testes com análise fatorial exploratória indicaram nos três últimos fatores a ocorrência de saturações satisfatórias com apenas três ou quatro itens. Assim, os coeficientes de consistência interna ficaram abaixo de 0,7, valor tradicionalmente considerado como ponto de corte em termos de fidedignidade, mas que está sujeito à sensibilidade do alfa de Cronbach com relação ao número de itens em cada fator. Porém, tendo em vista o posicionamento do Conselho Federal de Psicologia (CFP) em aceitar valores de consistência interna superiores a 0,6⁵, os pesquisadores recomendaram o uso da escala para fins de pesquisa, especialmente para uma avaliação global do ciúme romântico.

Nesse sentido, considerando a importância da análise das relações entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico, especialmente nas observações dos comportamentos com tendências ao ciúme patológico e não patológico, optou-se pela aplicação do Inventário

⁵ Em legislação mais atualizada, é possível observar a manutenção das orientações acerca dos índices de consistência interna, sendo satisfatórios aqueles iguais ou superiores a 0,60, conforme o Anexo 1 da Resolução CFP nº 009/2018 (CFP, 2018) que estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/2017 e 02/2017.

de Ciúme Romântico – Revisado (BUENO; CARVALHO, 2012). As respostas dos participantes foram atribuídas em uma escala Likert de cinco pontos, contendo os seguintes extremos: 1 = Nada característica e 5 = Totalmente característica.

c) Questões sobre o relacionamento amoroso

Atendendo às observações dos participantes na fase do pré-teste na Etapa 1, com o intuito de compreender as possíveis influências exercidas pelo tempo, grau de importância e tipo de relacionamento, elaborou-se questões direcionadas exclusivamente àqueles que estavam envolvidos em uma relação amorosa, estável ou ocasional, no momento da coleta de dados.

Como mencionado na descrição do perfil dos participantes (subtópico 5.4.1), o “tempo” foi respondido enquanto variável categórica nominal expressa em meses e anos, sendo transformada em uma segunda variável nomeada de “tempo de relacionamento em intervalos”. Assim, formularam-se cinco categorias de respostas sendo a primeira com até 1 ano de relacionamento, duas com intervalos de dois anos (de 1 ano e 1 mês a 3 anos; e de 3 anos e 1 mês a 5 anos), duas com intervalos de 5 anos (de 5 anos e 1 mês a 10 anos; e de 10 anos e 1 mês a 15 anos) e a última a partir de 15 anos e 1 mês. Os intervalos foram embasados nos dados do IBGE (2017) que apontaram um número alto de divórcios no primeiro ou segundo ano de casamento (34.081), diminuindo progressivamente entre 3 e 9 anos (de 15.792 a 11.658, respectivamente). Porém, estes números voltaram a aumentar, substancialmente, a partir dos 10 anos (45.574) até os 20 anos ou mais (78.062) de existência da relação conjugal, chegando ao somatório de 157.524 casos de divórcios no período. O tempo médio de duração da relação entre a data do casamento e o divórcio é de 14 anos, sendo o intervalo variando de 11 a 18 anos.

O grau de importância da relação amorosa foi medido em uma escala com os extremos 1 = Nada importante e 5 = Totalmente importante. Já os tipos de relacionamentos (FREIRE, 2013; PILÃO; GOLDENBERG, 2012) foram estabelecidos como *fechado* (relação estável entre duas pessoas, não sendo permitido envolvimento emocional ou sexual com uma terceira pessoa), *aberto* (relação estável entre duas pessoas, mas podem se relacionar eventualmente com outras e geralmente possui regras como não envolver-se com amigos do casal ou emocionalmente com a outra pessoa), *amor livre* (relação estável entre duas pessoas, mas podem se relacionar com outras, incluindo envolvimento emocional e/ou sexual) e *poliamor* (relações emocionais e sexuais entre várias pessoas, podendo ser do mesmo grupo e não há

regras). Também se acrescentou a opção *outros*, caso os respondentes quisessem atribuir outra forma de relacionamento.

d) Vivências de infidelidade

Apesar de não se ter conjecturado as vivências de infidelidade como parte da hipótese de pesquisa, buscou-se conhecer as características dos participantes no tocante às experiências indiretas, por meio de familiares ou amigos, como pelas próprias vivências enquanto traidor e/ou traído. As respostas entre “sim”, “não” ou “não sei” foram dadas para as questões: Você tem algum familiar ou amigo(a) que trai atualmente? Você tem algum familiar ou amigo(a) que é traído(a) atualmente? Em um relacionamento anterior, você foi traído(a)? Em um relacionamento anterior, você teve a sensação de que foi traído(a)? Você acha que está sendo traído(a) atualmente?

Algumas indagações ficaram apenas com as respostas dicotômicas “sim” e “não”: Em um relacionamento anterior, você traiu? Você pensa que poderia vir a trair seu(sua) parceiro(a) atual? Você alguma vez já traiu seu(sua) parceiro(a) atual? Você está traindo atualmente o(a) seu(sua) parceiro(a)?

e) Questões sociodemográficas

Por último incluíram-se perguntas de caráter sociodemográfico procurando retratar o perfil dos participantes do estudo e realizar alguns testes estatísticos. No total foram 12 questões: *sexo* (além de feminino e masculino, constaram as opções “não declarado” e “outro”), *identidade de gênero* (questão aberta, sem a utilização de categorias), *orientação sexual* (heterossexual, homossexual, bissexual e outra), *sexualidade em geral* (escala com as extremidades 1 = Muito conservadora e 5 = Muito liberal), *idade* (coletada de forma contínua), *nacionalidade* (brasileira e outra), *formação acadêmica* e *curso* (realizando graduação ou pós-graduação), *classe socioeconômica* (escala variando de 1= Baixa a 5 = Alta), *estado civil* [solteiro(a), casado(a)/união estável, convivente, separado(a)/divorciado(a) ou viúvo(a)], *se não fosse casado(a), em qual situação estaria* [sem relacionamento, com namorado(a) ocasional, namorando fixo ou noivo(a)], *religião* (questão aberta, sem a utilização de categorias, mas com a opção de colocar zero caso não tivesse religião), *grau de religiosidade* (avaliado em uma escala de cinco pontos, com os extremos 0 = Nada e 5 = Totalmente).

Salienta-se que para a variável “idade” foi elaborado um segundo formato em intervalos, sendo uma categoria até 20 anos e as demais a cada cinco anos. Semelhante à variável “tempo de relacionamento”, os intervalos da idade foram constituídos conforme as informações do IBGE (2017), nas quais se aferiu para as uniões civis de sexo diferente, que os homens se uniram em média aos 30 anos e as mulheres aos 28 anos. Para os casamentos civis entre pessoas do mesmo sexo, a idade média ao contrair a união foi de aproximadamente 34 anos para os homens e 33 anos para as mulheres. No tocante aos divórcios, em média, na data do registro, os homens tinham 43 anos, enquanto as mulheres tinham 40 anos. Por conseguinte, o formato da idade em intervalos viabilizou alguns cálculos estatísticos nas associações com as percepções da infidelidade e o ciúme romântico, além de melhor adequar-se às faixas etárias e as fases mais comuns de ocorrência de casamentos e divórcios.

5.4.3 Procedimento

A coleta de dados obedeceu a um procedimento padrão, garantindo todos os preceitos éticos das pesquisas realizadas com seres humanos (RESOLUÇÕES nº466/2012 e nº510/2016 do CNS) e as peculiaridades dos estudos com amostras de conveniência formada por estudantes universitários. Os questionários foram de autoaplicação e em salas de aula da instituição acadêmica privada (Faculdade Boa Viagem). Com base na leitura do TCLE, informou-se aos participantes o objetivo geral do estudo, indicando que se tratava de conhecer mais acerca das percepções da infidelidade e do ciúme romântico. Enfatizou-se o caráter sigiloso, de não haver respostas certas ou erradas e que poderiam desistir da participação em qualquer momento da coleta. Somente depois deste procedimento e da devida autorização, os participantes receberam o questionário, acompanhado de alguns esclarecimentos quanto à forma de proceder, bem como o respeito às diretrizes éticas. Foi solicitado assim, que respondessem individualmente da forma mais sincera possível. No final, todos receberam a via do TCLE do participante. Cerca de 30 minutos foram necessários para as instruções e preenchimento.

5.4.4 Tabulação e análise dos dados

Nos testes das propriedades psicométricas da EPIRA, os dados foram tabulados e analisados por meio dos *softwares* IBM SPSS *Statistics* 21 e IBM SPSS *Amos* 24. Utilizaram-se estatísticas descritivas (medidas de tendência central, dispersão e distribuição de

frequência) principalmente para caracterizar os participantes do estudo, as perguntas relativas à importância e ao tipo de relacionamento, à sexualidade geral e às vivências de infidelidade. A análise fatorial exploratória (AFE) foi empregada a fim de compreender a estrutura fatorial da EPIRA, bem como a análise fatorial confirmatória (AFC) para verificar se o modelo final apresentou bom ajuste aos dados. Ademais, buscou-se comprovar sua consistência interna através do alfa de Cronbach. O coeficiente r de Pearson foi utilizado para a correlação inter-itens (outra medida de confiabilidade) e para avaliar a relação entre os fatores da medida das percepções da infidelidade e, na sequência, com os fatores do ciúme romântico. Foi realizada uma análise de variância de uma via (*one way ANOVA*) com medidas repetidas para verificação dos comportamentos que seriam avaliados como os mais prováveis de traição e uma análise de regressão linear hierárquica (método *inserir/enter*) para averiguar o quanto as percepções da infidelidade explicam o ciúme romântico. Para as vivências de infidelidade, efetivaram-se testes de qui-quadrado de Pearson (χ^2). Além disso, para aferir as diferenças entre os sexos nas respostas aos dois construtos ora estudados, aplicou-se uma análise multivariada de variância (MANOVA).

5.4.5 Resultados

5.4.5.1 Testes das propriedades psicométricas

5.4.5.1.1 Análise fatorial exploratória e confiabilidade da EPIRA

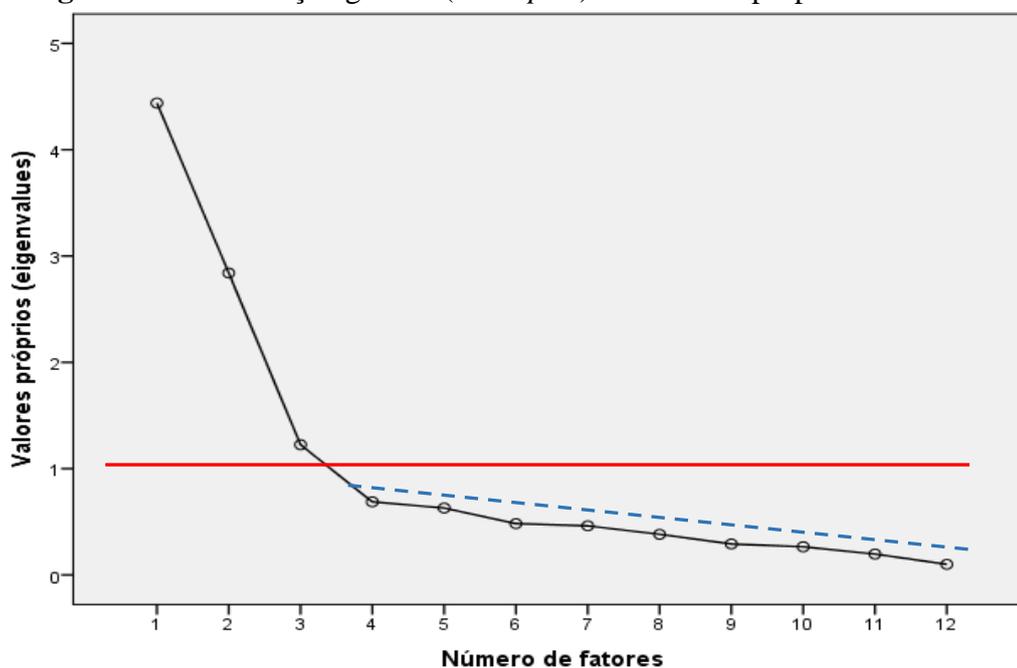
Nos testes das propriedades psicométricas comprovou-se a possibilidade de se realizar a AFE, tendo sido observados indicadores favoráveis:

- *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) = 0,82, considerando que quanto mais próximo de 1, melhor será a comprovação do prosseguimento e interpretação satisfatória da AFE, sendo 0,50 o patamar mínimo de adequabilidade (FIGUEIREDO FILHO, SILVA JÚNIOR, 2010; HAIR et al., 2005);
- Teste de Esfericidade de *Bartlett*, $\chi^2(66) = 1.702,28$, $p < 0,001$. A hipótese nula (H_0) é que a matriz de correlação é uma matriz de identidade, sendo todas as variáveis com correlação de zero (LAROS, 2012; MUNRO, 2005). Portanto, a H_0 foi rejeitada.

A propósito, decidiu-se realizar o método da análise fatorial dos eixos principais (*Principal Axis Factoring – PAF*), sobretudo, pela informação prévia para a extração de três fatores com rotação *oblimin*, conforme Wilson et al. (2011). Também, constatou-se a distribuição não normal dos dados (com testes de *Shapiro-Wilk* significantes, sendo $p < 0,001$ para todos os itens) mesmo após medidas corretivas com função de raiz quadrada. Neste caso, o método dos eixos principais na AFE apresenta melhores resultados por não requerer a suposição de normalidade dos dados. Além disso, conduz estimativas precisas de cargas fatoriais e correlações entre fatores (DAMÁSIO, 2012; LAROS, 2012).

Os resultados oriundos da AFE indicaram três valores próprios (*eigenvalues*) superiores a 1, especificamente 4,44, 2,84 e 1,23, confirmando a existência de três fatores, semelhante ao estudo original. Verifica-se esta solução a partir da distribuição gráfica (*scree plot*) dos valores próprios (Figura 2), sendo a linha vermelha contínua a representação dos *eigenvalues* > 1 e a linha azul tracejada a demonstração do ponto de corte chamado comumente de “cotovelo”, onde os *eigenvalues* apresentam uma tendência decrescente linear (DAMÁSIO, 2012; HAIR et al., 2005).

Figura 2 – Distribuição gráfica (*scree plot*) dos valores próprios da EPIRA



Fonte: Elaboração própria (*outputs* do SPSS).

No tocante aos critérios para a significância de cargas fatoriais, foi estabelecida a garantia da significância prática, considerando que cargas fatoriais a partir de 0,30 atingem o nível mínimo (HAIR et al, 2005; LAROS, 2012; PASQUALI, 1999). Os resultados podem ser observados na Tabela 5.

Tabela 5 – Estrutura fatorial da EPIRA

Itens	Conteúdo dos itens	Fatores			h ²
		1	2	3	
6	Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)	0,86	-0,09	-0,10	0,68
7	Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a)	0,85	-0,01	-0,06	0,69
4	Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a)	0,82	0,01	0,00	0,83
5	Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)	0,75	0,04	0,01	0,58
9	Sair com alguém que não o(a) companheiro(a)	0,68	0,09	-0,00	0,49
2	Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a)	0,60	0,03	0,17	0,46
11	Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)	-0,07	0,99	-0,06	0,96
3	Praticar sexo oral com alguém que não o(a) companheiro(a)	-0,03	0,92	-0,06	0,83
10	Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a) companheiro(a)	0,02	0,74	0,11	0,59
8	Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a)	0,09	0,70	-0,01	0,51
1	Mentir para o(a) companheiro(a)	-0,10	0,01	0,87	0,72
12	Omitir informações para o(a) companheiro(a)	0,29	-0,02	0,39	0,29
	Número de itens	6	4	2	
	Valor próprio	4,44	2,84	1,23	
	% Variância	33,8	21,5	7,1	
	Alfa de Cronbach	0,89	0,91	0,55	

Legenda: h²: comunalidades.

* Itens em negrito foram considerados para interpretação do fator.

Considerando a matriz de padrões (*matrix pattern*), o conjunto dos três fatores explicou 62,3% da variância total, com saturações iguais ou superiores a 0,30 para que o item fosse estimado como pertencente ao fator, encontrou-se a seguinte configuração:

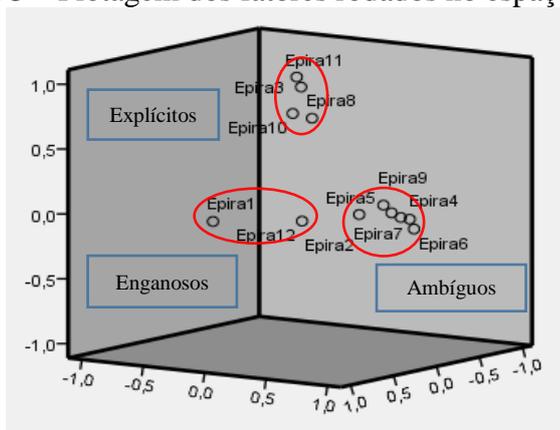
Fator 1. Este primeiro fator apresentou valor próprio (*eigenvalue*) de 4,44, sendo responsável pela explicação de 33,8% da variância total. Compôs-se de seis itens, com saturações variando de 0,60 em “falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a)” a 0,86 em “abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)”, indicando a sua interpretação aos **comportamentos ambíguos**. Sua consistência interna (alfa de Cronbach) se situou em 0,89.

Fator 2. Com valor próprio (*eigenvalue*) de 2,84, explicando 21,5% da variância total, este fator foi representado por quatro itens com saturações entre 0,70 em “ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a)” a 0,99 em “ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)”. Logo, pode-se interpretá-lo como **comportamentos explícitos**, que apresentou consistência interna (alfa de Cronbach) de 0,91.

Fator 3. O terceiro fator apresentou valor próprio (*eigenvalue*) de 1,23, correspondendo a 7,1% de explicação da variância total. Foi constituído de dois itens com saturações de 0,39 em “omitir informações para o(a) companheiro(a)” e de 0,87 em “mentir para o(a) companheiro(a)”, sendo possível nomeá-lo de **comportamentos enganosos**. Seu alfa de Cronbach se situou em 0,55.

Como forma de ilustrar o agrupamento dos itens nos três fatores, é possível sua observação por meio de plotagem no espaço fatorial, conforme a Figura 3.

Figura 3 – Plotagem dos fatores rodados no espaço fatorial



Fonte: Elaboração própria (*outputs* do SPSS)

Na aglomeração do Fator 3, cujos itens são característicos dos comportamentos enganosos (Epira/item 1 e Epira/item 12), é evidente a aproximação do item 12 “omitir informações para o(a) companheiro(a)” com o agrupamento dos itens referentes aos

comportamentos ambíguos, provavelmente pela circunstância do item ter saturado também no Fator 1, porém abaixo de 0,30, tornando assim sua interpretação enquanto pertencente ao Fator 3.

Além do mais, verificou-se que o referido fator obteve alfa de Cronbach abaixo do patamar mínimo geralmente aceito de 0,70. No caso das pesquisas exploratórias, Hair et al. (2005) sugerem 0,60 como limite ou mesmo 0,50 como aponta Kline (2011) ao destacar que um coeficiente de confiabilidade $< 0,50$ demonstra uma quantidade inaceitável de imprecisão, sendo que aceitar valores mais baixos de consistência interna – entre 0,50 e 0,70 – pode ser um argumento para os métodos que avaliam variáveis latentes e com tamanho de amostra suficiente. Em vista disso, tais índices são considerados para fins de pesquisa, especialmente estudos iniciais e exploratórios (ZAGORŠEK; DIMOVSKI; ŠKERLAVAJ, 2009), porém valores mais altos são os desejáveis.

Sabe-se que a consistência interna medida pelo alfa de Cronbach é vulnerável ao número de itens que compõe, por exemplo, um fator. Tendo em vista que o fator supracitado foi constituído com apenas dois itens [“omitir informações para o(a) companheiro(a)” e “mentir para o(a) companheiro(a)”] parece ser justificável um resultado inferior a 0,70, além das características latentes do construto avaliado.

Cabe frisar que nos estudos realizados para a construção da versão norte-americana, Wilson et al. (2011) encontraram resultados dos coeficientes de alfa de Cronbach acima de 0,70, respectivamente no primeiro e no segundo estudos, sendo $\alpha = 0,81/0,72$ no fator dos comportamentos ambíguos, $\alpha = 0,83/0,73$ no fator correspondente aos comportamentos explícitos e $\alpha = 0,72/0,85$ no fator dos comportamentos enganosos. Acentua-se aqui, que no último fator mencionado ocorreram saturações de outros dois itens, perfazendo quatro, neste caso “fantasiar” (*fantasizing*) e “paquerar” (*flirting*) com outra pessoa que não o(a) companheiro(a). Contudo, tais itens foram retirados da versão final da escala, haja vista que suas cargas fatoriais foram consideradas baixas pelos autores por terem reduzido de 0,40 no primeiro estudo para, na devida ordem, 0,34 e 0,32 na segunda fase, antes da realização da análise fatorial confirmatória.

Nesse sentido, Hair et al. (2005) pontuam a importância de se avaliar outras medidas diagnósticas para consistência interna, por exemplo, medidas relacionadas a cada item separado como a correlação inter-itens (correlação entre os itens) que deve exceder 0,30. Na presente tese, foram levantadas adicionalmente as correlações indicadas na Tabela 6.

Tabela 6 – Matriz de correlação inter-itens

Itens	2	4	5	6	7	9	3	8	10	11	1	12
2	-											
4	0,62	-										
5	0,45	0,69	-									
6	0,48	0,64	0,69	-								
7	0,55	0,63	0,55	0,71	-							
9	0,48	0,55	0,49	0,49	0,66	-						
3	0,10	0,10	0,10	0,01	0,10	0,16	-					
8	0,14	0,16	0,23	0,10	0,14	0,22	0,65	-				
10	0,16	0,18	0,19	0,09	0,15	0,15	0,68	0,53	-			
11	0,11	0,08	0,10	0,00	0,07	0,15	0,89	0,68	0,74	-		
1	0,26	0,14	0,14	0,06	0,09	0,10	-0,00	0,04	0,15	0,01	-	
12	0,29	0,27	0,32	0,31	0,32	0,31	0,02	0,10	0,11	-0,02	0,38	-

Fonte: Elaboração própria

Nota: * Valores em negrito com correlação acima de 0,30, sendo os itens 2, 4, 5, 6, 7 e 9 pertencentes ao fator dos comportamentos ambíguos, 3, 8, 10 e 11 ao fator dos comportamentos explícitos e 1 e 12 ao fator dos comportamentos enganosos.

Como é possível observar, todos os itens pertencentes aos seus respectivos fatores apresentaram correlação inter-item superior a 0,30, o que mostra que os itens individuais da escala mede o mesmo construto e assim são altamente inter-correlacionados, portanto, são precisos.

No tocante à aplicação do instrumento em outros grupos ou culturas, a Tabela 7 exhibe os alfas de Cronbach de estudos realizados nos EUA, República Tcheca e Portugal, incluindo-se os resultados obtidos na versão original e nesta tese, como forma de compará-los. É plausível observar que a escala mantém uma boa precisão mesmo em culturas e contextos diferentes, sendo a maior parte dos coeficientes acima de 0,70.

Tabela 7 – Consistência interna em outros grupos ou culturas

Local	Coeficientes alfa de Cronbach						República Tcheca	Portugal	Brasil
	EUA		EUA						
Autores	Wilson et. al. (2011)*		Hackathorn et. al. (2011)**				Zemánková (2014)***	Rodrigues, Lopes e Pereira (2017)	Estudo ora realizado
	Estudo 1	Estudo 2	Estudo 1		Estudo 2		–	–	–
			Tempo 1	Tempo 2	Tempo 1	Tempo 2			
<i>n</i>	336	244	221	221	93	93	319	252	252
Comportamentos ambíguos	0,81	0,72	0,87	0,89	0,87	0,87	0,89	0,90	0,89
Comportamentos explícitos	0,83	0,73	0,98	0,87	0,98	0,78	0,55	0,93	0,91
Comportamentos enganosos	0,72	0,85	0,86	0,84	0,86	0,58	0,87	0,75	0,55

Fonte: Elaboração própria

Notas: * Versão original com análise fatorial exploratória (estudo 1) e análise fatorial confirmatória (estudo 2);

** Estudo longitudinal; *** Estudo realizado apenas com mulheres.

Avaliando a probabilidade de um fator geral (unidimensional) das percepções da infidelidade, realizou-se uma análise de componentes principais (ACP), agora fixando a extração de um único componente. Este apresentou valor próprio de 4,44, explicando 37% da variância total e alfa de Cronbach de 0,83. Cabe destacar que a variância total ficou abaixo do nível considerado satisfatório, ou seja, obteve menos de 60% (HAIR et al, 2005). Ademais, mesmo a maior parte dos itens tendo saturado com cargas fatoriais acima de 0,41, o item 1 “mentir para o(a) companheiro(a)” apresentou carga fatorial de 0,25, portanto, menor que o nível mínimo de 0,30 e diferente do que foi constatado ao se prever a extração de três fatores. Conseqüentemente, apesar da possibilidade de se ter em conta esta pontuação total, as pesquisas futuras com a utilização de um fator geral de percepções da infidelidade devem ter as devidas precauções, bem como novos testes devem ser realizados, especialmente no tocante à variância total e a saturação das cargas fatoriais.

Outro aspecto importante para ser destacado diz respeito a uma possível melhoria do alfa de Cronbach caso um dos itens fosse excluído. A Tabela 8 apresenta tais conjecturas.

Tabela 8 – Médias dos escores, desvio padrão para cada item, correlação item-total corrigida e consistência interna (alfa de Cronbach) se o item for excluído

Itens	Conteúdo dos itens	M	DP	Correlação item-total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
1	Mentir para o(a) companheiro(a).	3,51	1,32	0,21	0,84
2	Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a).	2,33	1,23	0,61	0,81
3	Praticar sexo oral com alguém que não o(a) companheiro(a)	5,79	0,86	0,32	0,83
4	Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a)	2,30	1,34	0,69	0,80
5	Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)	2,30	1,36	0,66	0,81
6	Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)	1,72	1,33	0,62	0,81
7	Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a)	2,21	1,43	0,68	0,80
8	Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a)	5,67	0,97	0,37	0,83
9	Sair com alguém que não o(a) companheiro(a)	3,05	1,66	0,62	0,81
10	Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a) companheiro(a)	5,77	0,87	0,38	0,83
11	Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)	5,86	0,71	0,33	0,83
12	Omitir informações para o(a) companheiro(a)	3,56	1,29	0,40	0,83

Fonte: Elaboração própria

Ao se supor a exclusão de cada um dos itens, o alfa de Cronbach total da escala de 0,83 não sofre alterações em alguns casos e inclusive diminui em outros, com exceção do item “mentir para o(a) companheiro(a)” que aumentou para 0,84, mas nada substancial que possa justificar sua eliminação, bem como deve-se ponderar que enquanto carga fatorial sua saturação foi de 0,87.

Além do mais, dado que o fator dos comportamentos enganosos foi composto por dois itens, a retirada de uma dessas unidades geraria o não cumprimento ao propósito da análise da consistência interna, qual seja o de avaliar a relação entre as variáveis de uma escala múltipla, o que fatalmente acarretaria na inviabilidade da permanência do fator.

Em suma, parece haver uma evidência aceitável de validade fatorial e consistência interna da EPIRA, devendo-se levar em consideração as ressalvas até então observadas, sobretudo, com relação ao fator dos comportamentos enganosos (número de itens e características latentes do construto avaliado) e variância total explicada ao se utilizar a escala com um fator geral medindo as percepções da infidelidade.

Assim, torna-se possível a continuidade dos testes multivariados da EPIRA, mais especificamente a análise fatorial confirmatória, como condição fundamental para verificação e comprovação da solução fatorial proposta, além de particularmente útil nas validações de instrumentos.

5.4.5.1.2 Análise fatorial confirmatória da EPIRA

Sendo uma técnica especial da modelagem de equações estruturais (*structured equation modeling* – SEM), a análise fatorial confirmatória (AFC) tem como propósito o teste (confirmação) de uma relação pré-estabelecida (HAIR et al., 2005) e se a estrutura fatorial teórica se adequa aos dados observados (LAROS, 2012). Para tanto, foram necessárias algumas medições e providências iniciais dos parâmetros que poderiam afetar os resultados da AFC.

- a) **Casos omissos** (*missing*): foram verificados 5 casos ausentes, sendo estes retirados do banco de dados unicamente para fins de testes da AFC. Assim, com tal procedimento o tamanho da amostra foi reduzido de 252 para 247 casos.
- b) **Casos atípicos** (*outliers*): foi verificada a quantidade de valores discrepantes multivariados por meio da distância de Mahalanobis (CASSEP-BORGES, 2010), sendo considerado como critério de significância o valor- $p < 0,05$ (HAIR et al., 2005, KLINE, 2011). Portanto, foram identificados 31 participantes com maiores distâncias Mahalanobis, chamando atenção ao fato de 58% ter informado que tinham traído em um relacionamento anterior e 33% estavam traindo o(a) parceiro(a) atual. Testes de qui-quadrado foram aplicados com a variável binária “ser ou não *outliers*” associando-a com outras variáveis, por exemplo, tempo e grau de importância do relacionamento atual, sexo, orientação sexual, idade e religião, contudo não ocorreram diferenças significativas ($p > 0,05$). Não obstante, foram encontradas significâncias com o tipo de relacionamento ($\chi^2 (4) = 34,08; p < 0,001$) indicando que os participantes com relacionamentos caracterizados como “abertos” e “amor livre” tinham mais chances de

se tornarem *outliers* (79,1%) do que os participantes que apontaram a relação atual como “fechada” (8,8%). Também se constatou significância com a atribuição à sexualidade em geral ($\chi^2(4) = 11,94; p < 0,05$) demonstrando que os participantes que se consideraram mais liberais tinham maiores possibilidades de serem *outliers* (42,9%) do que os que se julgaram mais conservadores (6,8%). Diante de tais resultados, optou-se por não retirar os casos atípicos, com a suposição de tratar-se de participantes com escores distintos e importantes para serem avaliados.

- c) **Normalidade multivariada:** a EPIRA apresentou problemas de normalidade multivariada com curtose = 215,95 e razão crítica = 92,58, o que segundo Byrne (2016) determina a não normalidade principalmente pela razão crítica (*critical ratio* – C.R.) ser uma estimativa normalizada da curtose multivariada e que deve ser menor que 5,0 para confirmar a normalidade multivariada. Cabe salientar que apesar do tamanho amostral ser adequado para minimizar os efeitos da não normalidade (HAIR et al., 2005), medidas corretivas de *Bollen-Stine bootstrap* foram utilizadas durante as análises enquanto estratégias para reduzir, igualmente, tais implicações (BYRNE, 2016; JÚNIOR et. al., 2017; KLINE, 2011).

Após as medidas adotadas, foi organizado e avaliado o mesmo modelo estrutural confirmado nos estudos da escala original (WILSON et. al., 2011), ou seja, com os comportamentos ambíguos, explícitos e enganosos intercorrelacionados. Para a efetivação das análises, foi utilizado o estimador de máxima verossimilhança (ML). Enquanto indicadores de qualidade de ajuste foram considerados para testagem (AMORIM et al., 2013; BYRNE, 2016; HAIR et al., 2005; JÚNIOR et. al., 2017; KLINE, 2011; PILATI; LAROS, 2007):

- qui-quadrado (χ^2) com valores de $p > 0,05$ e a razão χ^2/gl (CMIN/DF) ≤ 3 – quanto maior o valor de probabilidade associado com o χ^2 , melhor será o ajuste entre o modelo hipotético sob H_0 e os dados. Contudo, há uma sensibilidade desse teste da razão de verossimilhança ao tamanho da amostra e sua base na distribuição central χ^2 , que conduzem a problemas de ajuste, sendo contornável com a observação preferencial da razão entre o χ^2/gl ;
- *Root Mean Square of Approximation* (RMSEA) $\leq 0,05$, aceitando-se valores até $< 0,10$, bem como apresenta intervalo de confiança (I.C.) de 90% – reconhecido como um dos critérios mais informativos da modelagem, este índice compara o modelo em teste com um modelo saturado em um mesmo conjunto de dados;

- *Comparative Fit Index (CFI)*, *Normed Fit Index (NFI)* e *Tucker-Lewis Index (TLI)* $\geq 0,90$ – índices comparativos que operam com a lógica de comparação do χ^2 de um modelo independente com o χ^2 do modelo em teste;
- *Root Mean Square Residual (RMR)* $< 0,05$, mas toleram-se valores até 0,08 – avalia a distância entre os elementos previstos por meio da estimação dos parâmetros do modelo e os dados observados na matriz de covariâncias. Aqui foi utilizada a sua variação, *Standardized Root Mean Square Residual (SRMR)*, por apresentar melhor ajustamento;
- *Goodness of Fit Index (GFI)* e *Adjusted Goodness of Fit Index (AGFI)* $\geq 0,90$ – calculam a proporção da variância-covariância para a indicação de ajuste do modelo.

Portanto, foi testado um modelo trifatorial (variáveis latentes) com 12 itens (variáveis observadas), cujos pesos de regressão foram todos significativos (10 com $p < 0,001$ e 2 com $p < 0,01$). Durante o cálculo das estimativas, percebeu-se que os índices de modificação (*Modification Indices – M.I.*) apontaram valores elevados de covariâncias entre alguns pares de parâmetros de erros, especificamente entre itens pertencentes ao fator dos comportamentos ambíguos, cujas correlações foram efetuadas conforme a Tabela 9

Tabela 9 – Covariâncias entre pares de parâmetros de erros da EPIRA

ORDEM DO CÁLCULO	PARES DE ERROS	ITENS CORRELACIONADOS	M. I.
1º	e5 – e6	EPIRA 7: Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a) EPIRA 9: Sair com alguém que não o(a) companheiro(a)	16,90
2º	e4 – e5	EPIRA 6: Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a) EPIRA 7: Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a)	18,33
3º	e3 – e4	EPIRA 5: Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a) EPIRA 6: Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)	17,27
4º	e2 – e3	EPIRA 2: Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a) EPIRA 5: Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)	7,32

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: M. I.: *Modification Indice*.

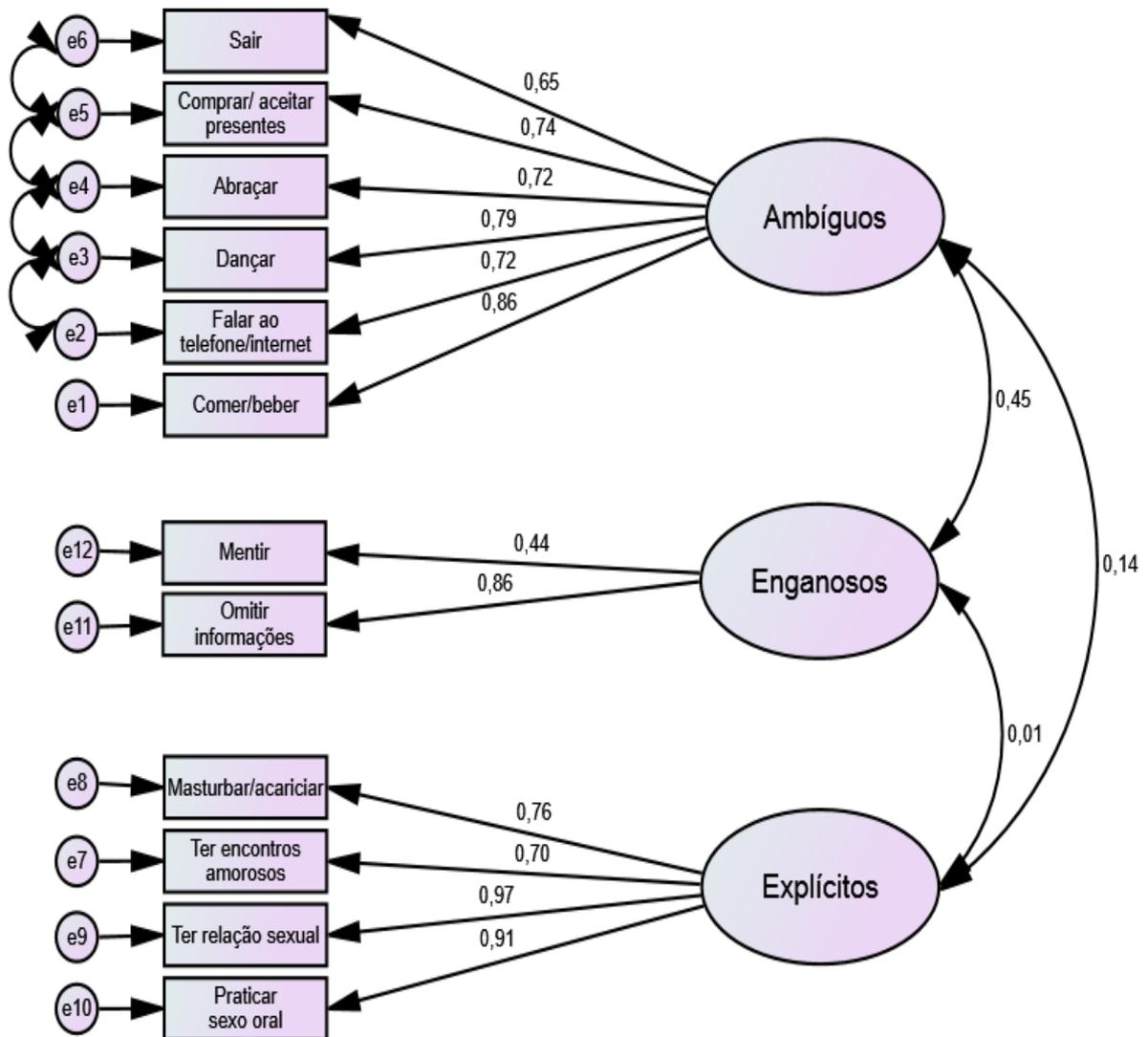
Configuradas as correlações supracitadas, procedeu-se o último cálculo de estimativas, sendo constatados índices satisfatórios de qualidade de ajuste na modelagem de equação estrutural: [$\chi^2 = 80,02$; $gl = 47$; $\chi^2/gl = 1,70$; RMSEA (I.C. 90%) = 0,05 (0,03 – 0,07); CFI = 0,98; NFI = 0,95; TFI = 0,97; SRMR = 0,05; GFI = 0,95 e AGFI = 0,92]. O diagrama com o modelo testado pode ser averiguado na Figura 4.

Destaca-se que todas as saturações foram aceitáveis, inclusive superiores a 0,40, indo de 0,44 [Mentir para o(a) companheiro(a)] a 0,97 [Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)]. Além disso, ocorreram correlações diretas entre os fatores, sendo moderada entre ambíguos e enganosos ($p < 0,01$) e baixa entre explícitos e ambíguos ($p < 0,05$).

Também de modo análogo aos resultados das covariâncias entre os fatores da EPIRA, informados na AFC, estatísticas realizadas com o coeficiente de Pearson (r) apontaram significância estatística de $p < 0,01$ com correlações positivas entre os mesmos comportamentos. Apesar de não ter ocorrido correlação significativa entre explícitos e enganosos ($p > 0,05$), tanto na AFC como no cálculo do coeficiente de Pearson, as covariações em sua totalidade sugerem a estrutura oblíqua aplicada na análise fatorial exploratória.

Por fim, de modo complementar e considerando a importância de conhecer quais comportamentos foram avaliados pelos respondentes como sendo os mais prováveis de traição, foi realizada uma análise univariada (ANOVA) de uma via com medidas repetidas. Após teste de *Mauchly* assumindo esfericidade das variâncias das diferenças ($W = 0,99$; $p > 0,05$), a ANOVA revelou diferenças significativas entre as médias dos fatores da escala ($F(2, 492) = 955,45$; $p < 0,001$). Os testes *post hoc* de *Bonferroni* indicaram que os participantes classificaram os comportamentos ambíguos como menos prováveis de traição ($M = 2,32$), os comportamentos enganosos de forma intermediária ($M = 3,53$) e os comportamentos explícitos como os mais indicativos de infidelidade ($M = 5,77$), condições semelhantes às encontradas nos estudos da versão original da EPIRA.

Figura 4 – Diagrama do modelo trifatorial da EPIRA



Fonte: Elaboração própria (diagrama e *outputs* do SPSS Amos).

5.4.5.2 Correlatos entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico

Nesta oportunidade foi verificada a relação existente entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico. Por conseguinte, realizaram-se análises correlacionais bivariadas (r de Pearson, com teste bicaudal) considerando as percepções da infidelidade como variáveis antecedentes e o ciúme romântico como variáveis consequentes (Tabela 10).

Tabela 10 – Matriz de correlação das percepções da infidelidade e o ciúme romântico

FATORES	NC	CPR	AP	AR	AE	IN	CA	CEn	CEx
NC	-								
CPR	0,54**	-							
AP	0,69**	0,50**	-						
AR	0,55**	0,42**	0,56**	-					
AE	0,23**	0,01	0,18**	0,31**	-				
IN	0,69**	0,37**	0,62**	0,48**	0,17**	-			
CA	0,28**	0,38**	0,24**	0,16**	-0,05	0,19**	-		
CEn	0,24**	0,18**	0,19**	0,15*	0,03	0,18**	0,32**	-	
CEx	0,04	0,25**	0,08	0,00	-0,05	-0,01	0,18**	0,10	-

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: NC: não contato com o parceiro; CPR: contato parceiro-rival; AP: agressão ao parceiro; AR: agressão ao rival; AE: autoestima; IN: investigação; CA: comportamentos ambíguos; CEx: comportamentos explícitos; CEn: comportamentos enganosos.

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** Valores em negrito com correlações significativas.

Como foi descrito na seção anterior da AFC referente às covariâncias estabelecidas entre os fatores da EPIRA, a Tabela 10 expõem seus coeficientes de r de Pearson que foram significativos, a saber, ambíguos e enganosos ($r = 0,32$) e explícitos e ambíguos ($r = 0,18$). Similarmente, são apresentados coeficientes de correlação de Pearson (r) entre os fatores do Inventário de Ciúme Romântico Revisado (ICR-R). Em todos, foram observadas correlações positivas significativas ($p < 0,01$), exceto entre os fatores contato parceiro-rival e autoestima ($r = 0,01$, $p > 0,05$).

No tocante às relações estabelecidas entre os fatores da EPIRA e do ICR-R, constatou-se correlações positivas dos comportamentos ambíguos e dos comportamentos enganosos com cinco dimensões do ciúme – não contato com o parceiro, contato parceiro-rival, agressão ao parceiro, agressão ao rival e investigação – com r variando de 0,15 a 0,38, sendo a maioria com $p < 0,01$. Também foi verificada correlação positiva nos comportamentos explícitos, porém apenas com a dimensão contato parceiro-rival ($r = 0,25$, $p < 0,01$). Ademais, a dimensão autoestima do ciúme não obteve coeficientes significativos de correlação com todos os comportamentos das percepções de infidelidade ($p > 0,05$).

Estes resultados parecem estimar uma lógica explicativa em que se supõe que perceber comportamentos ambíguos e enganosos como mais indicativos de infidelidade, contribui na elucidação do ciúme. Embora a intenção não tenha sido a de conceber uma relação de causa e

efeito, tomou-se a decisão por realizar uma análise de regressão linear hierárquica (método inserir/enter) para verificar o quanto as percepções da infidelidade explicam o ciúme romântico.

Sendo assim, os fatores do ciúme não contato com o parceiro, contato parceiro-rival, agressão ao parceiro, agressão ao rival e investigação corresponderam as variáveis consequentes e os três fatores das percepções da infidelidade as variáveis antecedentes. Ressalta-se que o fator autoestima do ciúme não foi considerado na análise de regressão, tendo em vista os resultados das correlações, conforme citado anteriormente.

Foram elaborados cinco conjuntos com cada variável consequente, sendo inserido um modelo específico composto pelas variáveis antecedentes e estimado pelos coeficientes descritos na Tabela 10. Portanto, para o ciúme não contato com o parceiro (conjunto 1), agressão ao parceiro (conjunto 2), agressão ao rival (conjunto 3) e investigação (conjunto 4) foram constituídos dois modelos, sendo o primeiro com os comportamentos ambíguos (modelo 1) e o segundo com o acréscimo dos comportamentos enganosos (modelo 2). No ciúme contanto parceiro-rival (conjunto 5) foram estabelecidos três modelos, sendo o primeiro com os comportamentos ambíguos (modelo 1), o segundo com a inclusão dos comportamentos explícitos (modelo 2) e o terceiro com a adição dos comportamentos enganosos (modelo 3).

Antes das análises propriamente ditas, foram verificados seus pré-requisitos (HAIR et al., 2005), a saber, (1) n mínimo de 20 casos (respondentes) por variável independente/antecedente; (2) teste de independência dos resíduos (*Durbin-Watson* entre 1,5 e 2,5); (3) ausência de multicolinearidade (*tolerance* > 0,1); (4) ausência de valores discrepantes (*outliers* na faixa de - 3 [*minimum*] a + 3 [*maximum*]); (5) normalidade dos resíduos; (6) homocedasticidade e (7) linearidade. Os pré-requisitos 1, 2 e 3 foram atendidos. Assim como ocorreu na fase da análise fatorial confirmatória, constataram-se alguns valores atípicos, condição que interfere também na normalidade dos resíduos. Porém, considerando o número de casos (participantes) maior que 20 por variável antecedente e o fato dos *outliers* corresponderem a uma amostra específica, não foram efetuados procedimentos de correção. Para homocedasticidade e linearidade foram aplicados testes de Levene medindo a igualdade de variâncias, que indicaram o fator investigação como o único a ter esse pressuposto violado (teste de Levene = 7,200; $p < 0,01$).

O resultados iniciais suportam a existência de modelos estatisticamente significantes em todos os cinco conjuntos, sendo, respectivamente, os modelos 1 os que melhor explicam os fatores agressão ao parceiro [$F(1, 246) = 15,201$; $p < 0,001$; $R^2 = 0,058$] e agressão ao rival

[F(1, 246) = 6,747; $p < 0,05$; $R^2 = 0,027$] e os modelos 2, os que melhor predizem o não contato com o parceiro [F(2, 244) = 14,623; $p < 0,001$; $R^2 = 0,107$], o contato parceiro-rival [F(2, 244) = 27,974; $p < 0,001$; $R^2 = 0,187$] e a investigação [F(2, 245) = 7,457; $p < 0,01$; $R^2 = 0,057$]. Analisando a possibilidade de regressão com um conjunto explicando o ciúme em sua totalidade, observou-se que a adição dos comportamentos ambíguos (modelo 1), enganosos (modelo 2) e explícitos (modelo 3), nesta ordem, apresentou o modelo 2 (com a junção dos ambíguos e enganosos) como sendo o que mais favorece a explicação do ciúme [F(2, 241) = 17,000; $p < 0,001$; $R^2 = 0,124$]. Na Tabela 11 são exibidos os resultados dos coeficientes das variáveis antecedentes em cada um dos modelos que foram significativos.

Tabela 11 – Modelos explicativos do ciúme medidos pelas percepções da infidelidade

Variáveis consequentes	Modelo respectivo ao conjunto	Variáveis antecedentes	β	t	Significância
Não contato com o parceiro	2	Ambíguos	0,229	3,573	$p < 0,001$
		Enganosos	0,170	2,658	$p < 0,01$
Contato parceiro-rival	2	Ambíguos	0,347	5,909	$p < 0,001$
		Explícitos	0,201	3,419	$p < 0,01$
Agressão ao parceiro	1	Ambíguos	0,241	3,899	$p < 0,001$
Agressão ao rival	1	Ambíguos	0,163	2,598	$p < 0,05$
		Ambíguos	0,147	2,236	$p < 0,05$
Investigação	2	Enganosos	0,148	2,252	$p < 0,05$
		Ambíguos	0,268	4,191	$p < 0,001$
Ciúme total	2	Enganosos	0,155	2,429	$p < 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os valores de beta (β), os comportamentos ambíguos notoriamente se mostraram os melhores preditores do ciúme, haja vista sua maior contribuição, em termos explicativos, nos fatores não contato com o parceiro e contato parceiro-rival, tal como no ciúme total. Além disso, no ciúme investigação, alcançaram um coeficiente praticamente idêntico aos comportamentos enganosos e foram os únicos previsores nos modelos que melhor explicaram a agressão ao parceiro e a agressão ao rival.

A propósito, apesar da contribuição preditora dos comportamentos enganosos terem sido menores que a dos comportamentos ambíguos, deve-se ter em conta sua colaboração para a explicação do ciúme não contato com o parceiro e para o ciúme total. Com igualdade, destaca-se a contribuição dos comportamentos explícitos para o contato parceiro-rival, contudo foi a variável antecedente que menos favoreceu as explicações das demais variáveis consequentes.

De um modo geral, é importante que estes dados sejam vistos com cautela pelo fato de algumas variáveis antecedentes terem contribuído pouco para as variâncias das variáveis consequentes, como foi o caso dos comportamentos ambíguos explicando as agressões ao rival com 2,7% de variância ($R^2 = 0,027$).

5.4.5.3 Diferenças entre os sexos

Nessa ocasião, foram realizadas análises com a finalidade de buscar, hipoteticamente, as distinções entre homens e mulheres no tocante às suas respostas emocionais, cognitivas e comportamentais acerca das percepções da infidelidade e do ciúme romântico. Portanto, na sequência são apresentados resultados das vivências de infidelidade e das comparações entre os sexos.

5.4.5.3.1 Vivências de infidelidade

No que se refere às vivências de infidelidade, seja diretamente ou diante das experiências de familiares e amigos, foram elaboradas nove perguntas respondidas de acordo com a ordem de apresentação da Tabela 12. Cinco foram atribuídas a todos os participantes ($n = 252$, incluindo os solteiros e sem relacionamento) e quatro às pessoas com relação amorosa estável ou ocasional ($n = 202$).

De acordo com os dados da tabela, a maior parte dos respondentes disse ter algum familiar ou amigo que traía naquele momento (63,6%), bem como informou que conhecia algum familiar ou amigo que estava sendo traído (48,6%). No tocante às questões sobre suas próprias experiências de infidelidade, predominaram os que foram traídos (43%) ou os que tiveram tal sensação em uma relação anterior (60%), diferente dos 60,4% que disseram não ter sido infiéis em um relacionamento do passado.

Tabela 12 – Frequência das respostas das vivências de infidelidade

Questões	Respostas	Frequência	%
Você tem algum familiar ou amigo(a) que trai atualmente?	Sim	159	63,6
	Não	23	9,2
	Não sei	68	27,2
Você tem algum familiar ou amigo(a) que é traído(a) atualmente?	Sim	122	48,6
	Não	24	9,6
	Não sei	105	41,8
Em um relacionamento anterior, você foi traído(a)?	Sim	107	43
	Não	70	28,1
	Não sei	72	28,9
Em um relacionamento anterior, você teve a sensação de que foi traído(a)?	Sim	150	60
	Não	84	33,6
	Não sei	16	6,4
Em um relacionamento anterior, você traiu?	Sim	97	39,6
	Não	148	60,4
Participantes vivenciando um relacionamento amoroso (estável ou ocasional)			
Você pensa que poderia vir a trair seu(sua) parceiro(a) atual?	Sim	54	27,3
	Não	144	72,7
Você alguma vez já traiu seu(sua) parceiro(a) atual?	Sim	57	28,8
	Não	141	71,2
Você está traindo atualmente o(a) seu(sua) parceiro(a)?	Sim	10	5,1
	Não	188	94,9
Você acha que está sendo traído(a) atualmente?	Sim	11	5,6
	Não	122	62,2
	Não sei	63	32,1

Fonte: Elaboração própria

No que concerne aos participantes que estavam vivenciando um relacionamento afetivo no momento da coleta de dados, a maioria respondeu negativamente a pensar que poderia trair (72,7%), se já traiu alguma vez (71,2%) ou se estava traindo o parceiro(a) atual (94,9%), além de achar que estava sendo traído (62,2%).

Conhecido o perfil dos participantes no que se refere às vivências de infidelidade, conjecturou-se a associação destas com a variável “sexo”, o que se comprovou em cinco conjuntos analisados por meio de testes de qui-quadrado de Pearson (χ^2). Especificamente, excetuando a porcentagem dos que indicaram “sim” na primeira pergunta com resultado

significativo para associação, os homens apresentaram maiores percentuais, como informados na Tabela 13.

Tabela 13 – Resultados de qui-quadrado para associação entre as vivências de infidelidade e o sexo do participante

Questão	Qui-quadrado	Sexo	Contagem esperada	Contagem observada	%
Em um relacionamento anterior, você foi traído(a)?	[χ^2 (2) = 6,90; $p < 0,05$]	Feminino	67,9	77	48,7
		Masculino	39,1	30	33
Em um relacionamento anterior, você traiu?	[χ^2 (1) = 7,89; $p < 0,01$]	Feminino	61,4	51	32,9
		Masculino	35,6	46	51,1
Você pensa que poderia vir a trair seu(sua) parceiro(a) atual?	[χ^2 (1) = 8,07; $p < 0,01$]	Feminino	35,5	27	20,8
		Masculino	18,5	27	39,7
Você alguma vez já traiu seu(sua) parceiro(a) atual?	[χ^2 (1) = 9,70; $p < 0,01$]	Feminino	37,4	28	21,5
		Masculino	19,6	29	42,6
Você está traindo atualmente o(a) seu(sua) parceiro(a)?	[χ^2 (1) = 5,94; $p < 0,05$]	Feminino	6,6	3 ^a	2,3
		Masculino	3,4^a	7	10,3

Fonte: Elaboração própria.

Nota: ^a Sem ocultar contagens, considerando o atendimento à suposição de que no máximo 20% das categorias devem ter frequências inferiores a 5 (IBM, 2016).

5.4.5.3.2 Comparações entre os sexos enquanto respostas às percepções da infidelidade e ao ciúme romântico

Buscando conhecer as diferenças entre os sexos nas respostas às percepções da infidelidade e ao ciúme romântico, foram feitas comparações mediante análise multivariada de variância (MANOVA). O sexo do participante foi a principal variável inserida no conjunto das variáveis preditoras, acrescentando-se gradualmente as demais variáveis (tempo, grau de importância e tipo de relacionamento, sexualidade em geral, orientação sexual, idade, estado civil e religião) que poderiam exercer algum tipo de influência nas respostas. A Tabela 14 mostra todos os desenhos testados e seus respectivos resultados.

Tabela 14 – Resultados dos testes multivariados das comparações entre os sexos enquanto respostas às percepções da infidelidade e ao ciúme romântico

Desenhos testados	Resultados dos testes multivariados
Sexo Percepções da infidelidade Ciúme	Lambda de Wilks = 0,81; F (9, 234) = 6,04; $p < 0,001$
Sexo Tempo de relacionamento Percepções da infidelidade Ciúme	Lambda de Wilks = 0,78; F (45, 750) = 1,17; $p > 0,05$
Sexo Importância do relacionamento Percepções da infidelidade Ciúme	Lambda de Wilks = 0,72; F (36, 661) = 1,67; $p < 0,01$
Sexo Tipo de relacionamento Percepções da infidelidade Ciúme	Lambda de Wilks = 0,56; F (27, 514) = 4,16; $p < 0,001$
Sexo Sexualidade em geral Percepções da infidelidade Ciúme	Lambda de Wilks = 0,87; F (36, 841) = 0,89; $p > 0,05$
Sexo Orientação sexual Percepções da infidelidade Ciúme	Lambda de Wilks = 0,87; F (27, 648) = 1,13; $p > 0,05$
Sexo Idade Percepções da infidelidade Ciúme	Lambda de Wilks = 0,72; F (63, 1233) = 1,18; $p > 0,05$
Sexo Estado civil Percepções da infidelidade Ciúme	Lambda de Wilks = 0,82; F (27, 666) = 1,75; $p < 0,05$
Sexo Religião Percepções da infidelidade Ciúme	Lambda de Wilks = 0,83; F (45, 929) = 0,86; $p > 0,05$

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Destaque em negrito para os resultados dos testes multivariados que obtiveram significância estatística.

Foram elaborados nove desenhos, sendo o primeiro efetuado com o sexo como a única variável preditora. Na continuidade, avaliaram-se os conjuntos completos nos oito desenhos restantes, ou seja, com duas variáveis preditoras e os fatores das variáveis de resposta (percepções da infidelidade e o ciúme).

Como indicado na Tabela 14, o primeiro conjunto obteve resultado significativo, comprovando que há efeito do sexo. Testes univariados indicaram que as diferenças foram observadas em relação aos comportamentos ambíguos das percepções da infidelidade [$F(1, 242) = 6,58; p < 0,05$] e ao contato parceiro-rival [$F(1, 242) = 17,42; p < 0,001$], agressão ao parceiro [$F(1, 242) = 4,76; p < 0,05$] e autoestima do ciúme [$F(1, 242) = 25,15; p < 0,001$]. Especificamente, o sexo feminino foi mais provável em indicar os comportamentos ambíguos como infidelidade e atribuir mais ciúme no contato parceiro-rival e na agressão ao parceiro ($M = 2,47; 3,06; 1,90$, respectivamente) do que o sexo masculino ($M = 2,10; 2,59; 1,65$, respectivamente). Por outro lado, a autoestima referente ao ciúme mostrou-se mais provável quando o sexo é masculino ($M = 1,95$) do que quando é feminino ($M = 1,46$).

Conforme citado anteriormente, outras variáveis preditoras foram somadas, de modo gradativo, com a variável sexo. Para uma melhor interpretação dos resultados que foram significativos, realizaram-se inclusões textuais na sintaxe das análises, nas quais foram solicitados testes *post hoc* das interações entre a variável sexo e as demais variáveis preditoras.

Os testes multivariados apontaram significância estatística nos conjuntos envolvendo duas variáveis direcionadas à avaliação dos participantes que vivenciavam uma relação amorosa, ou seja, o grau de importância e o tipo do relacionamento. Também se verificou significância com o estado civil. Portanto, não foram observados efeitos nas interações do sexo com o tempo de relacionamento, com a sexualidade em geral, a orientação sexual, a idade e a religião.

Posto isto, no tocante à interação entre o sexo e o grau de importância do relacionamento, os testes univariados apresentaram diferenças nos comportamentos explícitos das percepções da infidelidade [$F(4, 184) = 2,90; p < 0,05$] e no contato parceiro-rival do ciúme [$F(4, 184) = 3,54; p < 0,01$]. O teste *post hoc* de *Bonferroni* sinalizou que mulheres que vivenciavam um relacionamento considerando-o como “totalmente importante” ($M = 5,95$) eram mais propensas na indicação dos comportamentos explícitos como traição do que os homens com a mesma condição ($M = 5,50$), diferente do primeiro desenho que possuía apenas uma variável preditora (sexo), sendo apontados os comportamentos ambíguos como mais prováveis de infidelidade. Já o contato parceiro-rival, semelhante ao primeiro desenho,

manteve-se preponderante nas mulheres ao atribuírem o relacionamento como “importante” ($M = 2,83$) ou “totalmente importante” ($M = 3,43$), sendo, portanto, menores as médias dos homens ($M = 2,13; 2,47$, respectivamente).

Quanto à interação entre o sexo e o tipo de relacionamento, as análises univariadas foram significativas para os comportamentos explícitos das percepções da infidelidade [$F(3, 184) = 20,81; p < 0,001$] e para a autoestima enquanto fator do ciúme [$F(3, 184) = 6,86; p < 0,001$]. O teste *post hoc* apresentou diferença nos comportamentos explícitos, análoga ao desenho com a inclusão da variável “importância do relacionamento”, sugerindo as mulheres com relacionamento “fechado” ($M = 5,93$) como as mais prováveis em julgá-los como infidelidade do que os homens ($M = 5,68$) que também vivenciavam uma relação dessa categoria. Contudo, ainda sobre os que vivenciavam uma relação “fechada”, constatou-se a manutenção dos homens como mais tendentes às reações de baixa autoestima do ciúme ($M = 1,94$) quando comparados com das mulheres ($M = 1,38$), dado análogo ao primeiro desenho.

Por fim, nas análises cuja interação foi o sexo e o estado civil, os testes univariados apontaram diferença referente ao contato parceiro-rival do ciúme [$F(3, 236) = 2,85; p < 0,05$], equivalente também ao primeiro desenho e daquele com a inserção da variável “importância do relacionamento”. O teste *post hoc* de *Bonferroni* mostrou que as mulheres casadas ou com união estável ($M = 3,40$) eram mais propensas a esse tipo de ciúme do que os homens ($M = 2,46$) com o mesmo estado civil. Salienta-se que neste conjunto não foram obtidos resultados significantes para as percepções da infidelidade.

5.4.6 Discussão

Esta seção foi subdividida em tópicos propiciando uma melhor organização das informações prestadas, como segue.

5.4.6.1 Quanto aos parâmetros psicométricos da Escala de Percepções da Infidelidade nos Relacionamentos Amorosos – EPIRA

A análise fatorial exploratória demonstrou claramente a presença de três fatores compondo a EPIRA – comportamentos ambíguos, enganosos e explícitos – com cargas fatoriais satisfatórias indo de 0,39 a 0,99, corroborando com a estrutura indicada na versão original de Wilson et al. (2011). A escala apresentou também boas características de precisão. Contudo, é importante destacar algumas observações, por exemplo, no tocante à consistência

interna enquanto medida de confiabilidade. Em dois de seus fatores – comportamentos ambíguos e explícitos – os alfas de Cronbach (0,89 e 0,91, respectivamente) foram valores acima do ponto de corte mais aceitável pela literatura científica, ou seja, \geq que 0,70. Porém, nos comportamentos enganosos observou-se um índice abaixo do admissível ($\alpha = 0,55$), condição passível de argumentação considerando que o fator é formado por apenas dois itens, o que torna mais sensível a medida da consistência interna, podendo levá-la à subestimação (HAIR et al., 2005; KLINE, 2011).

Panayides (2013), em observação acerca dos cuidados na utilização do alfa de Cronbach, alerta que na busca incessante da confiabilidade não se reduza a validade de um teste, pois da mesma forma em que se constata a diminuição dos valores desse coeficiente em fatores ou escalas unidimensionais com poucos itens, valores mais altos de alfa de Cronbach não significam necessariamente uma maior confiabilidade e melhores instrumentos ou a qualidade dos testes. Na verdade, valores muito altos do alfa de Cronbach podem ser uma indicação de escalas longas, itens redundantes ou itens com conteúdos específicos para medir, por exemplo, um determinado atributo do construto, acarretando em alta homogeneidade dos dados e, conseqüentemente, em um valor maior da consistência interna, assegura o autor.

Além disso, é fundamental ter em conta as características latentes do construto avaliado, considerando as peculiaridades dos respondentes, do modo como percebem a infidelidade, tão somente julgando (essencialmente opinativo) quais comportamentos são vistos como os mais prováveis de traição.

Diante do exposto, confia-se que o valor do alfa de Cronbach nos comportamentos enganosos não configura uma restrição para a fidedignidade do instrumento. Ademais, tendo em vista a pontuação total da escala, é importante salientar que apesar da variância explicada ter apresentado um percentual abaixo de 60%, o seu coeficiente de consistência interna foi de 0,83. Também se comprovou a confiabilidade da escala ao realizar-se outra medida diagnóstica para a consistência interna com a correlação inter-itens (Hair et al., 2005), cujos valores foram acima de 0,30. Evidenciou-se a pertença de cada item separado nos seus respectivos fatores, de acordo com o cenário previamente conjecturado na versão original, comprovando que os itens individuais da escala mede o mesmo construto e são altamente inter-correlacionados.

Como sugestão, é relevante que em novas pesquisas utilizando a EPIRA no país, possa vislumbrar a inclusão dos três itens eliminados da versão final da escala norte-americana por não terem obtido cargas fatoriais satisfatórias [fantasiar (*fantasizing*) e paquerar (*flirting*) com outra pessoa que não o(a) companheiro(a)] ou para melhorar o ajuste do modelo como foi o

caso do item “beijar outra pessoa que não o(a) companheiro(a)”. Tal providência contribui para a avaliação de como as respostas a esses três itens se comportariam no contexto brasileiro, tanto nos valores das saturações e em qual fator saturariam, como suas adequabilidades nas estimativas do modelo, considerando que fossem correspondentes aos comportamentos enganosos e explícitos, respectivamente. Para mais, pode igualmente colaborar em termos de reanálise das medidas de consistência interna dos fatores, principalmente dos comportamentos enganosos, além da escala total.

Outra relevância na Etapa 2 foi a análise fatorial confirmatória (AFC) da EPIRA. Segundo Laros (2012), até a década de 1970 os pesquisadores utilizavam técnicas da análise fatorial exploratória para alcançar também os objetivos confirmatórios e afirma que:

Atualmente, as novas técnicas de análise fatorial confirmatória podem atingir os mesmos objetivos ao reproduzir a estrutura fatorial e confirmar uma teoria. Ela possibilita hoje a testagem de hipóteses cruciais, o que não era possível com o uso das técnicas analíticas exploratórias (p. 169).

Nesse sentido, considerou-se a importância em se acrescentar no processo de validade de construto da escala, a constatação de uma estrutura fatorial presumida com técnicas de AFC, enquanto um caso especial da modelagem por equação estrutural. Os dados originados da AFC na presente tese expuseram bons índices de qualidade de ajuste do modelo trifatorial. Todas as saturações foram aceitáveis (maior que 0,40), além da confirmação das correlações (covariâncias) entre os fatores que compuseram os comportamentos ambíguos, enganosos e explícitos. Com isso, corroborou-se o modelo teórico proposto por Wilson et. al. (2011). Também foram identificadas condições semelhantes às encontradas nos estudos da versão original da EPIRA no tocante aos comportamentos avaliados como sendo os mais prováveis de traição. A ANOVA revelou que os participantes classificaram os comportamentos ambíguos como menos prováveis de traição, os comportamentos enganosos de forma intermediária e os comportamentos explícitos como os mais prováveis de infidelidade. Esse conjunto de resultados ratifica a adequação da EPIRA com relação aos seus parâmetros psicométricos.

5.4.6.2 Quanto às correlações entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico

Os correlatos entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico indicaram relações positivas entre os comportamentos ambíguos e os comportamentos enganosos com

cinco dimensões do ciúme – não contato com o parceiro, contato parceiro-rival, agressão ao parceiro, agressão ao rival e investigação. Do mesmo modo, foi verificada correlação positiva dos comportamentos explícitos com a dimensão contato parceiro-rival, bem como se observou a dimensão autoestima do ciúme como a única sem correlações significativas com os comportamentos das percepções de infidelidade.

Os cinco fatores do ciúme que apresentaram correlações positivas com os comportamentos ambíguos e enganosos são reações emocionais, cognitivas e comportamentais ou reações agressivas e de investigação (BUENO; CARVALHO, 2012). Portanto, quanto mais as pessoas consideram que situações aparentemente neutras como falar ao telefone, dançar, comer com alguém que não seja o(a) companheiro(a) ou aquelas que são direcionadas a disfarçar sua real intenção, como mentir e omitir informações para o(a) parceiro(a) são indicativas de traição, presumivelmente será maior o ciúme.

Cabe salientar, que os comportamentos ambíguos tiveram maior correlação com o ciúme contato parceiro-rival, cujas reações surgem em decorrência de uma interação parceiro-rival concreta, por exemplo, “o fato de meu parceiro(minha parceira) elogiar outra mulher(outro homem) me incomoda”, “é desagradável notar que meu parceiro(minha parceira) está olhando para outra mulher (outro homem)” ou “não me sinto bem quando outra mulher(outro homem) liga para meu parceiro(minha parceira) e fica conversando muito tempo”. De acordo com Bueno e Carvalho (2012) essas características são reconhecidas pelos estudiosos do ciúme como sendo de intensidade moderada e com tendência a uma manifestação saudável, funcionando como um sinal de alerta de que o que deveria ser exclusivo está ameaçado por uma terceira pessoa. Assim, é justificável a maior relação entre os comportamentos ambíguos e o ciúme contato parceiro-rival, tendo em vista que os conteúdos do fator que mede as percepções da infidelidade são compostos por uma relação plausível com uma terceira pessoa.

No que diz respeito aos comportamentos enganosos, observou-se uma maior correlação com o ciúme “não contato com o parceiro”. Como afirma Bueno e Carvalho (2012) tal fator possui uma característica mais patológica do que o ciúme “contato parceiro-rival”, por envolver pensamentos (reações cognitivas) de uma ameaça imaginada e/ou suspeita paranoide de estar sendo traído(a), atributos que costumam estar associadas ao ciúme patológico. É importante apreender que os comportamentos enganosos apresentam tentativas de ocultar a verdade, sendo tal dissimulação passível de maior sensação de ciúme por ser uma ameaça, sobretudo, imaginada e a desconfiança de traição.

Os comportamentos explícitos, estabelecidos como aqueles em que o indivíduo quebra claramente o acordo de monogamia por ter encontros amorosos ou se envolver sexualmente com alguém que não seja o(a) seu(sua) parceiro(a) (WILSON et. al., 2011), se correlacionaram positivamente com o ciúme contato parceiro-rival. Esta relação é igualmente compreensível pelo fato da referida dimensão do ciúme envolver a presença notória de uma terceira pessoa.

O fato da dimensão autoestima do ciúme não ter apresentado correlações significativas com os comportamentos das percepções de infidelidade, também parece ser concebível, visto que Bueno e Carvalho (2012) enfatizam como componentes dessa reação, a culpa e autodesvalorização frente a situações de infidelidade, por exemplo, “se meu parceiro(minha parceira) for infiel comigo é porque sou um problema no relacionamento” ou “penso não ser boa(bom) o bastante para meu parceiro(minha parceira) em nosso relacionamento”. Nesse sentido, os autores destacam que a autoestima parece desempenhar um papel diferente na ocorrência de ciúme, sendo a ameaça à autoestima, e não a baixa autoestima, que intercede a intensidade da reação. Consequentemente,

(...) a reação de ciúme deve ser tanto mais intensa quanto mais a pessoa sentir a autoestima ferida. Ao contrário disso, as frases descrevem reações que sugerem baixa autoestima, e, portanto, certa aceitação do envolvimento parceiro-rival (p. 442).

Então, supostamente, imagina-se que independente dos comportamentos que seriam mais indicativos de traição, isto é, do que se percebe como sendo infidelidade, as pessoas com baixa autoestima são mais propensas ao sentimento de culpa pela traição cometida por outrem. Outros pontos acerca da autoestima serão discutidos na continuidade, haja vista que em alguns resultados essa dimensão apresentou significância estatística ao ser comparada, por exemplo, com o sexo do participante.

Os dados originados das análises do estudo correlacional propiciaram a conjectura de que perceber comportamentos ambíguos e enganosos como mais indicativos de infidelidade, contribuíam na explicação do ciúme. Deste modo, realizou-se uma análise de regressão linear hierárquica, na qual se confirmou que os comportamentos ambíguos são os melhores previsores do ciúme, presentes de forma significativa em todos os modelos testados, sobretudo aqueles cujas reações são as mais propulsoras ao desenvolvimento de ciúme patológico. Na sequência, de modo secundário, os comportamentos enganosos se

apresentaram como preditores do ciúme, mais especificamente nos modelos das dimensões não contato com o parceiro, investigação e no ciúme total.

Tal constatação faz crer que por não serem os comportamentos ambíguos e enganosos tão evidentes de traição como os explícitos, a incerteza, a desconfiança diante de situações aparentemente neutras, a sensação de estar sendo enganado(a) e a preocupação em se evitar que uma terceira pessoa prejudique a exclusividade do relacionamento do casal ou mesmo que o(a) ex-parceiro(a) não se envolva amorosamente com outras pessoas, promovem estratégias de cunho afetivo, cognitivo e comportamental para manutenção da relação monogâmica ou na tentativa de impedir que o(a) ex-parceiro(a) constitua um novo relacionamento amoroso (BUUNK, 1997).

O contexto mencionado pode ser um facilitador de manifestações de ciúme consideradas saudáveis, desencadeando, por exemplo, reações emocionais e ações de proteção ao relacionamento, tendo em vista que as preocupações com a infidelidade não são raras nem necessariamente bizarras, ao contrário são muitas vezes compreensíveis (MONCLÚS, 2005; TORRES; RAMOS-CERQUEIRA; DIAS, 1999).

Todavia, essa conjuntura pode contribuir para a evolução de um quadro psicopatológico do ciúme por propiciar o pensamento da ameaça imaginada (delírios ou suspeita paranoide de estar sendo traído), sofrimento mais intenso do que na reação normal de ciúme, atitudes de investigação e comportamentos agressivos (BUENO; CARVALHO, 2012). Buunk (1997) afirma que o possível envolvimento sexual e/ou emocional do(a) companheiro(a) com outra pessoa implica na imaginação de cenas (fantasiar um encontro, por exemplo) do(a) parceiro(a) junto com o(a) suposto(a) amante e isto conduz à situações de ansiedade, angústia e obsessão. Não raro, observa-se nas práticas da clínica psicológica e psiquiátrica, na área jurídica, bem como nos meios de comunicação em geral, que situações envolvendo o ciúme excessivo são permeados por motivos considerados como banais, muito semelhantes aos comportamentos ambíguos [como falar ao telefone/internet, comer/beber, dançar com alguém que não seja o(a) parceiro(a)].

5.4.6.3 Quanto às diferenças entre os sexos

Sabe-se que a infidelidade é fortemente relacionada ao ciúme. Entretanto, o sexo dos indivíduos se apresenta como parte fundamentalmente integrante dessa relação. Com tal premissa, foram realizadas comparações entre a infidelidade e ciúme, sendo o sexo dos respondentes avaliado como a principal categoria de influência. Foram hipotetizadas

distinções entre homens e mulheres no tocante às suas respostas emocionais, comportamentais e cognitivas.

Partiu-se inicialmente da análise das vivências de infidelidade dos respondentes. Chama atenção o percentual (acima de 40%) de pessoas que afirmaram conhecer amigos ou familiares que estão vivenciando uma situação de infidelidade, seja como traidores ou como traídos. Isso demonstra que mesmo não sendo a sua própria experiência, a temática fazia parte do cotidiano de quase metade dos participantes. Além do mais, para Blow e Hartnett (2005) a disponibilidade para um ato de infidelidade pode também depender do conhecimento prévio, bem como das experiências de traição de pessoas mais próximas, a exemplo dos parentes e do grupo de amigos.

Todos os participantes foram questionados quanto às suas próprias experiências acerca da infidelidade em relacionamentos anteriores. Predominaram os que foram traídos ou os que tiveram tal sensação em um relacionamento do passado. Esses dados são importantes, especialmente do ponto de vista do ciúme, já que a intensidade da reação emocional à infidelidade sofre influência, segundo Shackelford (2001), da experiência real e por isso espera-se que os indivíduos que foram traídos em relacionamentos anteriores relatem ciúme em maior magnitude.

Ainda sobre vivências anteriores, foi questionado se os participantes tinham sido infiéis. Apesar de a maioria ter afirmado que não (60,4%), deve-se ter em conta que quase 40% confirmaram ter traído em relacionamentos precedentes. A propósito, observou-se que ter sido traído e ter traído no passado foram influenciados pelo sexo dos respondentes, neste caso mais mulheres do que homens na primeira situação e mais homens que mulheres na segunda. Além do mais os percentuais foram muito próximos, indicando uma provável coerência desses achados.

Nas questões das vivências de infidelidade que foram elaboradas especificamente para os participantes que mantinham um relacionamento amoroso no momento da coleta dos dados (se pensavam que poderiam vir a trair, se já traiu, se estava traindo o(a) parceiro(a) atual e se), em todas as respostas “não” foram maioria. Contudo, constataram-se associações com o sexo em três conjuntos de vivências, exceto em “achava que estava sendo traído”, sendo os homens maioria nos resultados significantes, ou seja, que poderiam trair, que já tinham traído e que estavam traindo o(a) parceiro(a) atual.

Diante desse cenário, três pontos são importantes enquanto ressalvas. O primeiro diz respeito ao grau de satisfação nos relacionamentos amorosos, pois o descontentamento com a relação ou com o casamento é para Buss e Shackelford (1997) um dos mais evidentes motivos

para se cometer um ato de infidelidade. Assim, caberia conjecturar se os homens estariam mais insatisfeitos com o seus relacionamentos, condição que poderá ser avaliada em pesquisas futuras. O segundo refere-se ao fato dos resultados da presente tese terem indicado que homens traem mais que as mulheres. Ainda de acordo com os autores mencionados, tal propensão decorreria de casos extraconjugais que não necessariamente possuem envolvimento emocional, sendo acima de tudo sexuais, os mais comumente observados nos homens, gerando tipicamente um maior número de traições.

Compete destacar para estes dois pontos descritos, que o fenômeno da infidelidade é multideterminado, possuindo outras explicações e influências, como apontam Blow e Hartnett (2005), por exemplo, os de ordem moral e/ou cultural (grau de religiosidade, *status* social principalmente para os homens), fatores biológicos (idade, sexo; período fértil e não-ovulatório no caso das mulheres), fatores subjetivos (como a personalidade) e os de cunho social e econômico (normas e valores sociais, nível de escolaridade, renda financeira, emprego).

Portanto, é fundamental que pesquisas posteriores considerem tais explicações, influências e as variáveis intervenientes, observando a existência razões distintas para um ato de traição, embora se reconheça, inclusive cientificamente, que as razões sexuais e afetivas sejam as principais motivações para a infidelidade (BECKER et al., 2004; GOETZ et al., 2005; PREVITI; AMATO, 2004; SAGARIN et al., 2003; SCHÜTZWOHL, 2004; SHACKELFORD; BUSS; BENNETT, 2002; WHITTY, 2003).

O terceiro ponto condiz com a constatação de mais de 90% dos participantes ter apontado não estar traindo o(a) parceiro(a) atual. Ribas Jr, Moura e Hutz (2004) alertam para as distorções nas respostas resultantes da *desejabilidade social*, entendida como uma inclinação dos participantes de pesquisas psicológicas a responderem as perguntas de forma tendenciosa, indicando as mais aceitáveis ou aprovadas socialmente e ainda negando sua associação pessoal com opiniões e comportamentos que seriam desaprovados. Por conseguinte, mesmo sendo garantido o anonimato aos participantes que responderam ao questionário aplicado nesta tese, essa condição pode ter afetado suas respostas sobre estar traindo naquele momento, bem como pode ter levado as mulheres a omitir atos de infidelidade por medo de reprovação ou obediência às normas convencionais.

Nos quatro desenhos elaborados e que obtiveram resultados significativos nas análises das comparações das médias entre os sexos, o primeiro, no qual a única variável preditora era o sexo, as mulheres foram mais propensas do que os homens em indicar os comportamentos

ambíguos como possível infidelidade e ter mais ciúme correspondente ao contato parceiro-rival e à agressão ao parceiro.

As teorias evolucionistas fornecem uma explicação para essas diferenças entre os sexos em resposta à infidelidade ao apontar, por exemplo, que as mulheres costumam apresentar mais do que os homens as razões afetivas (falta de amor, carinho e atenção) como justificativa para a traição, bem como é o tipo de infidelidade que mais as aflige quando são traídas, além de gerar mais intensivamente o ciúme (BECKER et al., 2004; SHACKELFORD; BUSS; BENNETT, 2002). Tais resultados corroboram os achados de Wilson et. al. (2011), nos quais as mulheres também indicaram mais que os homens os comportamentos ambíguos com maior probabilidade de infidelidade. Uma combinação dos comportamentos ambíguos e enganosos parece estar relacionada à infidelidade emocional, apontam os autores.

Quando estão na condição de traídas ou com a preocupação de que venham a ser, o ciúme é mais intenso, pois o envolvimento afetivo com outra mulher, não sendo unicamente sexual, oferece riscos à segurança da família já constituída, ao relacionamento estável, com possibilidade de perda ou diminuição dos investimentos financeiros e afetivos, antes direcionados a uma única mulher e seus filhos. Por isso, o ciúme feminino ocorre como forma de manutenção do relacionamento e da segurança familiar (GRICE; SEELY, 2000). Conseqüentemente, parece ser justificável que os resultados acerca dos comportamentos ambíguos das percepções da infidelidade e do ciúme contato parceiro-rival (condição vista como não patológica e que envolve claramente uma terceira pessoa) sejam relacionados principalmente às mulheres.

No que concerne ao fato das mulheres serem mais propensas do que os homens no ciúme correspondente à agressão ao parceiro, isto poderia ser sustentado considerando que a raiva é uma reação comumente observada (EGAN; ANGUS, 2004). O sexo feminino tem maior facilidade para expressar emoções (BARON-COHEN, 2004), o que pode resultar no julgamento de que são mais prováveis em reagir com agressão. Outra consideração são os estudos realizados por Cobey et al. (2011) e Cobey, Roberts e Buunk (2013) sobre a relação entre o uso de contraceptivos hormonais e o ciúme em mulheres. As pesquisas demonstraram níveis mais altos de ciúmes em mulheres que recebiam doses maiores de estrogênio sintético (etinilestradiol), provocando efeitos psicológicos que afetam o comportamento e a dinâmica dos relacionamentos.

Não obstante, embora se possam mencionar alguns argumentos, os resultados apresentados sobre o sexo feminino ser mais propenso à agressão ao parceiro devem ser vistos

com prudência. A realidade observada, por exemplo, nas áreas clínica, jurídica, incluindo a policial, assim como nos meios de comunicação e nos dados científicos (BUSS, 1988, 2000, 2013; BUSS; ABRAMS, 2017; BUSS; SHACKELFORD, 1997; EASTON; SHACKELFORD, 2009; ECHEBURÚA; AMOR, 2016; TAKAHASHI et al., 2006), não condiz com agressões motivadas pelo ciúme sendo praticadas principalmente por mulheres.

Ao contrário, tem-se uma situação considerada como epidêmica, com números alarmantes de violência cometida por homens contra as mulheres. Evidências dessas disparidades foram constatadas em 2013 pela Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), fruto de convênio entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Saúde. Na oportunidade, por meio de pesquisa domiciliar com amostragem conglomerada, os participantes responderam a itens relativos a violências sofridas nos 12 últimos meses anteriores à pesquisa, cometidas por pessoas conhecidas da vítima e também por pessoas desconhecidas. O número de vítimas do sexo feminino (2,4 milhões) quase duplica os quantitativos masculinos (1,3 milhão), representando respectivamente 3,1% e 1,8% do universo de pessoas no Brasil que foram vítimas de agressão por alguém conhecido. Destes, 854,554 mulheres e 189,715 homens sofreram agressão do(a) parceiro(a) ou do(a) ex-parceiro(a), indicando, portanto, a diferença considerável da violência cometida mais por homens contra as mulheres do que o contrário (IBGE, 2014; WAISELFISZ, 2015).

Igualmente, na análise dos 140.350 relatos de violência dirigidos às mulheres em 2016 coletados pela Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180) da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres do Ministério dos Direitos Humanos⁶ (BRASIL, 2016), no tocante à relação entre vítima e agressor(a), em 65,91% dos casos as agressões foram cometidas por homens com quem as vítimas tinham ou tiveram algum vínculo afetivo: atuais ou ex-companheiros, cônjuges, namorados ou amantes das vítimas. A frequência das agressões também é alta, sendo 67,22% ocorrendo entre diariamente a semanalmente.

Dados semelhantes avigoram as estimativas citadas, a exemplo do estudo realizado com 1.102 brasileiras pelo Serviço de Pesquisa DataSenado (BRASIL, 2015), acerca da violência doméstica e familiar praticada por homens contra a mulher. De um conjunto de categorias⁷ representando os principais motivos da violência, o ciúme obteve maior percentual (21%), sobretudo na Região Nordeste (28%), entre as mulheres que disseram ter sido vítimas de violência. Mesmo tendo atingido percentuais mais baixos, cabe salientar que a traição (3%)

⁶ Atualmente Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

⁷ Entre as categorias constavam também o uso de álcool, de drogas, falta de dinheiro e a influência de familiares e amigas.

e o pedido de separação (3%) também foram apontados como razões para as agressões, sendo estas categorias comumente associadas ao ciúme.

Buss e Shackelford (1997) afirmam que o ciúme e a possessão que acompanham a desconfiança de estar sendo traído, podem levar as pessoas a cometerem atos de violência, chegando inclusive a uma ação homicida, principalmente no caso dos homens. Waiselfisz (2015) assegura em seu estudo “Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil” que entre 2003 e 2013, o número de vítimas do sexo feminino passou de 3.937 para 4.762, incremento de 21% na década. Complementa ainda que essas 4.762 mortes em 2013 representam 13 homicídios femininos diários. Apesar do autor não apresentar discriminadamente as motivações⁸ das mortes, estimou-se que 50,3% do total de homicídios foram perpetrados por um familiar da vítima, sendo 33,2% cometidos por parceiro ou ex-parceiro.

Diante das informações prestadas, compete mencionar a possibilidade do resultado de maior tendência das mulheres à agressão ao parceiro ter sido igualmente impactado pelo fenômeno da desejabilidade social. Sendo assim, por mais que os participantes desta pesquisa tenham respondido a um questionário totalmente desvinculado do TCLE, preservando sua identificação, as respostas dos homens a respeito dos itens pertencentes ao fator “agressão ao parceiro” do ICR-R, podem ter sido afetadas por tal tendência.

O reforço à suposição de desejabilidade social tem como premissa, por exemplo, movimentos sociais, políticos e de legalidade em prol da redução da violência contra as mulheres. No Brasil, duas leis federais foram instituídas: a Lei 11.340/2006 (BRASIL, 2006; Lei Maria da Penha), que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher; e a Lei 13.104/2015 (BRASIL, 2015), que altera o art. 121 do Decreto-lei nº 2.848/1940 (Código Penal), para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072/1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

Consequentemente, o intenso apelo em torno da gravidade e aumento dos casos de violência contra as mulheres, bem como da legislação vigente, pode ter reduzido a amplitude das respostas dos participantes do sexo masculino com relação ao ciúme “agressão ao parceiro”, visto que assumir que “fica agressivo com a parceira quando pensa que ela pode estar sendo infiel” ou que “já quebrou pertences da parceira por desconfiar de sua fidelidade”

⁸ Uma parcela dos feminicídios ocorridos no Brasil relaciona-se à dinâmica do tráfico e do uso de drogas e aos homicídios sexistas, segundo Meneghel e Portella (2017).

seria admitir que são ou que poderiam vir a ser violentos, estando em desacordo ao que seria mais aceitável ou aprovado socialmente.

Prosseguindo com os resultados do primeiro desenho comparativo, observou-se que os homens foram mais propensos à autoestima vinculada ao ciúme do que o sexo feminino. Considerando que este fator parece desempenhar uma atribuição diferente na ocorrência de ciúme (BUENO; CARVALHO, 2012), ou seja, de baixa autoestima [com sentimento de culpa pela traição cometida pelo(a) parceiro(a)], as características de personalidade poderiam fornecer explicações, já que a baixa autoestima e a insegurança são exemplos de traços individuais intensificadores de ciúme, afirmam Buss e Shackelford (1997).

Em estudo realizado no final da década de 1990 para verificar como a personalidade afetava o ciúme, Buunk (1997) observou que ao contrário dos homens, entre as mulheres o ciúme era mais prevalente naquelas com baixa autoestima. Sendo assim, a autoavaliação exerceria uma função primordial, considerando que quando um “potencial rival” chama a atenção do(a) parceiro(a), componentes da autoestima como “o quão inteligente” ou “o quão bonito(a)” é o(a) concorrente promovem ou elevam o ciúme em ambos os sexos (GOLDENBERG et al., 2003). Mais especificamente, as mulheres enfatizam as relações interpessoais, a atratividade física e a beleza da terceira pessoa e estas lhes servem de parâmetro para a sua autoavaliação. Já os homens tenderiam a considerar a competência sexual e o *status* social do suposto rival como fundamental para a manutenção da sua autoestima (BUUNK; DIJKSTRA, 2004; GOLDENBERG et al., 2003).

Embora não se tenha incluído o construto da personalidade, os resultados encontrados nesta tese diferem dos dados observados por Buunk (1997), tendo vista que nesta ocasião os homens demonstraram níveis de baixa autoestima maiores do que as mulheres. As consequências negativas para a autoestima masculina estariam vinculadas, sobretudo, na infidelidade sexual, tendo em vista a suposição de que os homens são mais preocupados com a sua competência sexual (SCHÜTZWOHL, 2004). Além do mais, de acordo com Blow e Hartnett (2005), nos processos psicoterapêuticos dos indivíduos que foram traídos, são frequentes os relatos de perda da confiança pessoal e sexual e o medo de ser abandonado. Implicações sociais também são marcantes como a dificuldade em manter um bom relacionamento com os filhos, pais e amigos, consequências judiciais (divórcio, pensão alimentícia) e problemas financeiros, apontam os autores.

No caso dos homens, além dessas implicações, a percepção de que não foi competente o suficiente para manter o relacionamento ou de não ter evitado a aproximação da terceira pessoa, pode impactar negativamente na autoestima; além das mudanças ocorridas nas últimas

décadas que tornaram mulheres e filhos mais independentes dos homens quebrando o paradigma sociocultural do sexo masculino como único provedor e protetor da família (MAIRAL, 2004).

Os três desenhos sequenciais que testaram as diferenças entre os sexos, apontaram significância estatística envolvendo outras três variáveis preditoras: (1) grau de importância da relação, (2) tipo de relacionamento e (3) estado civil. Especificamente, as mulheres que consideravam o relacionamento atual como importante ou totalmente importante e atribuíram a relação como fechada (não sendo permitido envolvimento emocional ou sexual com uma terceira pessoa), foram mais propensas do que os homens em indicar os comportamentos explícitos das percepções da infidelidade. Constatou-se a manutenção do contato parceiro-rival do ciúme mais preponderante no sexo feminino nos relacionamentos considerados “totalmente importantes” e das que afirmaram ser “casadas/com união estável”.

Inicialmente, tais resultados parecem ser pertinentes, tendo em vista que os comportamentos explícitos e o contato parceiro-rival do ciúme supõem a presença de uma terceira pessoa, supondo-se a quebra da monogamia. Entretanto, o fato das mulheres terem indicado os comportamentos explícitos mais do que os homens, demonstra haver uma contradição com as teorias evolucionistas, que apontam os homens como mais propensos às atribuições de cunho sexual para as razões à infidelidade e reações de ciúme.

A propósito, foram encontrados dados semelhantes por Wilson et. al. (2011). Os autores ressaltaram que as pesquisas apoiadas nas teorias evolucionistas examinam fundamentalmente quais os tipos de infidelidade – emocional ou sexual – causariam mais aflição em homens e mulheres, enquanto que o instrumento das percepções da infidelidade avalia unicamente a extensão em que um comportamento seria considerado traição. Logo, poderia se conjecturar uma distinção entre os comportamentos percebidos como infidelidade e o nível de sofrimento que estes comportamentos podem acarretar, levando a crer que mesmo julgando-os como menos prováveis de traição, ainda assim poderiam trazer sofrimento substancial aos indivíduos.

Apesar das mulheres serem mais suscetíveis à infidelidade emocional, os comportamentos explícitos das percepções da infidelidade somados às manifestações típicas de sinal de alerta do ciúme “contato parceiro-rival” podem representar também uma ameaça à relação estável e a manutenção da família (GRICE; SEELY, 2000; SHACKELFORD; GOETZ; BUSS, 2005). Por consequência, recomenda-se acrescentar em pesquisas futuras uma medida do amor que avalie, por exemplo, a intimidade, a paixão e o compromisso (CASSEPP-BORGES, 2010; GAO, 2001; GOUVEIA et al., 2009; STERNBERG, 1997),

considerando que as variáveis preditoras que foram incluídas e apresentaram dados significativos dizem respeito aos relacionamentos tidos como importantes, fechados (monogâmicos) e de pessoas casadas ou com união estável.

Por último, destaca-se a manutenção do resultado significativo no que concerne a autoestima do ciúme mais proeminente nos homens quando incluída a variável “tipo de relacionamento”, neste caso, daqueles que afirmaram ter uma relação “fechada”. Os dados reforçam as informações previamente levantadas no primeiro desenho e, do mesmo modo, evidenciam a relevância de novos estudos direcionados à melhor compreensão de como a baixa autoestima, no cenário das relações amorosas, pode ser um fator de risco para a depressão, ideação e/ou tentativa suicida ou mesmo homicídio seguido de suicídio (CHATARD; SELIMBEGOVIC; KONAN, 2009; ROMA et al., 2012; SÁ; WERLANG, 2007).

5.4.6.4 Limitações, áreas beneficiadas e direções futuras

É improvável que uma pesquisa científica não conceba eventuais limitações, visto que algumas variáveis de estudo não são contempladas ou não poderiam ser manipuladas experimentalmente, que as medidas utilizadas poderiam necessitar, por exemplo, de atualizações e que, geralmente, são encontrados vieses amostrais. Portanto, nesta tese, pontuam-se limitações nos seguintes aspectos:

1) *Amostra*

Os participantes que responderam ao questionário da Etapa 2 compuseram uma amostra de conveniência de estudantes de graduação e pós-graduação, não probabilística, o que não permite assegurar a representatividade em termos das características da população-alvo (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; ZECHMEISTER, 2012) e do contexto brasileiro. Ademais, a maior parte dos respondentes foi do sexo feminino e isso pode gerar vieses em razão, por exemplo, de maior atribuição ao afeto, seja para a infidelidade, seja nas reações de ciúme (BUSS, 2018; BUSS; SHACKELFORD, 1997; SHACKELFORD; BUSS; BENNETT, 2002).

Vale salientar que se procurou contar com uma amostra equitativa com relação ao sexo, coletando-se dados de estudantes em cursos que tradicionalmente possuem mais homens do que mulheres, como as engenharias. Porém, observa-se a manutenção do maior número de

mulheres se inserindo, cursando e concluindo uma formação superior ou uma pós-graduação no Brasil, conforme, respectivamente, o Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira de 2017 – INEP/MEC (BRASIL, 2018) e dados do Sistema Nacional de Pós-Graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2018), fato que pode ter levado ao maior percentual de mulheres.

Faz-se necessário destacar que apesar da média de idade dos participantes (26,5) ter alcançado uma faixa etária próxima as idades mais comuns para o casamento, estágio em que os efeitos da infidelidade provavelmente têm seu impacto mais profundo (WILSON et al., 2011), sugere-se que pesquisas futuras possam contar com um número maior de participantes das faixas etárias superiores, nas quais ocorrem o maior número de divórcios. Igualmente, recomenda-se uma amostra mais ampla, aleatória, preferencialmente da população-geral e representativa de todo o território brasileiro, permitindo a generalização dos resultados.

2) *Medidas de auto-relato*

Os instrumentos que foram utilizados nesta pesquisa são medidas de auto-relato e podem gerar dados diferentes da realidade (por exemplo, nos casos reais de infidelidade e ciúme). Para a melhor compreensão dos fenômenos, são importantes levantamentos qualitativos ou experimentais. Contudo, Cassepp-Borges (2010) alerta que os instrumentos de auto-relato seguem como os mais empregados nos estudos dos fenômenos psicológicos, que nem sempre possuem manifestações observáveis e por serem mais rápidos e fáceis.

Embora se reconheça as potenciais limitações, acredita-se que a robustez dos resultados sejam suficientes, significativos e adequados, não configurando restrições a presente tese, mas podem unicamente indicar que os dados, sobretudo da amostra, não devem ser generalizados indiscriminadamente por configurar-se com baixa validade externa (BREAKWELL et al., 2010; GRESSLER, 2004; PASQUALI, 2007). Todavia, não se pretendeu realizar generalizações, mas tão somente proceder com a adaptação e validação de uma escala para a cultura brasileira e testar uma hipótese, denotando um avanço importante ao entendimento das percepções da infidelidade e do ciúme romântico. Cabe salientar que o estudo destes construtos apresenta algumas dificuldades, como descrito anteriormente, pela sua natureza multideterminada, estando vinculado a aspectos socioculturais e a elementos biológicos e psicológicos dos sujeitos.

As informações e os resultados ora levantados beneficiam, inquestionavelmente, as áreas da psicologia e a psiquiatria. Porém, a utilização profissional, por psicólogos, dos instrumentos que foram aplicados nesta tese, deverá ser feita exclusivamente enquanto “instrumento não privativo” de forma complementar e secundária à avaliação a fim de alçar dados sobre outros aspectos relacionados ao contexto da avaliação psicológica, conforme a Resolução CFP nº 009/2018 (CFP, 2018). Afora a clínica, outra área que também poderá ser beneficiada, mesmo que de modo suplementar, é a psicologia jurídica, tendo em vista os processos envolvendo a separação dos casais, bem como nos casos mais extremos com ocorrência de violência, atos homicidas ou feminicídios, cujo cerne tenha sido a infidelidade e o ciúme.

Diante da necessidade de delimitação das variáveis de estudo e na eventualidade de pesquisadores interessados na temática considerarem esta tese como provedora de novas hipóteses e questionamentos, decidiu-se empreender um esforço no sentido de oferecer algumas recomendações, no formato de direções futuras, como especificadas a seguir.

Infidelidade *on-line*. Segundo Mileham (2007), as salas de bate-papo *on-line* introduziram uma nova dinâmica aos relacionamentos afetivos. Em pesquisas realizadas por Whitty (2003; 2005), com esse cenário surgiu uma nova modalidade de traição pautada na alteração do comportamento afetivo e/ou sexual de homens e mulheres que possuem relacionamento fixo e que, através da *internet* envolvem-se virtualmente com pessoas desconhecidas, podendo começar com simples mensagens, evoluindo para confidências, fantasias sexuais e, em alguns casos, a concretização do envolvimento. Estudos realizados nos últimos dez anos têm mencionado a importância de se averiguar as novas formas de tecnologia (BUSS; SCHMITT, 2019) e os impactos causados aos relacionamentos amorosos (COUTINHO, 2013; CRAVENS; LECKIE; WHITING, 2013; ISANEJAD; BAGHERI, 2018; MAO; RAGURAM, 2009), inclusive com preceitos da psicologia evolucionista (GUADAGNO; SAGARIN, 2010). Assim, há muito que se conhecer sobre o tema.

Infidelidade entre homossexuais. Sagarin et al. (2003), ao estudarem respostas à infidelidade, porém em relacionamentos homossexuais, verificaram que algumas reações, típicas da perspectiva evolucionista, podem desaparecer por não fornecerem riscos à reprodução humana natural, à continuidade das gerações ou à paternidade (temor peculiar nas relações heterossexuais advinda principalmente da infidelidade sexual). Do mesmo modo, os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo não prejudicariam a segurança e os recursos

financeiros da família (preocupação inerente à infidelidade afetiva). Tem se observado estudos na área (BREWER, 2014; CONFER; CLOUD, 2011), contudo ainda são escassos.

Ciúme e neurociência. Trata-se de uma vertente recente, complexa e desafiadora. É com esta visão que pesquisadores têm buscado compreender o ciúme utilizando a neuroimagem. Um dos precursores, Takahashi et al. (2006), averiguaram o comportamento agressivo causado pelo ciúme patológico em homens e mulheres. Desde então, poucas pesquisas sobre o ciúme foram desenvolvidas com o emprego de técnicas da neuroimagem. Por exemplo, Sun et al. (2016) avaliaram como o cérebro humano processa o ciúme romântico. Por meio de imaginação baseada em cenários e ressonância magnética funcional, investigou-se os correlatos comportamentais e neurais do ciúme romântico e seu desenvolvimento em estágios (antes e depois de estar em um relacionamento formal). A intensidade do ciúme romântico estava relacionada à intensidade da felicidade romântica, que se correlacionava principalmente com a ativação do córtex pré-frontal, associada a uma tendência para agressão interpessoal. Revisões sistemáticas também foram publicadas, como em Marazziti et al. (2012) e Ortigue e Bianchi-Demicheli (2011) sobre o ciúme delirante avaliado com neuroimagem. Cooper et al. (2014) conduziram avaliações com ressonância magnética funcional, porém não diretamente vinculadas ao ciúme, mas ainda adentro das relações afetivas, ou seja, sobre impacto emocional do interesse ou rejeição amorosa. Até agora, pouco se sabe sobre como o cérebro processa o ciúme romântico (SUN et al., 2016), tornando a área, no mínimo, instigante e promissora.

Ciúme e homicídios seguidos de suicídio. Tema e fato constante no cotidiano, representado na mídia em geral, o fenômeno do ciúme em conjunção com as tentativas ou atos homicidas seguidos de suicídio forma um dos problemas mais graves no repertório humano das emoções, por representar uma gama de comportamentos destrutivos (BUSS, 2013). De acordo com Roma et al. (2012), o ciúme é apontado como o principal motivo para os homens cometerem homicídios seguidos de suicídio. Ameaças de violência ou de suicídio podem ser consideradas como agressão factual, segundo Buss e Abrams (2017), já que faz com que uma pessoa se mantenha, forçosamente, em um relacionamento que pretendia acabar. Nesse sentido, Sá e Werlang (2007) alertam que estudos podem servir de auxílio para que se chegue a estratégias que visem evitar esse tipo de evento, bem como amenizar o sofrimento das pessoas envolvidas, mesmo que indiretamente, como os familiares e

conhecidos da vítima e do agressor. Certamente, essa questão se assume como uma das mais desafiadoras e legítimas, demandando a atenção emergencial de profissionais e cientistas.

6 CONCLUSÃO

O objetivo geral desta tese foi avaliar a relação entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico e as diferenças entre os sexos. Estes fenômenos são notoriamente complexos e suas mensurações devem ser realizadas com instrumentos válidos e fidedignos. Contudo, observou-se a ausência de medidas acerca das percepções da infidelidade desenvolvidas para o contexto brasileiro. Assim, antes do estudo correlacional, optou-se por adaptar e validar uma escala norte-americana, a *Perceptions of Dating Infidelity Scale* (PDIS), utilizando procedimentos robustos e sistematizados.

A realização e os resultados da adaptação transcultural e validação da PDIS, apresentaram evidências consistentes da sua adequação com as equivalências conceitual, idiomática e aos seus parâmetros psicométricos, atendendo à tríade das validades: conteúdo, construto e critério. Prontamente, é possível contar com um instrumento consistente para medir as percepções da infidelidade, sendo recomendado o seu uso no Brasil.

Cabe salientar que a adaptação e a validação da medida utilizada nesta tese gerou o artigo *Translation, Cross-cultural Adaptation, and Psychometric Properties of the Perceptions of Dating Infidelity Scale, in Brazilian Portuguese*, submetido à *Archives of Sexual Behavior* (Fator de Impacto de 3.116), cuja comprovação de submissão encontra-se no Anexo D.

A hipótese de pesquisa (H_1) pressupôs que as percepções da infidelidade estariam correlacionadas positivamente com o ciúme romântico e que haveria diferenças das respostas entre os sexos, sendo suas mensurações sugestivas para identificar reações emocionais, cognitivas e comportamentais dos indivíduos. Deste modo, com a verificação dos resultados, expõem-se as seguintes sínteses:

- a) As correlações positivas entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico foram confirmadas nos resultados dos comportamentos ambíguos e dos comportamentos enganosos das percepções da infidelidade com cinco fatores do ciúme (não contato com o parceiro, contato parceiro-rival, agressão ao parceiro, agressão ao rival e investigação) e nos comportamentos explícitos das percepções da infidelidade com o fator contato parceiro-rival do ciúme. Também se constatou que os comportamentos ambíguos são os melhores preditores do ciúme.

- b) Verificaram-se associações significativas entre as vivências de infidelidade e o sexo do participante, sendo em relacionamentos anteriores as mulheres com maiores percentuais em “ter sido traída” e os homens em “ter traído”, bem como na relação atual, sendo o sexo masculino com maiores porcentagens em “que poderiam trair”, “que já tinham traído” e “que estavam traindo”.
- c) Nas diferenças entre os sexos enquanto respostas às percepções da infidelidade e ao ciúme romântico, as mulheres foram mais propensas do que os homens em indicar os comportamentos ambíguos como infidelidade e atribuir mais ciúme ao contato parceiro-rival e à agressão ao parceiro. Adicionando as variáveis “grau de importância” e “tipo de relacionamento”, observou-se uma modificação na atribuição das percepções da infidelidade. De tal modo, as mulheres que declararam o relacionamento como “importante” ou “totalmente importante” e vivenciavam uma relação do tipo “fechada”, foram mais tendentes do que os homens em indicar os comportamentos explícitos como traição. Os homens apresentaram maior inclinação à autoestima do ciúme (baixa autoestima) do que as mulheres, característica igualmente encontrada quando vivenciavam uma relação do tipo “fechada”.

Com o cumprimento das duas etapas estabelecidas, deduz-se que os objetivos foram alcançados. Por meio dos resultados, considera-se que a H_1 foi corroborada. Portanto, conclui-se que as mensurações das percepções da infidelidade e do ciúme romântico são sugestivas para identificar reações emocionais, cognitivas e comportamentais distintas entre homens e mulheres.

Os dados ora encontrados justificam e conferem sentido a esta tese. A confirmação das diferenças entre homens e mulheres enquanto respostas às percepções da infidelidade e ao ciúme romântico, conduz a ideia preliminar de que as reações dos indivíduos podem ser determinadas pelo seu sexo, fato que merece atenção, em especial, dos profissionais das áreas de psicologia e psiquiatria. Conseqüentemente, espera-se que todas as informações prestadas sejam úteis ao contexto clínico (incluindo a psicologia jurídica), majorando a compreensão e promovendo melhorias aos processos de intervenção e de prevenção, nos quais se possa buscar, ao menos, reduzir os efeitos e riscos provocados pelas reações à infidelidade e pelo ciúme.

Almeja-se ainda que pesquisadores sejam instigados em investigações futuras a expandir o conhecimento científico sobre a temática, notadamente, por não se apresentar

qualquer resposta definitiva, mas por ampliar e difundir a formulação de novas hipóteses, testando-as em conjunturas e populações diversas e pelo reconhecimento das complexidades que envolvem estes fenômenos no intrincado mundo das relações humanas.

REFERÊNCIAS

- AFIFI, W. A.; FALATO, W. L.; WEINE, R., J. L. Identity concerns following a severe relational transgression: the role of discovery method for the relational outcomes of infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 18, 291-308, 2001.
- ALAVI, M.; KYE MEI, T.; MEHRINEZHAD, S. A. The Dark Triad of personality and infidelity intentions: the moderating role of relationship experience. *Personality and Individual Differences*, v. 128, p. 49-54, 2018.
- ALEXANDRE, N. M. C.; COLUCI, M. Z. O. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 7, p. 3061-3068, 2011.
- ALFERES, V. R. Atracção interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Orgs.), *Psicologia Social*, p. 125-158. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- ALMEIDA, M. H. M.; SPÍNOLA, A. W. P.; LANCMAN, S. Técnica Delphi: validação de um instrumento para uso do terapeuta ocupacional em gerontologia. *Revista de Terapia Ocupacional*, v. 20, n. 1, p. 49-58, 2009.
- ALMEIDA, T.; RODRIGUES, K. R. B.; SILVA, A. A. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, v. 13, n. 1, p. 83-90, 2008.
- ALTGELT, E. E. et al. Who is sexually faithful? Own and partner personality traits as predictors of infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 35, n. 4, p. 600-614, 2018.
- ALTMAN, D. G. *Practical statistics for medical research*. London: Chapman & Hall, 1991.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)*, 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- AMORIM, L. D. A. F. et al. *Análise fatorial confirmatória e modelos com equações estruturais: um tutorial usando software estatístico*. 2013. 124 f. Projeto de Pesquisa (Instituto de Matemática/Departamento de Estatística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2013.
- ARNOCKY, S. et al. Anticipated partner infidelity and men's intimate partner violence: the mediating role of anxiety. *Evolutionary Behavioral Sciences*, v. 9, n. 3, p. 186-196, 2015.
- _____; PEARSON, M.; VAILLANCOURT, T. Health, anticipated partner infidelity, and jealousy in men and women. *Evolutionary Psychology*, v. 13, n. 3, p. 1-10, 2015.

ATKINSON, L. R. et al. *Introdução à Psicologia de Hilgard*. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ATTRIDGE, M. Jealousy and relationship closeness exploring the good (reactive) and bad (suspicious) sides of romantic jealousy. *SAGE Open*, v. 3, p. 1-16, 2013.

BALBINOTTI, M. A.; BENETTI, C.; TERRA, P. R. S. Translation and validation of the Graham-Harvey survey for the brazilian context. *International Journal of Managerial Finance*, v. 3, n. 1, p. 26-48, 2006.

BARONCELLI, L. Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 163-170, 2011.

BARON-COHEN, S. *Diferença essencial: A verdade sobre o cérebro de homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

BARTA, W. D; KIENE, S. M. Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: the roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, v.22, p. 339-360, 2005.

BEATON, D. E. et al. Guidelines for the process of cross-cultural adaption of self-report measures. *Spine*, v. 25, n. 24, p. 3186-3191, 2000.

_____. Recommendations for the cross-cultural adaptation of the DASH & *QuickDASH* outcome measures (Revised). *Institute for Work & Health*, 2007. Disponível em: <http://www.dash.iwh.on.ca/sites/dash/files/downloads/cross_cultural_adaptation_2007.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.

BECKER, D. V. et al. When the sexes need not differ: emotional responses to the sexual and emotional aspects of infidelity. *Personal Relationships*, v. 11, p. 529-538, 2004.

BENDIXEN, M.; KENNAIR, L. E. O.; BUSS, D. M. Jealousy: evidence of strong sex differences using both forced choice and continuous measure paradigms. *Personality and Individual Differences*, v. 86, p. 212-216, 2015.

BILLARD, T. J. The crisis in content validity among existing measures of transphobia. *Archives of Sexual Behavior*, v. 47, n. 5, p. 1305-1306, 2018.

BLOW, A. J.; HARTNETT, K. Infidelity in committed relationships: a substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, v. 31, 217-233, 2005.

BORSA, J. C., DAMÁSIO, B. F.; BANDEIRA, D. R. Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 22, n.53, p. 423-432, 2012.

BRASIL. *Balanço anual 2016* (Ligue 180). Central de Atendimento à Mulher. Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. Ministério dos Direitos Humanos. Brasília, DF, 2016.

_____. *Censo da Educação Superior de 2017*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Ministério da Educação. Brasília, DF, 2018. Disponível

em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

_____. *Lei 11.340* de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 24 mai. 2018.

_____. *Lei 13.104* de 09 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm>. Acesso em: 24 mai. 2018.

_____. *Violência doméstica e familiar contra a mulher*. Serviço de Pesquisa DataSenado. Senado Federal. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/pdf/Relatrio_Violncia_Mulher_v9for matado.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2018.

BREAKWELL, G. M. et al. *Métodos de Pesquisa em Psicologia*, 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=8536324155_>. Acesso em: 26 jul. 2018

BREWER, G. et al. Dark triad traits, infidelity and romantic revenge. *Personality and Individual Differences*, v. 83, p. 122-127, 2015.

_____. Heterosexual and homosexual infidelity: the importance of attitudes towards homosexuality. *Personality and Individual Differences*, v. 64, p. 98-100, 2014.

BUENO, J. M. H. et al. Adaptação do Inventário de Ciúme Romântico (ICR) para a população portuguesa. *Psico-USF* (Bragança Paulista), v. 17, n. 3, p. 397-406, 2012.

_____; CARVALHO, L. F. Um estudo de revisão do Inventário de Ciúme Romântico (ICR). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 25, n. 3, 435-444, 2012.

BUSS, D. M. Comment: Evolutionary criteria for considering an emotion “basic”: jealousy as an illustration. *Emotion Review*, v. 6, n. 4, p. 313-331, 2014.

_____. The dangerous passion. In: BUSS, D. M (Org.), *The dangerous passion: why jealousy is as necessary as love and sex*, 2000, cap. 1. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=0684867869>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

_____; DUNTLEY, J. D. The evolution of intimate partner violence. *Aggression and Violent Behavior*, v. 16, n. 5, p. 411-419, 2011.

_____; HASELTON, M. The evolution of jealousy. *TRENDS in Cognitive Sciences*, v. 9, n. 11, p. 506-507, 2005.

_____; PENKE, L. Evolutionary personality psychology. In: MIKULINCER, M. et al. (Eds.), *APA handbooks in psychology. APA handbook of personality and social psychology, Vol. 4. Personality processes and individual differences*, p. 3–29. Washington, EUA: American Psychological Association, 2015.

_____. From vigilance to violence. *Ethology and Sociobiology*, v. 9, p. 291-317, 1988.

_____. Human mating strategies. *Samfundsøkonomen*, v. 4, 47-58, 2002.

_____; ABRAMS, M. Jealousy, infidelity, and the difficulty of diagnosing pathology: a CBT approach to coping with sexual betrayal and the green-eyed monster. *Journal of Rational-Emotive & Cognitive-Behavior Therapy*, v. 35, n. 2, p. 150–172, 2017.

_____; SCHMITT, D. P. Mate preferences and their behavioral manifestations. *Annual Review of Psychology*, v.70, p. 77-110, 2019.

_____. The murderer next door: why the mind is designed to kill. New York:Penguin Books, 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=1101117699>>. Acesso em: 24 set. 2016.

_____ et al. Sex differences in jealousy: evolution, physiology, and psychology. *Psychology Science*, v. 3, p. 251-255, 1992.

_____. Sexual and emotional infidelity: evolved gender differences in jealousy prove robust and replicable. *Perspectives on Psychological Science*, v. 13, n. 2, p. 155–160, 2018.

_____. Sexual jealousy. *Psychological Topics*, v. 22, n. 2, p. 155-182, 2013.

_____; SHACKELFORD, T. K. Susceptibility to infidelity in the first year of marriage. *Journal of Research in Personality*, v. 31, n. 2, p. 193–221, 1997.

BUSSOTTI, E. A.; GUINSBURG, R.; PEDREIRA, M. L. G. Adaptação cultural para o português do Brasil da escala de avaliação de dor Face, Legs, Activity, Cry, Consolability revised (FLACCr). *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 23, n. 4, p. 651-659, 2015.

BUUNK, B. P.; DIJKSTRA, P. Gender differences in rival characteristics that evoke jealousy in response to emotional versus sexual infidelity. *Personal Relationships*, v. 11, p. 395-408, 2004.

_____. Personality, birth order and attachment styles as related to various types of jealousy. *Personality Individual Differences*, v. 23, 997-1006, 1997.

BYRNE, B. M. *Structural equation modelling with AMOS: basic concepts, applications, and programming*. 3. ed. New York: Routledge, 2016.

CAMPOS, R. T. O. et al. Oficinas de construção de indicadores e dispositivos de avaliação: uma nova técnica de consenso. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, n. 1, p. 221-241, 2010.

CANTO ORTIZ, J. M.; GARCÍA LEIVA, P.; JACINTO, L. Celos y emociones: factores de la relación de pareja en la reacción ante la infidelidad. *Athenea Digital*, v.15, 39-55, 2009.

CARVALHO, L. F.; BUENO, J. M. H.; KEBLERIS, F. Estudos psicométricos preliminares do Inventário de Ciúme Romântico – ICR. *Avaliação Psicológica*, 7, 335-346, 2008.

CASSEPP-BORGES, V. *Amor e construtos relacionados: evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil*. 2010. 174f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010.

_____; BALBINOTTI, M. A. A.; TEODORO, M. L. M. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: PASQUALI, L. (Ed.), *Instrumentação psicológica: fundamentos e prática*. Porto Alegre: Artmed, 2010. cap. 24, p. 506–520.

CAVALCANTI, J. P. N. *Reações a cenários de infidelidade conjugal: são o amor e o ciúme explicações?* 2007. 166f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2007.

CHATARD, A.; SELIMBEGOVIC, L.; KONAN, P. N. Self-esteem and suicide rates in 55 nations. *European Journal of Personality*, v. 23, p. 19-32, 2009.

COBEY, K. D. et al. Hormonal birth control use and relationship jealousy: evidence for estrogen dosage effects. *Personality and Individual Differences*, v. 50, p. 315–317, 2011.

_____; ROBERTS, S. C.; BUUNK, A. P. Hormonal contraceptive congruency: implications for relationship jealousy. *Personality and Individual Differences*, v. 55, n. 5, p. 569-573, 2013.

COHEN, M. T. An exploratory study of individuals in non-traditional, alternative relationships: how “open” are we? *Sexuality & Culture*, v. 20, n. 2, p. 295-315, 2016.

CONFER, J. C.; CLOUD, M. Sex differences in response to imagining a partner’s heterosexual or homosexual affair. *Personality and Individual Differences*, v. 50, p. 129–134, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Resolução CFP nº 009 de 25 de abril de 2018*. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI e revoga as Resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/2017 e 02/2017. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/resolucoes/resolucao-cfp-no-09-2018/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). *Resolução CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012*. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 04 fev. 2016.

_____. *Resolução CNS nº 510* de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

COOPER, J. C. et al. The role of the posterior temporal and medial prefrontal cortices in mediating learning from romantic interest and rejection. *Cerebral Cortex*, v. 24, n. 9, p. 2502-2511, 2014.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Sistema Nacional de Pós-Graduação*. Brasília, DF, CCS/CAPES, 2018. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/pt/sala-de-imprensa/noticias/8787-mulheres-permanecem-como-maioria-na-pos-graduacao-brasileira>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

COUTINHO, M. L. *A infidelidade virtual no relacionamento amoroso: correlatos afetivos e sociais*. 2013. 218f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2013.

CRAVENS, J. D.; LECKIE, K. R.; WHITING, J. B. Facebook infidelity: when poking becomes problematic. *Contemporary Family Therapy*, v. 35, p. 74-90, 2013.

DAMÁSIO, B. F. Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, v. 11, n. 2, p. 213-228, 2012.

DESLANDES, S. F. et al. Use of the Nominal Group Technique and the Delphi Method to draw up evaluation indicators for strategies to deal with violence against children and adolescents in Brazil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v.10, n. 1, p. S29-S37, 2010.

DIJKSTRA, P. et al. Sex differences in the events that elicit jealousy among homosexuals. *Personal Relationships*, v. 8, n. 1, p. 41-54, 2001.

DUNTLEY, J. D.; BUSS, D. M. The evolution of stalking. *Sex Roles*, v. 66, n. 5-6, p. 311-327, 2012.

EASTON, J. A.; SHACKELFORD, T. K. Morbid Jealousy and Sex Differences in Partner-Directed Violence. *Human Nature*, v. 20, n. 3, p. 342-350, 2009.

ECHEBURÚA, E.; AMOR, P. J. Hombres violentos contra la pareja: ¿tienen un trastorno mental y requieren tratamiento psicológico? *Terapia psicológica*, v. 34, n. 1, p. 31-40, 2016.

EGAN, V.; ANGUS, S. Is social dominance a sex-specific strategy for infidelity? *Personality and Individual Differences*, v. 36, 575–586, 2004.

EKMAN, P. Basic emotions. In: DALGLEISH, T.; POWER, M. (Eds.), *Handbook of Cognition and Emotion*, p. 45-60. Nova Jersey, EUA: John Wiley & Sons. Disponível em: <<https://www.paulekman.com/wp-content/uploads/2013/07/Basic-Emotions.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

_____; CORDARO, D. What is meant by calling emotions basic. *Emotion Review*, v. 3, n. 4, p. 364-370, 2011.

- FERNANDES, M. V. L.; LACERDA, R. A.; HALLAGE, N. M. Construção e validação de indicadores de avaliação de práticas de controle e prevenção de infecção do trato urinário associada a cateter. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 9, n. 2, p. 174-189, 2006.
- FERNANDEZ, A. M. et al. Sex differences in response to sexual and emotional infidelity among spanish and chilean students. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v. 37, p. 359-365, 2006.
- FIGUEIREDO FILHO, D. B.; SILVA JUNIOR, J. A. Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. *Opinião Pública*, v. 16, n. 1, p. 160-185, 2010.
- FREDERICK, D. A.; FALES, M. R. Upset over sexual versus emotional infidelity among gay, lesbian, bisexual, and heterosexual adults. *Archives of Sexual Behavior*, v. 45, n. 1, p. 175–191, 2016.
- FREIRE, S. E. A. *Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos*. 2013. 258f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2013.
- FUENTES CUIÑAS, A. A. Percepción de la infidelidad en el área metropolitana de Buenos Aires. In: V CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y PRÁCTICA PROFESIONAL EM PSICOLOGÍA, XX JORNADAS DE INVESTIGACIÓN, NOVENO ENCUENTRO DE INVESTIGADORES EN PSICOLOGÍA DEL MERCOSUR. *Trabalho Completo*. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013. Disponível em: <<https://www.aacademica.org/000-054/18.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- _____; KOVAL, S. Percepción de la infidelidad en el área metropolitana de Buenos Aires. *Universitas Psychologica*, v. 17, n. 2, p. 1-9, 2018.
- GAO, G. Intimacy, passion, and commitment in Chinese and US American romantic relationships. *International Journal of Intercultural Relations*, v. 25, p. 329–342, 2001.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOETZ, A. T. et al. Mate retention, semen displacement, and human sperm competition: a preliminary investigation of tactics to prevent and correct female infidelity. *Personality and Individual Differences*, v. 38, p. 749–763, 2005.
- GOLDENBERG, J. L. et al. Gender-typical responses to sexual and emotional infidelity as a function of mortality salience induced self-esteem striving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 29, 1585-1595, 2003.
- GOUVEIA, V. V. et al. Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 14, n. 1, p. 31-39, 2009.
- GRESSLER, L. A. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8515025965>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

GRICE, J. W.; SEELY, E. The evolution of sex differences in jealousy: Failure to replicate previous results. *Journal of Research in Personality*, v. 34, p. 348–356, 2000.

GRUNT-MEJER, K. From monogamy to polyamory: social perception of nonmononormative relationships. *Studia Socjologiczne*, v. 4, n. 215, p. 159-181, 2014.

GUADAGNO, R. E.; SAGARIN, B. J. Sex differences in jealousy: an evolutionary perspective on online infidelity. *Journal Applied Social Psychology*, v. 40, n. 10, 2010.

HACKATHORN, J. et al. Practicing what you preach: infidelity attitudes as a predictor of fidelity. *Current Psychology*, v. 30, n. 4, p. 299-311, 2011.

HAIR, J. F. J. et. al. *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HARRIS, C. R. The evolution of jealousy. *American Scientist*, v. 92, p. 62-71, 2004.

HAYNES, S. N., RICHARD, D. C. S.; KUBANY, E. S. Content validity in psychological assessment: A functional approach to concepts and methods. *Psychological Assessment*, v. 7, n. 3, p. 238–247, 1995.

HEMESATH, T. P. Anomalias da diferenciação sexual: representações parentais sobre a constituição da identidade de gênero. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 26, n. 3, p. 583-590, 2013.

HERNÁNDEZ-NIETO, R. A. (2002). *Contribuciones al análisis estadístico*. Mérida, Venezuela: Universidad de Los Andes.

IBMa. *Extension Bundles from IBM SPSS*. 2016. Disponível em: <<https://www.ibm.com/developerworks/community/files/form/anonymous/api/library/b5bb8a42-04d2-4503-93bb-dc45d7a145c2/document/1d445b76-d706-44a6-85bf-9e3738d223a4/media/Extension%20Bundles%20from%20IBM%20SPSS.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

IBMb. *IBM SPSS Statistics Base 24*. 2016. Disponível em: <ftp://public.dhe.ibm.com/software/analytics/spss/documentation/statistics/24.0/pt-BR/client/Manuals/IBM_SPSS_Statistics_Base.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2018.

INTERNATIONAL TEST COMMISSION (ITC). *ITC guidelines for translating and adapting tests*. Versão 1.0, 2005. Disponível em: <<https://www.intestcom.org/page/16.>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

_____. (2017). *ITC guidelines for translating and adapting tests*. 2. ed., Versão 2.4. Disponível em: <<https://www.intestcom.org/page/16.>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

_____. (2013). *ITC guidelines on test use*. Versão 1.2. Disponível em: <<https://www.intestcom.org/page/17.>>. Acesso em 22 mai. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Estatísticas do Registro Civil 2017*. Rio de Janeiro, v. 44, p. 1-8, 2017. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2017_v44_informativo.pdf>
Acesso em: 25 mai. 2018.

_____. *Pesquisa Nacional de Saúde 2013*. Percepção do estado de saúde, estilo de vida e doenças crônicas. 2014. Disponível em: <<ftp://ftp.ibge.gov.br/PNS/2013/pns2013.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

ISANEJAD, O.; BAGHERI, A. Marital quality, loneliness, and internet infidelity. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, v. 21, n. 9, p. 542-548, 2018.

JÚNIOR, J. C. F. et al. Reprodutibilidade, consistência interna e validade de construto do KIDSCREEN-27 em adolescentes brasileiros. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, n. 9, p. 1-14 (e00131116), 2017.

KING, J. E. Software solutions for obtaining a Kappa-Type Statistic for use with multiple raters. In: ANNUAL MEETING OF THE SOUTHWEST EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION. 2004. *Artigo completo*, Dallas, Texas, EUA. Disponível em: <<https://msu.edu/course/psy/818/deshon/Projects/Misc%20files/generalized%20kappa.doc>>. Acesso em: 06 mai. 2017.

KLING, R. B. *Methodology in the Social Sciences*. Principles and practice of structural equation modeling. 3. ed.. New York: Guilford Press, 2011.

KRUGER, D. J. et al. Was that cheating? Perceptions vary by sex, attachment anxiety, and behavior. *Evolutionary Psychology*, v. 11, n. 1, p. 159-171, 2013.

LANDIS, J. R.; KOCH, G. G. The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, v. 33, p. 159-174, 1977.

LAROS, J. A. O uso da análise fatorial: algumas diretrizes para pesquisadores. In: PASQUALI, L. (Ed.), *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília:LabPAM, 2012. cap. 7, p.141-160.

LEÃO, I. C. S. *Validação e aplicação de um protocolo do nível de conhecimento tático declarativo no handebol*. 2015. 181f. Tese (Doutorado em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2015.

LOPES, G. S. et al. Sex differences in the performance frequency of online mate retention behaviors. *Personality and Individual Differences*, v. 114, p. 82–85, 2017.

MARAZZITI, D. et al. Prefrontal cortex, dopamine, and jealousy endophenotype. *CNS Spectrums*, v. 18, n. 1, p. 6-14, 2012.

MAIRAL, J. B. Infidelidades familiares. *Diálogo Família-Colegio*, v. 247, p. 12-19, 2004.

MAO, A.; RAGURAM, A. Online infidelity: the new challenge to marriages. *Indian Journal of Psychiatry*, v. 51, n. 4, p. 302-304, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

- MARK, K.; JANSSEN, E.; MILHAUSEN, R. Infidelity in heterosexual couples: demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of Sexual Behavior*, v. 40, n. 5, p. 971-982, 2011.
- MATOS, D. A. S. Confiabilidade e concordância entre juízes: Aplicações na área educacional. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 25, n. 59, p. 298-324, 2014.
- MELLO, C. A. A. Sonata a Kreutzer. *Reverso*, n. 64, p. 31-36, 2012.
- MENEGHEL, S. N.; PORTELLA, A. P. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 9, p. 3077-3086, 2017.
- MILEHAM, B. L. A. Online infidelity in internet chat rooms: an ethnographic exploration. *Computers in Human Behavior*, v. 23, n. 1, p. 11-31, 2007.
- MONCLÚS, E. G. Celos, celos patológicos y delirio celotípico. *Revista de Psiquiatría de la Facultad de Medicina de Barcelona*, v. 32, p. 14-22, 2005.
- MORRIS, C. G.; MAISTO, A. A. *Introdução à Psicologia*. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- MUÑIZ, J., ELOSUA, P.; HAMBLETON, R. K. Directrices para la traducción y adaptación de los tests: segunda edición. *Psicothema*, v. 25, n. 2, p. 151-157, 2013.
- MUNRO, B. H. *Statistical methods for health care research*. 5. ed. Philadelphia (USA): Lippincott Williams & Wilkins, 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=0781748402>>. Acesso em: 15 de mar. 2018.
- NEUFELD, C. B.; BRUST, P. G.; STEIN, L. M. Bases epistemológicas da psicologia cognitiva experimental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 27, n. 1, p. 103-112, 2011.
- ORTIGUE, S.; BIANCHI-DEMICHELI, F. Intention, false beliefs, and delusional jealousy: insights into the right hemisphere from neurological patients and neuroimaging studies, *Medical Science Monitor*, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2011.
- PASQUALI, L. *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM & IBAPP, 1999.
- _____. Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. In: PASQUALI, L. (Ed.), *Instrumentação psicológica: fundamentos e prática*. Porto Alegre: Artmed, 2010. cap. 8, p. 165-198.
- _____. Validade dos testes psicológicos: será possível reencontrar o caminho? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, n. especial, p. 99-107, 2007.
- PERNAMBUCO, L. et al. Recomendações para elaboração, tradução, adaptação transcultural e processo de validação de testes em Fonoaudiologia. *CoDas*, v. 29, n. 3, p. 1-4, 2017.

- PILÃO, A. C.; GOLDENBERG, M. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis*, v. 13, p. 62-71, 2012.
- PILATI, R.; LAROS, J. A. Modelos de equações estruturais em psicologia: conceitos e aplicações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, n. 2, p. 205-216, 2007.
- PORTO, L. I. *Um monstro dos olhos verdes: reflexões sobre o ciúme sob a perspectiva da psicanálise freudiana*. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2010.
- PREVITI, D.; AMATO, P. R. Is infidelity a cause or a consequence of poor marital quality? *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 21, n. 2, p. 217-230, 2004.
- RAMOS, A. L. M.; YAZAWA, S. A. K.; SALAZAR, A. F. Desenvolvimento de uma escala de ciúme romântico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 10, p. 439-451, 1994.
- RIBAS Jr, R. C.; MOURA, M. L. S.; HUTZ, C. S. Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica*, v. 3, n. 2, p. 83-92, 2004.
- RODRIGUES, D.; LOPES, D. Sociosexuality, commitment, and sexual desire for an attractive person. *Archives of Sexual Behavior*, v. 43, n. 3, p. 775-788, 2017.
- _____; _____; PEREIRA, M. Sociosexuality, commitment, sexual infidelity, and perceptions of infidelity: Data from the second love web site. *The Journal of Sex Research*, v. 54, n. 2, p. 241-253, 2017.
- ROMA, et al. The epidemiology of homicide–suicide in Italy: a newspaper study from 1985 to 2008. *Forensic Science International*, v. 214, p. e1–e5, 2012.
- RUBINSKY, V. Identity gaps and jealousy as predictors of satisfaction in polyamorous relationships. *Southern Communication Journal*, v. 84, n. 1, p. 17-29, 2018.
- RUBIO, D. M. et al. Objectifying content validity: conducting a content validity study in social work research. *Social Work Research*, v. 27, n. 2, p. 94–104, 2003.
- SÁ, S. D.; WERLANG, B. S. G. Homicídio seguido de suicídio na cidade de Porto Alegre. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 24, n. 2, p. 181-189, 2007.
- SAGARIN, B. J. et al. Sex differences (and similarities) in jealousy. The moderating influence of infidelity experience and sexual orientation of the infidelity. *Evolution and Human Behavior*, v. 24, n. 1, p. 17-23, 2003.
- SALMOND, S. W. Orthopaedic nursing research priorities: a Delphi Study. *Orthopaedic Nursing*, v. 13, n. 2, p. 31-45, 1994.
- SANTIAGO, S. M. N. *Guia para a elaboração e apresentação dos elementos pré-textuais de teses e dissertações conforme as normas da ABNT*. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPE – BDTD, 2018. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/sib/bdtd>>. Acesso em: 28 set. 2018.

SCHEEREN, P.; APELLÁNIZ, I. A. M.; WAGNER, A. Infidelidade conjugal: a experiência de homens e mulheres. *Temas em Psicologia*, v. 26, n. 1, p. 355-369, 2018.

SCHÜTZWOHL, A.; KOCH, S. Sex differences in jealousy: the recall of cues to sexual and emotional infidelity in personally more and less threatening context conditions. *Evolution and Human Behavior*, v. 25, p. 249-257, 2004.

_____. Which infidelity type makes you more jealous? Decision strategies in a forced-choice between sexual and emotional infidelity. *Evolutionary Psychology*, v. 2, p. 121-128, 2004.

SHACKELFORD, T. K., BUSS, D. M.; BENNETT, K. Forgiveness or breakup: sex differences in responses to a partner's infidelity. *Cognition and Emotion*, v. 16, p. 299-307, 2002.

_____; GOETZ, A. T.; BUSS, D. M. Mate retention in marriage: further evidence of the reliability of the Mate Retention Inventory. *Personality and Individual Differences*, v. 39, p. 415-425, 2005.

_____; BESSER, A.; GOETZ, A. T. Personality, marital satisfaction, and probability of marital infidelity. *Individual Differences Research*, v. 6, n. 1, p. 13-25, 2008.

_____. Self-esteem in marriage. *Personality and Individual Differences*, v. 30, p. 371-390, 2001.

_____ et al. When we hurt the ones we love: predicting violence against women from men's mate retention. *Personal Relationships*, v. 12, p. 447-463, 2005.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. *Metodologia de Pesquisa em Psicologia*. 9. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8580551013>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SILVA, A. et al. Relationship quality influences attitudes toward and perceptions of infidelity. *Personal Relationships*, v. 24, n. 4, p. 718-728, 2017.

SINGH, K. *Quantitative Social Research Methods*. New Delhi: Sage Publications India Pvt Ltd, 2007.

SINGH, S. K.; BHANDARI, S. S.; SINGH, P. K. Phenomenology and predisposing factors of morbid jealousy in a psychiatric outdoor: a cross-sectional, descriptive study. *Open Journal of Psychiatry & Allied Sciences*, v. 8, n. 2, p. 129-135, 2017.

SIRECI, S. G. et al. Evaluating guidelines for test adaptations: a methodological analysis of translation quality. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v. 37, n. 5, p. 557-567, 2006.

STERNBERG, R. J. Construct of a triangular love scale. *European Journal of Psychology*, v. 27, p. 313-335, 1997.

SUN, Y. et al. Neural substrates and behavioral profiles of romantic jealousy and its temporal dynamics. *Scientific Reports*, n. 6:27469, p. 1-10, 2016.

TAKAHASHI, H. et al. Men and women show distinct brain activations during imagery of sexual and emotional infidelity. *NeuroImage*, v. 32, p. 1299-1307, 2006.

TOKUMARU, R. S. et al. O efeito da infidelidade sobre a atratividade facial de homens e mulheres. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 15, n. 1, p. 103-110, 2010.

TORRES, A. R.; RAMOS-CERQUEIRA; A. T. A.; DIAS, R. S. O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 21, p. 165-173, 1999.

UTZ, S.; BEUKEBOOM, C. J. The role of social network sites in romantic relationships: effects on jealousy and relationship happiness. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 16, p. 511-527, 2011.

VALLEJO-MEDINA, P., PÉREZ-DURÁN, C.; SAAVEDRA-ROA, A. Translation, adaptation, and preliminary validation of the Female Sexual Function Index into Spanish (Colombia). *Archives of Sexual Behavior*, v. 47, n. 3, p. 797-810, 2018.

VASCONCELOS, S. C. *Validação do Drug-taking Confidence Questionnaire para uso no Brasil*. 2015. 221f. Tese (Doutorado em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2015.

VIEGAS, T. A.; MOREIRA, J. M. Julgamentos de infidelidade: um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 18, n. 3, p. 411-418, 2013.

_____; _____. Mas porquê? Um estudo multiteórico dos preditores da infidelidade. *Revista Psicologia (Portugal)*, v. 29, n. 2, p. 1-16, 2015.

VOGT, D. S.; KING, D. W.; KING, L. A. Focus groups in psychological assessment: enhancing content validity by consulting members of the target population. *Psychological Assessment*, v. 16, n. 3, p. 231-243, 2004.

WAISELFISZ, J. J. Mapa da violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil 2015. Brasília: OPAS/OMS, ONU Mulheres, SPM e Flacso, 2015. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

WALSH, M.; MILLAR, M.; WESTFALL, R. S. Sex differences in responses to emotional and sexual infidelity in dating relationships. *Journal of Individual Differences*, v. 40, n. 2, p. 63-70, 2019.

WEISER, D. A. et al. A prototype analysis of infidelity. *Personal Relationships*, v. 21, p. 655-675, 2014.

_____ et al. Swiping right: sociosexuality, intentions to engage in infidelity, and infidelity experiences on Tinder. *Personality and Individual Differences*, v. 133, p. 29-33, 2018.

WHITTY, M. T. Pushing the wrong buttons: men's and women's attitudes toward online and offline infidelity. *Cyberpsychology & Behavior*, v. 6, p. 569-579, 2003.

_____. The realness of cybercheating: men's and women's representations of unfaithful internet relationships. *Social Science Computer Review*, v. 23, p. 57-67, 2005.

WILLIAMS, P. L.; WEBB, C. The Delphi Technique: A methodological discussion. *Journal of Advanced Nursing*, v. 19, n. 1, p. 180-186, 1994.

WILSON, K. et al. The gray area: Exploring attitudes toward infidelity and the development of the Perceptions of Dating Infidelity Scale. *The Journal of Social Psychology*, v. 151, n. 1, p. 63-86, 2011.

ZAGORŠEK, H.; DIMOVSKI, V.; ŠKERLAVAJ, M. Transactional and transformational leadership impacts on organizational learning. *Journal for East European Management Studies*, v. 14, n. 2, p. 145-145, 2009.

ZAIONTZ, C. *Fleiss' Kappa*. 02 nov. 2013 (Página Eletrônica). Disponível em: <<http://www.real-statistics.com/reliability/fleiss-kappa/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

_____. *Real statistics with 64 bit Excel*. 11 fev. 2017 (Página Eletrônica). Disponível em: <<http://www.real-statistics.com/real-statistics-with-64-bit-excel/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

ZENGEL, B.; EDLUND, J. E.; SAGARIN, B. Sex differences in jealousy in response to infidelity: evaluation of demographic moderators in a national random sample. *Personality and Individual Differences*, v. 54, n. 1, p. 47-51, 2013.

ZEMÁNKOVÁ, P. *Vnímání nevěry u žen v období vynořující se dospělosti; souvislost s emočním poutem k předchozímu partnerovi, citovou vazbou a sebehodnocením*. 2014. 83 f. Tese (Programa de Estudos Psicológicos / Study Program Psychology), Faculdade de Estudos Sociais / Faculty of Social Studies, Masaryk University, Brno, Moravia, Czech Republic. Disponível em: <<https://is.muni.cz/th/p9800/>>. Acesso em: 27 set. 2017.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE/VERSÃO TRADUTORES E JUÍZES DA ETAPA 1)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO
CURSO DE DOUTORADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
(Resolução CNS nº466/12)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar como **[tradutor(a) ou juiz-avaliador(a)]** da pesquisa “**Percepções da infidelidade e ciúme romântico: correlatos e influências das diferenças entre os sexos**”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti**, residente na Avenida Visconde de Jequitinhonha, 523, Boa Viagem, Recife/PE. CEP: 51021-190. Contato por celular e e-mail: (81)98868-2918/jane.palmeira@ufpe.br ou jane.palmeira@terra.com.br. Este estudo está sob a orientação do Prof. Dr. Everton Botelho Sougey, e-mail everton.sougey@ufpe.br.

O objetivo do estudo será avaliar a relação entre percepções da infidelidade e o ciúme romântico, considerando as possíveis diferenças entre os sexos, com as seguintes divisões: Etapa 1 – adaptação e validação da *Perceptions of Dating Infidelity Scale* – PDIS para o contexto brasileiro; e Etapa 2 – relação entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico e a influência exercida pelas diferenças entre os sexos. Sua participação consistirá em **(avaliar ou traduzir)** na Etapa 1, a versão preliminar da Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento, não havendo nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras.

Informa-se que a pesquisa envolve RISCOS mínimos à saúde, ao considerar a possibilidade de ocorrer algum desconforto de ordem emocional em relação ao tema abordado. Porém, fica assegurada o direito à desistência de participação no estudo sem prejuízos, sanções ou constrangimentos. Salienta-se que o participante poderá também determinar que sejam excluídas do material da pesquisa, informações que já tenham sido dadas.

Enquanto BENEFÍCIOS que podem advir da realização deste estudo, destacamos, dentre eles, a abertura de espaços para a discussão, intervenção e utilização dos instrumentos na prática clínica pelos profissionais das áreas de psiquiatria e psicologia; a ampliação da compreensão das consequências e características que envolvem a infidelidade e o ciúme e a infidelidade; a contribuição em publicação científica sobre a temática abordada; e sugestão para o desenvolvimento da área de pesquisa no país, direcionada às relações amorosas.

Como forma de retribuição à sua colaboração, caso deseje, você receberá os resultados correspondentes à análise do conjunto de dados, com um texto explicativo sobre o assunto e sobre como interpretá-los.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa por meio de questionário impresso, ficarão armazenados em pastas de arquivo, sob a responsabilidade da pesquisadora principal, no endereço informado acima, pelo período de mínimo 5 anos.

Caso concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Para dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br.**

Agradecemos desde já.

Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti
(Pesquisadora responsável)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura deste documento concordo em participar do estudo “**Percepções da infidelidade e ciúme romântico: correlatos e influências das diferenças entre os sexos**”, como [tradutor(a) ou juiz-avaliador(a)]. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora sobre o estudo, os procedimentos nele envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
[TCLE/VERSÃO DOS PARTICIPANTES DA ETAPA 1 (PRÉ-TESTE) E DA ETAPA 2]**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO
CURSO DE DOUTORADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa **“Percepções da infidelidade e ciúme romântico: correlatos e influências das diferenças entre os sexos”**, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti**, residente na Avenida Visconde de Jequitinhonha, 523, Boa Viagem, Recife/PE. CEP: 51021-190. Contato por celular e e-mail: (81) 98868-2918 (inclusive ligações a cobrar) / jane.palmeira@ufpe.br. Este estudo está sob a orientação do Prof. Dr. Everton Botelho Sougey, e-mail: everton.sougey@ufpe.br.

Havendo neste Termo de Consentimento informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser dirimidas com a pessoa que está aplicando o instrumento e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

O objetivo do estudo será avaliar a relação entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico, considerando as possíveis diferenças entre os sexos, com as seguintes divisões: Etapa 1 - adaptação e validação da Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento (**Escala de Percepções da Infidelidade nos Relacionamentos Amorosos, após o pré-teste**) (*Perceptions of Dating Infidelity Scale – PDIS*) para o contexto brasileiro; e Etapa 2 – relação entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico e a influência exercida pelas diferenças entre os sexos.

A amostra será composta por no mínimo 200 estudantes de graduação e pós-graduação. Nas duas etapas são incluídas questões sociodemográficas. Os questionários serão autoaplicáveis e em sala de aula. O tempo a ser utilizado será de aproximadamente 30 minutos.

Informa-se que a pesquisa envolve RISCOS mínimos à saúde, ao considerar a possibilidade de ocorrer algum desconforto de ordem emocional em relação ao tema abordado durante a realização da coleta de dados. Porém, fica assegurado ao participante, que este pode se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízos, sanções ou constrangimentos. Caso seja necessário, o participante poderá ser encaminhado ao atendimento psicológico. Salienta-se que o participante tem o direito de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa, informações que já tenham sido dadas.

Sobre os BENEFÍCIOS DIRETOS, destaca-se a devolutiva dos resultados às instituições de ensino onde serão realizadas a coleta, bem como a divulgação e debate dos pressupostos e resultados da pesquisa aos estudantes, professores e demais funcionários/servidores por meio, por exemplo, de palestras sobre ciúme e infidelidade. Como forma de retribuição à sua colaboração, caso deseje, você receberá os

resultados correspondentes à análise do conjunto de dados, com um texto explicativo sobre o assunto e sobre como interpretá-los.

Enquanto BENEFÍCIOS INDIRETOS que podem advir da realização deste estudo, dentre eles, a abertura de espaços para a discussão, intervenção e utilização dos instrumentos na prática clínica pelos profissionais das áreas de psiquiatria e psicologia; a ampliação da compreensão das consequências e características que envolvem a infidelidade e o ciúme; a contribuição em publicação científica sobre a temática abordada; e sugestão para o desenvolvimento da área de pesquisa no país, direcionada às relações amorosas.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa por meio de questionário impresso, ficarão armazenados em pastas de arquivo, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br**.

Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo **Percepções da infidelidade e ciúme romântico: correlatos e influências das diferenças entre os sexos**” como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

E-mail do participante (caso queira receber os resultados correspondentes à análise do conjunto de dados): _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE C – BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO E INSTRUÇÕES DO PROCESSO DE VALIDAÇÃO DA ESCALA DE PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO
CURSO DE DOUTORADO

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO E INSTRUÇÕES DO PROCESSO DE VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO DA ESCALA DE PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO – EPIR

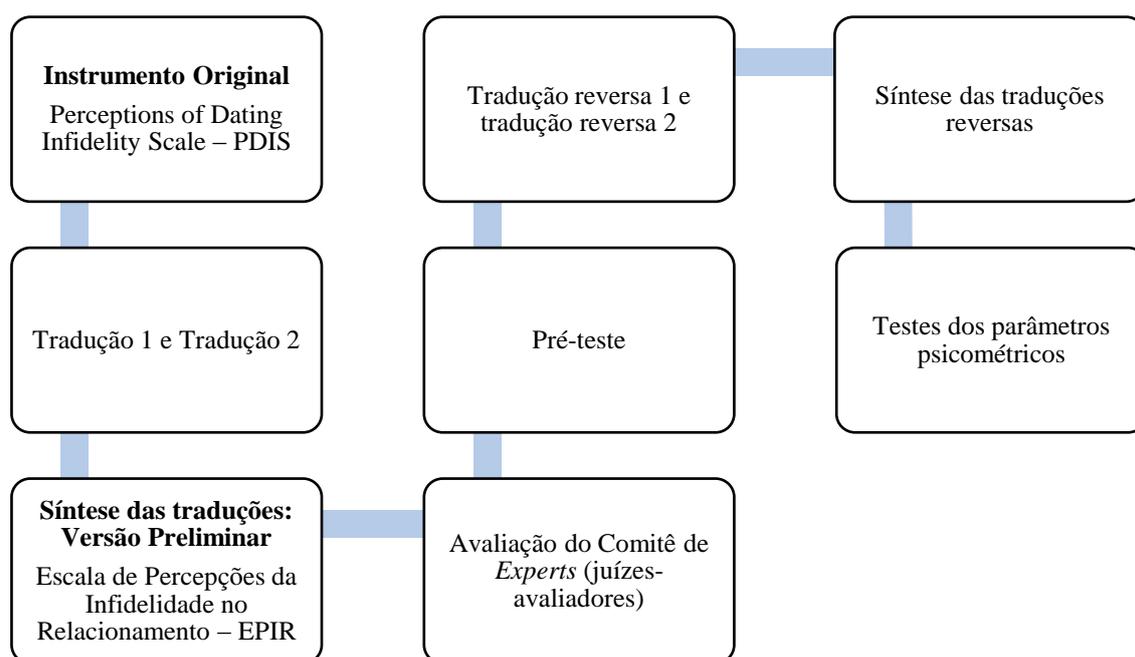
Embora o ciúme seja frequentemente relacionado a outras variáveis que envolvem fundamentalmente a união amorosa dos casais, como a satisfação conjugal e as táticas de manutenção das relações, observa-se sua intensa associação com a *infidelidade*, considerada como um fator de transgressão e violação à exclusividade conjugal (AFIFI; FALATO; WEINER, 2001) e ainda que seja considerada como universal, é raramente aceitável socialmente (EGAN; ANGUS, 2004). Contudo, não há um padrão universal, o que por vez poderia justificar a forma como os sujeitos percebem a infidelidade.

Neste sentido, no tocante a uma definição específica da infidelidade, Wilson et al. (2011) apontam que os termos para descrevê-la na literatura são variados e incluem, por exemplo, *engano*, *traição*, *envolvimento extraconjugal*. Logo, definições do que constitui a infidelidade em um relacionamento romântico também podem variar. Além da justificativa da dificuldade em conceituar a infidelidade, os autores ressaltam que as pesquisas sobre a traição amorosa têm focado principalmente a prevalência, os preditores, as reações e as consequências, mas não os comportamentos que são percebidos como infidelidade. Para tanto, estes pesquisadores desenvolveram a *Perceptions of Dating Infidelity Scale* (PDIS), buscando analisar como as pessoas definem a infidelidade, bem como (a) identificar comportamentos específicos de traição e a gravidade destes comportamentos, e (b) explorar possíveis correlações de outros construtos com a infidelidade.

Perceptions of Dating Infidelity Scale (PDIS)

Desenvolvida originalmente nos Estados Unidos, a *Perceptions of Dating Infidelity Scale* – PDIS (WILSON et al., 2011) é composta por 12 itens que descrevem sobre comportamentos que

podem ser indicativos de infidelidade. Os itens foram classificados em uma escala tipo Likert com os extremos: 0 = nunca é traição (*never cheating*) e 6 = sempre é traição (*always cheating*). A escala é composta por três sub-escalas: Comportamentos Ambíguos (*Ambiguous*); Comportamentos Enganosos (*Deceptive*); e Comportamentos Explícitos (*Explicit behaviors*). Por não haver registros científicos da validação da PDIS no contexto brasileiro e, conseqüentemente, sendo a sua adaptação transcultural uma das etapas desta tese de doutorado, será considerado o roteiro (BORSA; DAMÁSIO; BANDEIRA, 2012) a seguir.



INSTRUÇÕES

No tocante à avaliação a ser realizada no instrumento destinado aos juízes-avaliadores (comitê de *experts*), constante no conjunto de documentos, devem-se considerar as informações descritas no quadro abaixo, conforme indicação de Cassep-Borges, Balbinotti e Teodoro (2010).

Clareza de linguagem	Se a linguagem utilizada em cada item é suficientemente clara, compreensível e adequada para a população avaliada. Cassep
Pertinência prática	Se cada item possui importância para o instrumento e se são pertinentes para esta população.
Relevância teórica	Se o conteúdo do item é representativo do comportamento que se quer medir, considerando também a associação entre o item e a teoria.
Dimensão teórica	A que dimensão (fator) o item pertence.

Para clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica, as respostas devem ser indicadas em uma escala tipo Likert de cinco pontos considerando sua representatividade e

concordância aos critérios, sendo os extremos 1 = Pouquíssima e 5 = Muitíssima. Com relação à dimensão teórica, deve-se apreciar a que fator do instrumento de medida o item pertence, tendo em vista as instruções no quadro a seguir.

Fatores da *Perceptions of Dating Infidelity Scale* – PDIS

Fator A = Comportamentos Ambíguos	Quando existem comportamentos que não estão claros (ambíguos), com artifícios reais ou intenções de traição, além da possibilidade de que a infidelidade possa estar ocorrendo.
Fator B = Comportamentos Explícitos	Itens relacionados ao comportamento tipicamente infiel, em que a traição é evidente.
Fator C = Comportamentos Enganosos	Comportamentos que ocorrem sem que o parceiro tenha conhecimento e que possam parecer ou estar voltados a enganá-lo ativamente.

REFERÊNCIAS

AFIFI, W. A.; FALATO, W. L.; WEINER, J. L. Identity concerns following a severe relational transgression: The role of discovery method for the relational outcomes of infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18, 291–308, 2001.

BORSA, J. C.; DAMÁSIO, B. F.; BANDEIRA, D. R. Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: Algumas considerações. *Paidéia*, v. 22, n. 53, 423-432, 2012.

CASSEP-BORGES, V.; BALBINOTTI, M. A. A.; TEODORO, M. L. M. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In L. Pasquali (Org.). *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

EGAN, V.; ANGUS, S. Is social dominance a sex-specific strategy for infidelity? *Personality and Individual Differences*, 36, 575–586, 2004.

WILSON, K. et al. The gray area: Exploring attitudes toward infidelity and the development of the perceptions of dating infidelity scale. *The Journal of Social Psychology*, 151, 63–86, 2011.

APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO COMITÊ DE *EXPERTS*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO
CURSO DE DOUTORADO

**VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO DA ESCALA DE PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO – EPIR
(*PERCEPTIONS OF DATING INFIDELITY SCALE – PDIS*)**

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DOS JUÍZES-AVALIADORES (COMITÊ DE *EXPERTS*)

Quadro de Respostas	
1 = Pouquíssima	A = Comportamentos Ambíguos
2 = Pouca	B = Comportamentos Explícitos
3 = Média	C = Comportamentos Enganosos
4 = Muita	
5 = Muitíssima	

Conforme o quadro de respostas, marque abaixo sua escolha.

Item	Descrição do Item	Clareza de Linguagem	Pertinência	Relevância teórica	Dimensão avaliada	Observações
1	Mentir para o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
2	Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
3	Praticar sexo oral de alguém que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
4	Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
5	Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
6	Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
7	Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	

8	Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
9	Sair com alguém que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
10	Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
11	Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	
12	Omitir informações para o(a) companheiro(a)	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	1 2 3 4 5	A B C	

Caso considere pertinente, indique abaixo outras observações.

APÊNDICE E – VERSÃO DA EPIRA PARA A TRADUÇÃO REVERSA (BACK-TRANSLATION)**ESCALA DE PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO AMOROSO**

Espaço para tradução do título.

Instruções: A escala abaixo avalia as percepções que uma pessoa possui acerca do que poderia ser um comportamento e/ou situações de infidelidade em um relacionamento amoroso. Circulando um número para cada item na escala de respostas, indique a sua opinião independente do contexto que tais comportamentos/situações possam ocorrer (por exemplo, local, horário, a outra pessoa envolvida, as intenções, etc.), bem como se você vivenciou ou vivencia um relacionamento amoroso. Trata-se, portanto, do seu julgamento sobre as atitudes e as circunstâncias que, de um modo geral, poderiam ser indicativas de traição.

Espaço para tradução das instruções.

	Nunca é traição	Bastante improvável ser traição	Improvável ser traição	Nem provável, nem improvável ser traição	Provável ser traição	Bastante provável ser traição	Sempre é traição
1. Mentir para o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
2. Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
3. Praticar sexo oral com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
4. Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
5. Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
6. Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
7. Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
8. Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
9. Sair com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
10. Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a)	0	1	2	3	4	5	6

companheiro(a).							
11. Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
12. Omitir informações para o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6

Espaço para tradução dos itens e escala de respostas

Itens	Escala de resposta 1	Escala de resposta 2	Escala de resposta 3	Escala de resposta 4	Escala de resposta 5	Escala de resposta 6	Escala de resposta 7
Item 1.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 2.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 3.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 4.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 5.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 6.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 7.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 8.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 9.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 10.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 11.....	0	1	2	3	4	5	6
Item 12.....	0	1	2	3	4	5	6

APÊNDICE F – CARTA CONVITE AO COMITÊ DE *EXPERTS*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO
CURSO DE DOUTORADO

CARTA CONVITE

Prezado(a)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar como juiz-avaliador(a) da pesquisa **“Percepções da infidelidade e ciúme romântico: correlatos e influências das diferenças entre os sexos”**. O estudo está sob a orientação do Prof. Dr. Everton Botelho Sougey e tem como objetivo geral avaliar a relação entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico, considerando também as possíveis influências exercidas pelas diferenças entre os sexos.

O método foi elaborado com a constituição das seguintes divisões: Etapa 1 – tradução, adaptação transcultural e validação de conteúdo da Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento – EPIR (*Perceptions of Dating Infidelity Scale – PDIS*) para o contexto brasileiro; e Etapa 2 – correlação entre as percepções da infidelidade e o ciúme romântico e a influência exercida pelas diferenças entre os sexos. A população a ser pesquisada será composta por estudantes de graduação e pós-graduação de cursos presenciais.

Sua participação enquanto membro do comitê de *experts* consistirá em avaliar, na Etapa 1, a versão preliminar da EPIR traduzida em português, configurando-se assim o processo de validação de conteúdo cuja averiguação baseia-se na clareza, representatividade e relevância dos itens. Um conjunto de documentos lhe será entregue com a seguinte composição:

- a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- b) Breve contextualização e instruções do processo de validação;
- c) Instrumento de avaliação dos juízes-avaliadores (comitê de *experts*);
- d) Escala de Percepções da Infidelidade no Relacionamento - EPIR (versão traduzida);

e) Perceptions of Dating Infidelity Scale – PDIS (versão original).

Colocamo-nos a disposição e em caso de dúvidas sobre quaisquer dos procedimentos, favor entrar em contato pelo celular (81)98868-2918 ou pelo e-mail (jane.palmeira@terra.com.br).

Agradecemos antecipadamente sua colaboração.

Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti
(Pesquisadora responsável)

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO (ETAPA 2)
Apresentação em formato de livreto

 <p align="center"> Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Neuropsiquiatria, Av. Prof. Moraes Rago, s/n - Hospital das Clínicas Bloco A, Cidade Universitária 50670-420 Recife - PE Tel.: (81) 2126-8339 Site: www.ufpe.br/posneuro E-mail: posneuro@ufpe.br E-mail do grupo: grupodesquisisampac.gr@gmail.com </p>	 <p align="center"> UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSIQUIATRIA E CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO NÚCLEO DE PESQUISA E AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL EM GRUPOS DE RISCO </p> <p> INFORMAÇÕES: Esta é uma pesquisa de doutorado que pretende conhecer questões referentes ao ciúme romântico e as percepções da infidelidade nos relacionamentos amorosos. Ao final deste questionário também lhe são solicitadas algumas informações complementares, sendo todas confidenciais e não existem respostas certas ou erradas. </p> <p> Sua participação é extremamente importante para o estudo e o conhecimento científico. Os resultados finais dos dados aqui levantados serão tratados estatisticamente e estarão disponíveis no segundo semestre de 2018. Para obtê-los, favor contatar os responsáveis pela pesquisa através dos meios citados. </p> <p align="center"> Pesquisadores responsáveis: </p> <p align="center"> Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti Doutoranda em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento E-mail: jane.palmeira@terra.com.br / jane.palmeira@ufpe.br </p> <p align="center"> Prof. Dr. Everton Botelho Sougey E-mail: everton.sougey@ufpe.br </p>
--	--

1. ESCALA DE PERCEPÇÕES DA INFIDELIDADE NO RELACIONAMENTO AMOROSO

Instruções: A escala abaixo avalia as percepções que uma pessoa possui acerca do que poderia ser um comportamento e/ou situações de infidelidade em um relacionamento amoroso. Circulando um número para cada item na escala de respostas, indique a sua opinião independente do contexto que tais comportamentos/situações possam ocorrer (por exemplo, local, horário, a outra pessoa envolvida, as intenções, etc.), bem como se você vivenciou ou vivencia um relacionamento amoroso. Trata-se, portanto, do seu julgamento sobre as atitudes e as circunstâncias que, de um modo geral, poderiam ser indicativas de traição.

	Nunca é traição	Bastante improvável ser traição	Improvável ser traição	Nem provável, nem improvável ser traição	Provável ser traição	Bastante provável ser traição	Sempre é traição
Mentir para o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Falar ao telefone ou por internet com outra pessoa que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Praticar sexo oral com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Comer ou beber com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6

Dançar com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Abraçar alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Comprar ou aceitar presentes de alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Ter encontros amorosos com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Sair com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Masturbar ou acariciar intimamente alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Ter relação sexual com alguém que não o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6
Omitir informações para o(a) companheiro(a).	0	1	2	3	4	5	6

2. INVENTÁRIO DE CIÚME ROMÂNTICO

Instruções: O inventário a seguir avalia o ciúme romântico. Para respondê-lo, você deve ter como base o seu relacionamento amoroso atual. Caso não esteja vivenciando uma relação amorosa neste momento, baseie-se em um relacionamento do passado ou que gostaria de ter. Circule na escala de respostas aquela que mais se adequa as suas características.

	Nada característica	Pouco característica	Característica	Muito característica	Totalmente característica
Fico desconfortável quando outra mulher (outro homem) o(a) chama por apelidos carinhosos.	1	2	3	4	5
Já tive vontade de agredir meu parceiro (minha parceira) por desconfiar de sua fidelidade no relacionamento.	1	2	3	4	5
Quando não consigo entrar em contato com meu parceiro (minha parceira), penso que ele (ela) pode estar me traindo.	1	2	3	4	5
Tenho "ataques histéricos" quando acho que meu	1	2	3	4	5

parceiro (minha parceira) está sendo infiel.					
Não me sinto bem quando outra mulher (outro homem) liga para meu parceiro (minha parceira) e fica conversando muito tempo.	1	2	3	4	5
Já quebrei pertences de meu parceiro (minha parceira) por desconfiar de sua fidelidade.	1	2	3	4	5
Grito com meu parceiro (minha parceira) e/ou outras pessoas por duvidar de sua fidelidade.	1	2	3	4	5
Quando meu parceiro (minha parceira) diz que vai me ligar e não liga, penso que pode estar com outra mulher (outro homem).	1	2	3	4	5
Caso meu parceiro (minha parceira) seja infiel comigo, provavelmente eu serei a(o) responsável.	1	2	3	4	5
Me desagrada quando vejo	1	2	3	4	5

meu parceiro (minha parceira) conversando com alguém que ele (ela) já se relacionou.						(da minha parceira).					
Penso que meu parceiro (minha parceira) pode estar me traindo quando seu celular está desligado em um horário em que deveria estar ligado.	1	2	3	4	5	Procuro por pistas de infidelidade de meu parceiro (minha parceira).	1	2	3	4	5
"Dou show" quando meu parceiro (minha parceira) dá mais atenção para outras pessoas do que pra mim.	1	2	3	4	5	"Armo barraco" quando percebo que meu parceiro (minha parceira) se aproxima de outras pessoas.	1	2	3	4	5
Gostaria de descobrir a senha do e-mail do meu parceiro (da minha parceira).	1	2	3	4	5	Se meu parceiro (minha parceira) for infiel comigo é porque sou um problema no relacionamento.	1	2	3	4	5
E desagradável notar que meu parceiro (minha parceira) está olhando para outra mulher (outro homem).	1	2	3	4	5	O fato de meu parceiro (minha parceira) elogiar outra mulher (outro homem) me incomoda.	1	2	3	4	5
Já briguei com pessoas por desconfiar da fidelidade do meu parceiro	1	2	3	4	5	Quando não encontro meu parceiro (minha parceira) onde ele (ela) disse que estaria, penso que ele (ela) pode estar me traindo.	1	2	3	4	5
						Tenho vontade de agredir pessoas que se relacionam com	1	2	3	4	5

meu parceiro (minha parceira).					
Quando meu parceiro (minha parceira) sai sem falar para onde vai, só pode ser porque tem outra pessoa envolvida.	1	2	3	4	5
Penso não ser boa (bom) o bastante para meu parceiro (minha parceira) em nosso relacionamento.	1	2	3	4	5
Eu contrataria um detetive particular para seguir meu parceiro (minha parceira).	1	2	3	4	5
Quando meu parceiro (minha parceira) abraça outra mulher (outro homem) me sinto mal.	1	2	3	4	5
Penso em infidelidade quando meu parceiro (minha parceira) não atende o celular.	1	2	3	4	5
"Perco as estribeiras" quando acho que meu	1	2	3	4	5
parceiro (minha parceira) tem qualquer tipo de relação com outras pessoas.					
Fico agressiva (agressivo) com meu parceiro (minha parceira) quando penso que ele (ela) pode estar sendo infiel.	1	2	3	4	5
Tenho muita vontade de grampar o telefone meu parceiro (minha parceira).	1	2	3	4	5
Meu parceiro (minha parceira) é melhor que eu em nosso relacionamento.	1	2	3	4	5

QUESTIONÁRIO DO PERFIL DOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS E EXPERIÊNCIAS DE INFIDELIDADE

As perguntas 3, 4 e 5 são específicas para quem vive um relacionamento amoroso atualmente, incluindo as relações ocasionais. Caso não esteja se relacionando amorosamente com alguém, passe para a pergunta 6.

3. O seu relacionamento amoroso atual existe há quanto tempo? Exprese em números: _____ ano(s) e _____ mês(es).

4. Qual o grau de importância que esse relacionamento tem no momento para você?

1	2	3	4	5
Nada Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Totalmente Importante

5. Você considera que o seu relacionamento atual é ...

Fechado - existe uma relação estável entre duas pessoas, não sendo permitido envolvimento emocional ou sexual com uma terceira pessoa.

Aberto – existe uma relação estável entre duas pessoas, mas podem se relacionar eventualmente com outras. Geralmente possui regras, por exemplo, não envolver-se com amigos do casal ou não se envolver emocionalmente com a outra pessoa, mas apenas “ficar” ou “curtir” uma ocasião, mesmo que haja relação sexual.

Amor livre - existe uma relação estável entre duas pessoas, mas podem se relacionar com outras, incluindo envolvimento emocional e/ou sexual.

Poliamor – relações amorosas (emocionais e sexuais) entre várias pessoas, podendo ser do mesmo grupo (casamento ou relacionamento entre os membros) e não há regras.

Outro. Qual? _____

6. Com relação à sexualidade em geral, você se considera uma pessoa... (círcule)

1	2	3	4	5
Muito conservadora	Conservadora	Nem conservadora, nem liberal	Liberal	Muito liberal

7. Você tem algum familiar ou amigo(a) que trai atualmente? Sim Não Não sei

8. Você tem algum familiar ou amigo(a) que é traído(a) atualmente? Sim Não Não sei

9. Em um relacionamento anterior, você foi traído(a)? Sim Não Não sei

10. Em um relacionamento anterior, você teve a sensação de que foi traído(a)?
 Sim Não Não sei

11. Em um relacionamento anterior, você traiu? Sim Não

As perguntas 12, 13, 14 e 15 são específicas para quem vive um relacionamento amoroso atualmente, incluindo as relações ocasionais. Caso não esteja se relacionando amorosamente com alguém, passe para a pergunta 16.

12. Você pensa que poderia vir a trair seu(sua) parceiro(a) atual? Sim Não

13. Você alguma vez já traiu seu(sua) parceiro(a) atual? Sim Não

14. Você está traindo atualmente o(a) seu(sua) parceiro(a)? Sim Não

15. Você acha que está sendo traído(a) atualmente? Sim Não Não sei

QUESTIONÁRIO DE INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS.

Finalmente, gostaríamos de conhecer um pouco mais acerca dos participantes deste estudo. Lembramos que o nosso propósito não é identificá-lo. Portanto, não assine ou coloque seu nome no questionário.

16. Sexo: Feminino Masculino Não declarado

Outro. Qual? _____

17. Caso considere relevante, informe outra atribuição enquanto sua identidade de gênero: _____

18. Você se considera...

Heterossexual Homossexual Bissexual Outro. Qual? _____

19. Idade: _____ anos

20. Nacionalidade: Brasileira Outra: _____

21. Formação acadêmica:

realizando curso de graduação. Qual? _____

realizando curso de pós-graduação. Qual? _____

22. Você acredita que faz parte de qual classe socioeconômica? Circule um número na escala de resposta a seguir.

1	2	3	4	5
Baixa	Média baixa	Média	Média alta	Alta

23. Estado Civil: Solteiro(a) Casado(a)/União Estável Convivente

Separado(a)/divorciado(a) Viúvo(a)

24. Se você não estiver casado, atualmente você está...

Sem relacionamento Com namorado(a) ocasional Namorando Fixo

Noivo(a)

25. Indique sua religião (ponha um zero se não tem): _____

26. O quanto você é religioso? Circule.

1	2	3	4	5
Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Totalmente

Agradecemos a sua participação!

**ANEXO A – VERSÃO ORIGINAL DA *PERCEPTIONS OF DATING INFIDELITY*
SCALE (PDIS)**

Please rate the extent to which you consider these behaviors to be cheating.

	Never cheating						Always cheating
Lying to your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Talking by telephone or internet with someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Giving and/or receiving oral sex with someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Eating or drinking with someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Dancing with someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Hugging someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Buying or accepting personal gifts for/from someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Dating someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Going somewhere with someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Heavy petting/caressing/fondling with someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Sexual intercourse/sex/sleeping with someone other than your partner.	0	1	2	3	4	5	6
Withholding information from your partner.	0	1	2	3	4	5	6

ANEXO B – INVENTÁRIO DE CIÚME ROMÂNTICO – REVISADO (ICR-R)

	Nada característica				Totalmente característica
Fico desconfortável quando outra mulher (outro homem) o(a) chama por apelidos carinhosos.	1	2	3	4	5
Já tive vontade de agredir meu parceiro (minha parceira) por desconfiar de sua fidelidade no relacionamento.	1	2	3	4	5
Quando não consigo entrar em contato com meu parceiro (minha parceira), penso que ele (ela) pode estar me traindo.	1	2	3	4	5
Tenho “ataques histéricos” quando acho que meu parceiro (minha parceira) está sendo infiel.	1	2	3	4	5
Não me sinto bem quando outra mulher (outro homem) liga para meu parceiro (minha parceira) e fica conversando muito tempo.	1	2	3	4	5
Já quebrei pertences de meu parceiro (minha parceira) por desconfiar de sua fidelidade.	1	2	3	4	5
Grito com meu parceiro (minha parceira) e/ou outras pessoas por duvidar de sua fidelidade.	1	2	3	4	5
Quando meu parceiro (minha parceira) diz que vai me ligar e não liga, penso que pode estar com outra mulher (outro homem).	1	2	3	4	5
Caso meu parceiro (minha parceira) seja infiel comigo, provavelmente eu serei a(o) responsável.	1	2	3	4	5
Me desagrada quando vejo meu parceiro (minha parceira) conversando com alguém que ele (ela) já se relacionou.	1	2	3	4	5
Penso que meu parceiro (minha parceira) pode estar me traindo quando seu	1	2	3	4	5

celular está desligado em um horário em que deveria estar ligado.					
“Dou show” quando meu parceiro (minha parceira) dá mais atenção para outras pessoas do que pra mim.	1	2	3	4	5
Gostaria de descobrir a senha do e-mail do meu parceiro (da minha parceira).	1	2	3	4	5
É desagradável notar que meu parceiro (minha parceira) está olhando para outra mulher (outro homem).	1	2	3	4	5
Já briguei com pessoas por desconfiar da fidelidade do meu parceiro (da minha parceira).	1	2	3	4	5
Procuro por pistas de infidelidade de meu parceiro (minha parceira).	1	2	3	4	5
“Armo barraco” quando percebo que meu parceiro (minha parceira) se aproxima de outras pessoas.	1	2	3	4	5
Se meu parceiro (minha parceira) for infiel comigo é porque sou um problema no relacionamento.	1	2	3	4	5
O fato de meu parceiro (minha parceira) elogiar outra mulher (outro homem) me incomoda.	1	2	3	4	5
Quando não encontro meu parceiro (minha parceira) onde ele (ela) disse que estaria, penso que ele (ela) pode estar me traindo.	1	2	3	4	5
Tenho vontade de agredir pessoas que se relacionam com meu parceiro (minha parceira).	1	2	3	4	5
Quando meu parceiro (minha parceira) sai sem falar para onde vai, só pode ser porque tem outra pessoa envolvida.	1	2	3	4	5
Penso não ser boa (bom) o bastante para meu parceiro (minha parceira) em nosso relacionamento.	1	2	3	4	5
Eu contrataria um detetive	1	2	3	4	5

particular para seguir meu
parceiro (minha parceira).

Quando meu parceiro
(minha parceira) abraça
outra mulher (outro
homem) me sinto mal.

1 2 3 4 5

Penso em infidelidade
quando meu parceiro
(minha parceira) não
atende o celular.

1 2 3 4 5

“Perco as estribeiras”
quando acho que meu
parceiro (minha parceira)
tem qualquer tipo de
relação com outras
pessoas.

1 2 3 4 5

Fico agressiva (agressivo)
com meu parceiro (minha
parceira) quando penso que
ele (ela) pode estar sendo
infiel.

1 2 3 4 5

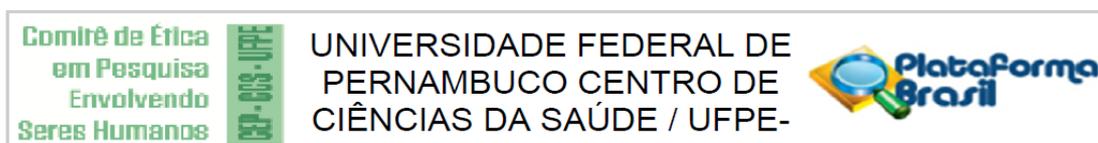
Tenho muita vontade de
grampear o telefone meu
parceiro (minha parceira).

1 2 3 4 5

Meu parceiro (minha
parceira) é melhor que eu
em nosso relacionamento.

1 2 3 4 5

ANEXO C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CIÚME ROMÂNTICO E PERCEÇÃO DA INFIDELIDADE: CORRELATOS E INFLUÊNCIAS DAS DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS

Pesquisador: Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57861416.7.0000.5208

Instituição Proponente: CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.763.760

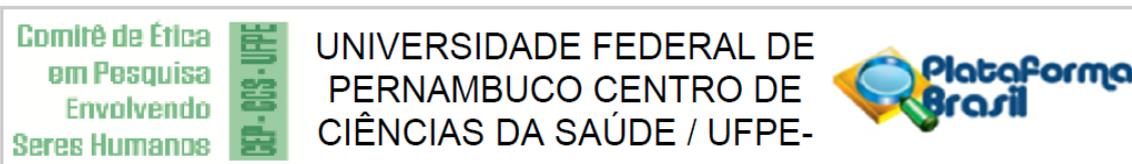
Apresentação do Projeto:

Este é um projeto de doutoramento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento que procura verificar, por meio de instrumentos de análise quantitativa, a relação entre o ciúme romântico e a percepção da infidelidade. Procura ainda identificar se essa relação apresenta variações entre homens e mulheres. Uma das questões centrais do projeto é, portanto, se a percepção da infidelidade têm ou não uma influência sobre o sentimento de ciúme. O tema tem sido pesquisado utilizando os meios propostos sobretudo nos Estados Unidos, mas os instrumentos não foram ainda validados ou verificados para o contexto brasileiro. O projeto inclui duas etapas de pesquisa: a primeira está mais voltada para a reconstrução do instrumento de pesquisa e a segunda, para a análise da hipótese central do projeto. Os sujeitos pesquisados serão estudantes finalistas de graduação e pós-graduação de todas as áreas de conhecimento em instituições pública e privada de ensino superior de ambos os sexos, maiores de 18 anos.

Objetivo da Pesquisa:

O principal objetivo da primeira etapa da pesquisa é adaptar para o contexto brasileiro e validar um instrumento de análise, o Perceptions of Dating Infidelity Scale (PDIS), reunindo indicativos de suas propriedades psicométricas.

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 1.763.760

Para cumprir esse objetivo será necessária a adequação do instrumento considerando-se as características da cultura brasileira. Além disso, será necessário averiguar evidências de sua validade fatorial e consistência interna; e verificar, por meio de análise fatorial confirmatória, sua estrutura fatorial. O objetivo geral da segunda etapa da pesquisa é "avaliar a relação existente entre o ciúme romântico e a percepção da infidelidade e as possíveis influências das diferenças entre os sexos". Mais especificamente, a pesquisadora pretende:

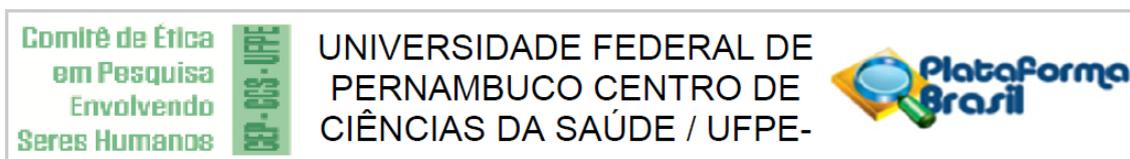
"(1) Averiguar os parâmetros psicométricos das medidas de ciúme romântico"; (2) Avaliar em que medida e direção o ciúme romântico e a percepção de infidelidade estão correlacionados; (3) Verificar a existência das diferenças entre os sexos no tocante ao ciúme romântico e a percepção da infidelidade".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos envolvidos relacionam-se à possibilidade de ocorrer algum desconforto de ordem emocional quanto ao tema abordado durante a realização da coleta de dados. A pesquisadora assegurará ao respondente a possibilidade de desistência de participar do estudo a qualquer momento, sem prejuízos, sanções ou constrangimentos. O participante terá o direito de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa informações que já tenham sido dadas. Em relação ao risco direto, a pesquisadora garante ainda o anonimato, a confidencialidade das informações prestadas e seu uso exclusivo para os fins estabelecidos pela pesquisa científica nos seus processos de produção e divulgação do conhecimento. A pesquisadora considera que, entre os benefícios diretos, está a oportunidade que os participantes terão de conhecer cientificamente uma temática constante no senso comum. Mas, o mero fato de responder ao questionário não proporciona este conhecimento que, só se daria com a divulgação e debate dos pressupostos e resultados da pesquisa. Está prevista, como forma de retribuição, caso o entrevistado deseje, a divulgação dos resultados da análise dos dados, acompanhada de um texto explicativo sobre o assunto e sobre como interpretá-los.

Quanto aos benefícios indiretos, a pesquisadora menciona "a abertura de espaços para a discussão e intervenção dos profissionais de psiquiatria e psicologia, a ampliação da compreensão das consequências e características que envolvem ciúme e a infidelidade conjugal; a contribuição em publicação científica sobre a temática..."; e sugestões para o desenvolvimento da pesquisa sobre as relações amorosas no país.

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 1.763.760

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Todas as considerações e pedidos de esclarecimento feitos no parecer original foram objeto de reflexão e resposta por parte da pesquisadora, esforço que louvamos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos de apresentação obrigatória estavam já incluídos na primeira submissão. Foi solicitada uma reformulação do TCLE para torná-lo mais claro para os entrevistados, o que foi feito com sucesso pela pesquisadora.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Tendo em vista o exposto, recomenda-se a aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO para iniciar a coleta de dados. Informamos que a APROVAÇÃO DEFINITIVA do projeto só será dada após o envio da Notificação com o Relatório Final da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final para enviá-lo via "Notificação", pela Plataforma Brasil. Siga as instruções do link "Para enviar Relatório Final", disponível no site do CEP/UFPE. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

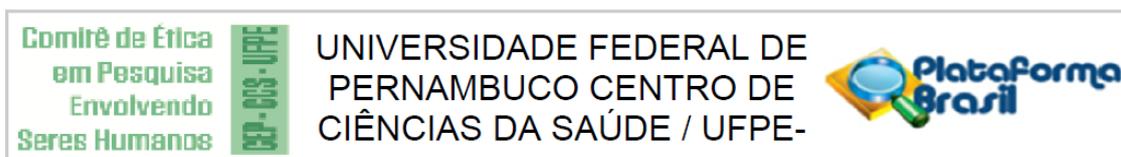
Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao voluntário participante (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Para projetos com mais de um ano de execução, é obrigatório que o pesquisador responsável pelo Protocolo de Pesquisa apresente a este Comitê de Ética, relatórios parciais das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

O CEP/UFPE deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do/a pesquisador/a assegurar todas as medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda, enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento.

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 1.763.760

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_255569.pdf	17/09/2016 00:02:27		Aceito
Outros	CARTA_DE_RESPOSTA_AS_PENDENCIAS.pdf	16/09/2016 23:56:47	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CORRIGIDO_APOS_PARACER_CONSUBSTANCIADO.pdf	16/09/2016 23:55:11	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DOUTORADO_COMITE_DE_ETICA_CORRIGIDO_APOS_PARECER_CONSUBSTANCIADO.pdf	16/09/2016 23:54:06	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	TERMODECONFIDENCIALIDADEJANE.pdf	15/07/2016 10:46:05	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	14/07/2016 22:19:51	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	14/07/2016 22:18:08	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.pdf	14/07/2016 22:06:33	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	CURRICULO_LATTES_EVERTON_SOUZEIRA_ORIENTADOR.pdf	11/07/2016 21:23:13	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	CURRICULO_LATTES_JANE_PALMEIRA.pdf	11/07/2016 21:20:00	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	11/07/2016 20:47:34	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DOUTORADO_COMITE_DE_ETICA.pdf	11/07/2016 20:46:57	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA_FBV.pdf	11/07/2016 20:42:50	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA_CIn.pdf	11/07/2016 20:42:10	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA_CFCH.pdf	11/07/2016 20:37:02	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA_CCSA.pdf	11/07/2016 20:24:50	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA_CCS.pdf	11/07/2016 20:18:00	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA_CCEN.pdf	11/07/2016 20:13:46	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_JANE_PALMEIRA.pdf	11/07/2016 19:59:10	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti	Aceito

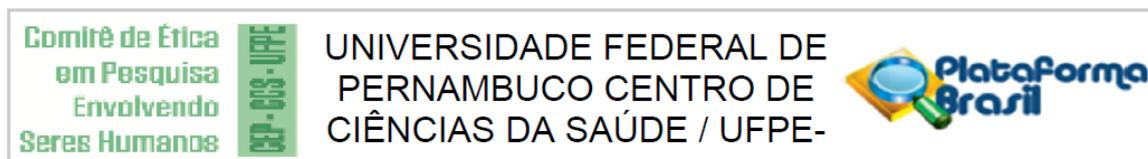
Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600

UF: PE **Município:** RECIFE

Telefone: (81)2126-8588

E-mail: cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 1.763.760

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 06 de Outubro de 2016

Assinado por:

LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador)

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br

ANEXO D – COMPROVAÇÃO DE SUBMISSÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO

ASEB-D-19-00225 - Submission Confirmation

De: "Archives of Sexual Behavior (ASEB)" <em@editorialmanager.com>

Para:
Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti

Data: Ter 21/05/19 00:52

Dear Mrs Cavalcanti,

Thank you for submitting your manuscript, Translation, Cross-cultural Adaptation, and Psychometric Properties of the Perceptions of Dating Infidelity Scale, in Brazilian Portuguese, to Archives of Sexual Behavior.

The submission id is: ASEB-D-19-00225

Please refer to this number in any future correspondence.

During the review process, you can keep track of the status of your manuscript by accessing the journal's website.

Your username is: janepalmeira

If you forgot your password, you can click the 'Send Login Details' link on the EM Login page at <https://www.editorialmanager.com/aseb/>

Should you require any further assistance please feel free to e-mail the Editorial Office by clicking on "Contact Us" in the menu bar at the top of the screen.

Thank you very much.

With kind regards,
Springer Journals Editorial Office
Archives of Sexual Behavior

Archives of Sexual Behavior
Translation, Cross-cultural Adaptation, and Psychometric Properties of the Perceptions
of Dating Infidelity Scale, in Brazilian Portuguese
 --Manuscript Draft--

Manuscript Number:	ASEB-D-19-00225
Full Title:	Translation, Cross-cultural Adaptation, and Psychometric Properties of the Perceptions of Dating Infidelity Scale, in Brazilian Portuguese
Article Type:	Article
Keywords:	Perceptions of infidelity; Cross-cultural adaptation; Content validity; Construct validity
Corresponding Author:	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti, M.D. Federal Institute of Education, Science and Technology of Pernambuco Pernambuco BRAZIL
Corresponding Author Secondary Information:	
Corresponding Author's Institution:	Federal Institute of Education, Science and Technology of Pernambuco
Corresponding Author's Secondary Institution:	
First Author:	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti, M.D.
First Author Secondary Information:	
Order of Authors:	Jane Palmeira Nóbrega Cavalcanti, M.D. Tatiana de Paula Santana da Silva, Ph.D Everton Botelho Sougey, Ph.D
Order of Authors Secondary Information:	
Funding Information:	
Abstract:	Through specific behavior that may be indicative of betrayal, the Perceptions of Dating Infidelity Scale (PDIS) assesses how people perceive infidelity. The objective of this study was the translation, cross-cultural adaptation and PDIS validation into Brazilian Portuguese. Two-step procedures were conducted to attain this, the first with qualitative analyzes (translation, translation synthesis, content validation, pre-test and reverse translation) and the second with quantitative analyzes (psychometric parameter tests), using a sample of 252 participants. The qualitative results indicated consistent evidence of PDIS adequacy (conceptual and idiomatic equivalences). The content validation phase indicated satisfactory Content Validity Coefficients (CVC) regarding language clarity, practical pertinence and theoretical relevance. The theoretical dimension presented a level of agreement considered near perfect. The application of the pre-test proved to be a good parameter for estimating the comprehension of the measure in the culture for which it is intended. The quantitative analysis phase confirmed the factorial validity and reliability of the PDIS. By using the exploratory factor analysis (EFA) it was possible to identify three factors with ambiguous, deceptive and explicit behaviors, corroborating with the structure indicated in the original version. Confirmatory factor analysis (CFA) showed good indexes of adjustment quality of the tested trifactorial model. Thus, the Brazilian Portuguese PDIS is a useful tool for evaluating infidelity perceptions.